



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FLORESTAS
CURSO DE ENGENHARIA FLORESTAL**

CARLOS AUGUSTO GOUVEIA DA SILVA

**ANÁLISE CRÍTICA DA ARTICULAÇÃO DE AGROECOLOGIA DO
RIO DE JANEIRO**

**PROF. DR. LUÍS MAURO SAMPAIO MAGALHÃES
ORIENTADOR**

**SEROPÉDICA - RJ
Novembro 2011**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FLORESTAS
GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA FLORESTAL**

CARLOS AUGUSTO GOUVEIA DA SILVA

ANÁLISE CRÍTICA DA ARTICULAÇÃO DE AGROECOLOGIA DO

RIO DE JANEIRO

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Engenheiro Florestal do Instituto de Florestas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

PROF. DR. LUÍS MAURO SAMPAIO MAGALHÃES

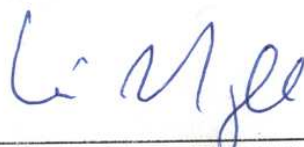
ORIENTADOR

**SEROPÉDICA – RJ
Novembro 2011**

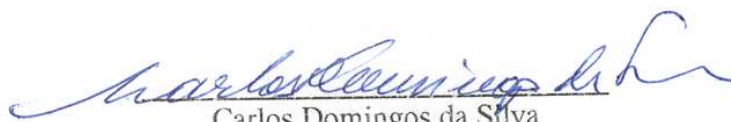
**ANÁLISE CRÍTICA DA ARTICULAÇÃO DE AGROECOLOGIA DO
RIO DE JANEIRO**

Comissão examinadora:

Monografia apresentada em 18 de novembro de 2011.



Luís Mauro S. Magalhães



Carlos Domingos da Silva



Robledo Mendes da Silva

AGRADECIMENTOS

Deixa clarear.
Quem nasce no colo dos pobres clareia a
vida sendo a própria luz.
Isso basta.
Assim disseram os que me ensinaram a
liberdade sem chorar migalhas ao mundo.
Foram riso e foram suor.
Mas nunca dor.
Dor passa.
E o que fica é luta.
Deixa clarear.
E isso basta.
Depois o vento que sempre vem
quebrou as coisas velhas e varreu a sala
com seu jeito de mostrar
levando pra fora o que foi preciso
pro quintal do tempo, onde outra verdade
ilumina.
De cor viva, de cheiro forte, de gosto ébrio,
de pele úmida.

Mas nunca de sofrimento.
Isso passa.
E o que fica é amor.
Deixa clarear.
E isso basta.
E daí que chego longe a ponto de ver
outro povo.
Povo que também ri, que também luta,
que também goza.
E assim descobre que temos tantos
irmãos que não podemos contar.
Chego agora num lugar que lembra
sempre o colo que deixei.
Com companheiros, com alegria e com
trabalho.
Mas nunca com arrependimento.
Porque coisa assim passa.
O que fica é ensinamento.
Deixa clarear.
Isso basta.

Gregor Samsa

*Este trabalho só se tornou possível
graças à inspiração sentida junto à luta
do povo.*

*E certamente não seria tão divertido sem
o amor de Igor Conde, Robledo Mendes,
Fernanda Olivieri e Luciana Nogueira.*

AXÉ!

RESUMO

A agricultura ecológica vem ao longo dos tempos sendo cada vez mais referenciada por produtores rurais familiares, entidades de ensino, pesquisa e extensão, movimentos sociais e consumidores na perspectiva de fortalecer uma produção de alimentos saudáveis, com justiça social e soberania alimentar. Os passos necessários ao efetivo estabelecimento destas propostas são diversos de acordo com as distintas demandas e especificidades de cada região no país, cabendo aos que as defendem compreender sua multiplicidade de desafios no intuito de avançar nas discussões. Desta maneira, o presente trabalho objetiva analisar as ações realizadas pela rede de organizações agroecológicas: “Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro” em seu Estado de atuação. Para tal objetivo pretende-se avaliar o que de concreto foi construído pela organização de acordo com seus principais documentos, publicações e relatórios. A análise aponta que os principais avanços da experiência em estudo baseiam-se no fortalecimento da organicidade entre os protagonistas desta rede, na formação em agroecologia e no debate com a sociedade.

Palavras Chave: Articulação de Agroecologia, produtores familiares, organização, Rio de Janeiro.

ABSTRACT

Ecological agriculture has over time increasingly referenced by family farmers, educational, research and extension institutions, social movements and consumers from the perspective of strengthen a healthy food, social justice and food sovereignty. The steps necessary for the effective establishment of these proposals are different according to different demands and characteristics of each region in the country, requiring those who defend their proposals, to understand the multiplicity of challenges in order to advance the discussions. Thus, this study aims to analyze the actions taken by the network of agroecological organizations "Agroecology Articulation of Rio de Janeiro" in their state of operation. For this purpose it is intended to assess what of concrete was built by the organization according to their key documents, publications and reports. The analysis shows that the main advances of the experience in study are based on the strengthening of producers in a organic network, in agroecology training and consultation with civil society.

Key Words: Agroecology Articulation, family farmers, organization, Rio de Janeiro.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	1
1.1-A construção do conhecimento agroecológico.....	2
2- METODOLOGIA	4
3- ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	4
3.1 O conhecimento gerado pela troca de experiências	8
3.2 Articulações com instituições de ensino superior	16
4. CONCLUSÕES FINAIS	24
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25
7. ANEXOS	27
7.1 Anexo 1.....	27
7.2 Anexo 2.....	53
7.3 Anexo 3.....	84
7.4 Anexo 4.....	88
7.5 Anexo 5	113

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Benefícios locais, nacionais e globais dos sistemas agroflorestais (SAFs)

Figura 2: Divisão Regional da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ)

1. INTRODUÇÃO

Oriunda, enquanto conceito, das discussões acerca do fortalecimento de uma proposta alternativa à modernização da agricultura intensificada anos 70, pela chamada Revolução Verde, a agricultura ecológica pode ser classificada tão antiga quanto a própria história da agricultura na humanidade, se entendida como modelo em busca de uma maior sustentabilidade na relação homem – natureza.

Sem muitas considerações acerca de épocas remotas na evolução das relações agrárias, consideremos o início da industrialização no campo como ponto de partida para a elaboração de nossa reflexão.

Chama-se comumente de Revolução Verde, o período da história em que um projeto de produção de alimentos foi desenhado pelos países de maior poderio econômico e político, baseado na intensa modernização do instrumental produtivo, através do uso intensivo de insumos e de energia fóssil aplicados em amplas áreas de monocultivo para alimentar a humanidade nas seguintes décadas.

Ao relacionar a questão da fome com o expoente crescimento populacional, tratando de buscar respostas para minimizar estes agravos apenas pelo aspecto produtivo, o período de Revolução Verde trouxe uma série de conseqüências danosas à toda a população mundial, em especial a do campo e desconsiderou reflexões mais profundas acerca do debate da soberania alimentar dos povos com nos mostra Josué de Castro :

“Um dos grandes obstáculos ao planejamento de soluções adequadas ao problema da alimentação dos povos reside exatamente no pouco conhecimento que se tem do problema em conjunto, como um complexo de manifestações simultaneamente biológicas, econômicas e sociais.” (CASTRO, 1984, p.34)

A adoção de tecnologias baseadas apenas no incremento produtivo resultaram através dos anos em estatísticas que comprovam a não redução dos números da fome no mundo e principalmente altos índices de degradação das terras agricultáveis no mundo, êxodo rural, inchamento de áreas periféricas nas grandes metrópoles, assim como, perdas incalculáveis de conhecimento historicamente produzido por trabalhadores rurais no trato com a terra.

“As pesquisas sobre a Revolução Verde foram importantes para a evolução do pensamento agroecológico porque o estudo dos impactos destas tecnologias foi um instrumento para mostrar os tipos de preconceitos que predominavam nas idéias de desenvolvimento e agricultura. Esta pesquisa também resultou na primeira análise realmente multidisciplinar dos resultados ecológicos, sociais e econômicos e das mudanças técnicas da agricultura por um amplo espectro de analistas. A extraordinária aceleração da estratificação social campesina associada à Revolução Verde indicou,

imediatamente, que esta tecnologia não era socialmente neutra, mas sim capaz de transformar dramaticamente as bases da vida rural de um grande número de pessoas.” (ALTIERI, 1989, p. 24)

Um dos métodos principais de inserção destas propostas trazidas pela Revolução Verde, a extensão rural, adotou a sobreposição do saber científico sobre o saber empírico.

“Tal é o dilema do agrônomo extensionista, em face do qual precisa manter-se lúcido e crítico. Se transforma os seus conhecimentos especializados, suas técnicas, em algo estático, materializado e os estende mecanicamente aos camponeses, invadindo indiscutivelmente sua cultura, sua visão de mundo, concordará com o conceito de extensão e estará negando o homem como um ser da decisão. Se, ao contrário, afirma-o através de um trabalho dialógico, não invade, não manipula, não conquista; nega, então, a compreensão do termo extensão.” (FREIRE, 1983, p. 29)

Admite-se então que a extensão rural, entendida como ferramenta do saber acadêmico que estende o conhecimento produzido pela universidade à população do campo, impôs técnicas e tipos de manejo sem maiores reflexões sobre os diversos cenários em que se inseria, ocasionando desta forma a subordinação do saber local (historicamente construído de acordo com as relações homem – natureza) ao saber institucional (construído sob a lógica reducionista).

1.1- A construção do conhecimento agroecológico:

Os meios pelos quais a agricultura ecológica historicamente se desenvolve enquanto matriz tecnológica de produção estão profundamente enraizados nas práticas experimentadas pelos trabalhadores e trabalhadoras no campo, de acordo com suas vivências inter-relacionadas com o meio em que se inserem. Disso entendemos que existe uma relação direta entre ecossistemas regionais, formas de manejo e efetividade produtiva, no sentido de que quanto maior a evolução cultural no desenvolvimento de técnicas produtivas adaptadas às imposições ecológicas do meio, maior será a sustentabilidade do sistema produtivo em questão.

“Os sistemas de produção agroecológica e particularmente os sistemas agroflorestais são potencializadores da biodiversidade e da diversidade de alimentos. Os agricultores e agricultoras têm desenvolvido ações de intercâmbio de recursos genéticos e troca de sementes, assim como estimulado a produção de mudas de espécies nativas.” (RIGON et al, 2010, p. 10)

Utilizando como exemplo desta argumentação baseada na co-evolução entre processos produtivos e sustentabilidade ecológica, Altieri (2011) ilustra esta discussão com a prerrogativa dos sistemas agroflorestais ampliando o debate para a sustentabilidade social econômica:



Fig. 1 – Benefícios locais, nacionais e globais dos sistemas agroflorestais (SAFs). FONTE: Revista Agriculturas: experiências em agroecologia, p.2, v.8, n.2, 2011.

Em linhas gerais a agroecologia fundamenta-se então no desenvolvimento de ações no campo que priorizem a produção de alimentos de maneira a possibilitar intervenções ecológicas sustentáveis através da co-evolução homem – natureza, relações econômicas viáveis à toda a cadeia envolvida no processo e condições sociais que valorizem a diversidade das relações humanas baseadas na soberania dos povos.

Embora estas sejam afirmativas em consenso entre os meios de debate em torno da agricultura ecológica, conforme Lustosa (2011), a definição de agroecologia ainda é pauta de muitas discussões e debates por conta do seu processo ainda em construção.

Seja qual for a adoção estrita da definição do conceito a que se destina exemplificar a agroecologia, admitimos com clareza que a defesa de seus pressupostos gerais indica um rompimento com o modelo hegemônico de agricultura adotado pelo agronegócio dedicando-se à construção de um modelo amplamente conectado às diversas realidades da agricultura familiar de base camponesa.

Sendo assim, este trabalho objetiva analisar os avanços concretos no território ocupado pela agroecologia no estado do Rio de Janeiro de acordo com as ações desenvolvidas pela rede de organizações agroecológicas “Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro”.

2. METODOLOGIA

A metodologia aqui efetuada aborda a análise de documentos da AARJ, como relatos de atividades, prestação de contas a entidades de pesquisa como o CNPQ, publicações em revistas, sites e livros.

Estas análises baseiam-se na descrição da experiência da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro e nas suas principais construções a nível estadual.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro – AARJ- nasceu em meados de 2006 como uma rede de organizações da sociedade civil, movimentos sociais do campo e da cidade e entidades de ensino, pesquisa e extensão com os objetivos principais de mapear, sistematizar e articular ações em conjunto de iniciativas a favor de uma agricultura ecológica.

A justificativa destes objetivos se ampara na necessidade de reconhecer no âmbito estadual quem são os atores que dão coerência na defesa da agroecologia através de experiências concretas, quem são os que se encontram em um processo de transição e como estes podem traçar estratégias em comum para crescer em qualidade e quantidade debatendo a produção de alimentos de forma sustentável com a sociedade e com o modelo hegemônico de produção no campo, o agronegócio.

De acordo com o documento “Diagnóstico e sistematização de experiências em agroecologia do Rio de Janeiro” (ver anexo 1) organizado pela Secretaria Executiva da AARJ em 2006: *“Primeiramente foram reunidas diversas entidades num grupo de articulação que ao longo deste diagnóstico procurou mobilizar as bases de cada movimento com o objetivo de identificar e sistematizar as experiências em curso no estado.”*

As organizações que se envolveram neste grupo foram : AS-PTA (Assessoria à Projetos de Tecnologia Alternativa), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), EMBRAPA Agrobiologia, Comissão Pastoral da Terra (CPT), Rede Fitovida de plantas medicinais, Cooperativa de Prestação de Serviços em Agroecologia (CEDRO), Rede Ecológica de consumidores, Empresa de Pesquisa Agropecuária do estado do Rio de Janeiro (Pesagro-Rio) Universidade Federal Fluminense/Departamento de Geografia, Grupo de Agricultura Ecológica/UFRRJ e Associação de Agricultores Biológicos (ABIO).

A partir de algumas reuniões e definições sobre a sistematização de experiências foram identificadas 32 em todo o estado.

Entende-se, portanto, a pouca articulação entre os produtores agroecológicos como uma fragilidade da época em que foi criada a AARJ, sendo sua criação um passo prioritário na ocasião conforme consta no mesmo documento : *“Este foi um importante passo haja visto que o estado do Rio de Janeiro apresenta uma baixa articulação em torno destas iniciativas agroecológicas, caracterizando-se por experiências isoladas desenvolvidas por cada entidade.”* (anexo 1)

Ilustra ainda esta justificativa a fala de Paulo Petersen da AS-PTA no I Encontro Estadual de Agroecologia em 2006 (ver anexo 2):

“O momento histórico pede que criemos projetos de futuro e serão mais bem elaborados se as pessoas trocarem experiências. A mudança geral só acontecerá se houver mobilização para elaborar projetos, reivindicar direitos e pressionar o poder público por políticas adequadas aos agricultores familiares.”

No entanto, o debate no estado em torno de uma agricultura ecológica, socialmente justa e economicamente adequada a toda população não data apenas de 2006, mas se aprimora desde a intensificação da modernização agrícola, a qual chamamos de Revolução Verde.

O Rio de Janeiro já contava ao final dos anos 70 e meados da década de 80 com organizações populares como a ABIO (Associação de Agricultores Biológicos), a COONATURA (Cooperativa de Consumidores de Produtos Naturais) e o GAE (Grupo de Agricultura Ecológica), que debatiam e divulgavam princípios agroecológicos em contraposição aos efeitos nocivos da Revolução Verde.

Neste período o termo agroecologia ainda era embrionário e vários eram os conceitos que nasciam, conforme nos diz Lustosa (2011): “Diferentes escolas ou linhas filosóficas são criadas no decorrer deste tempo no mundo, como a Agricultura orgânica, Agricultura Biodinâmica, Agricultura Biológica, Agricultura Natural, Permacultura, Agricultura regenerativa, Agricultura Ecológica e por fim a Agroecologia, sendo as diferenças observadas nas ênfases e teorias em suas estruturas conceituais e práticas”. O Rio de Janeiro inclusive sediou em 1984 o Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa, na mesma década o Encontro Nacional de Comunidades Alternativas e em 1994 o Seminário Nacional de Agricultura Alternativa.

A adoção definitiva do conceito que cada organização iria defender veio com o passar dos anos de acordo com o que cada entidade afirmasse enquanto ideologicamente mais adequado.

De acordo com o site da AARJ a opção pela agroecologia se baseia nos seguintes argumentos:

“O agronegócio tão bem tratado e com tanto prestígio atualmente no Brasil é o mesmo que trata tão mal, há várias décadas, agricultores familiares, indígenas, quilombolas e Sem Terras. Investidas atuais em monoculturas convencionais de oleaginosas (biocombustíveis) ou na monocultura de cana-de-açúcar (produção de etanol) se avolumam sobre o território impactando social e ambientalmente. Exemplo destes impactos assistimos no campo mexicano onde a monocultura de milho transgênico para produção de etanol substituiu os campos para produção de alimento. Converteram-se alimentos em combustíveis. Este cenário aparentemente desanimador para quem busca a soberania alimentar a partir da decisão do

que, como e para quem produzir, preservando a biodiversidade e identidade dos (as) agricultores (as) ressalta a necessidade de se contrapor a este modelo a partir da organização política e da agroecologia.”

Analisa-se a partir deste argumento que existe um “pano de fundo” por detrás dos objetivos que conectam os distintos atores desta rede, baseado em fatores ecológicos, culturais, econômicos e sociais.

Este período inicial de elaboração dos objetivos e defesa do conceito agroecológico é fundamental para a construção da proposta de metodologia organizativa adotada pela AARJ.

Organizam-se na AARJ: agricultores familiares, agricultores urbanos, assentados da reforma agrária, acampados, artesãos, comunidades tradicionais, agentes de pastorais, professores, estudantes, técnicos, extensionistas, consumidores, movimentos sociais, organizações não governamentais e governamentais que atuam diretamente no desenvolvimento e fortalecimento de experiências em Agroecologia no estado do Rio de Janeiro.

Como forma de garantir a máxima expressão da ampla gama de diversidade que caracteriza a agricultura ecológica no estado, a AARJ se divide em 6 regiões. Sendo elas: Metropolitana, Sul, Norte Fluminense, Serrana, Serra Mar e Vale do Paraíba (representado exclusivamente pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra), conforme sinaliza o mapa abaixo:

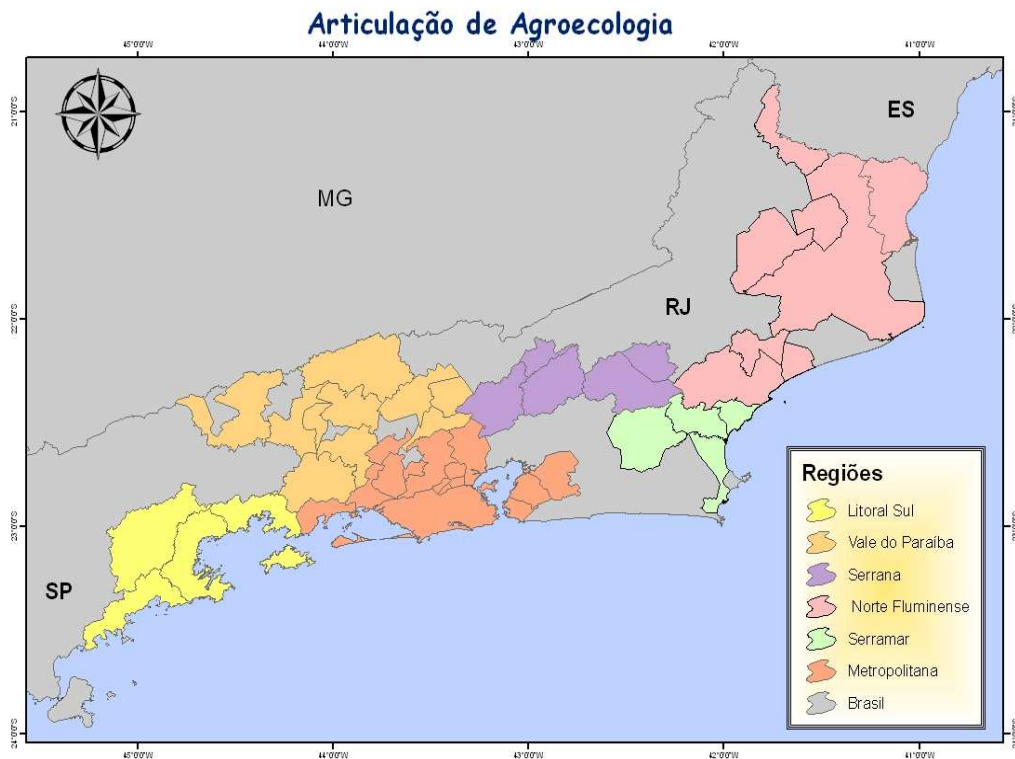


Fig. 2- Divisão Regional da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ)
Fonte: www.articulacaorj.blogspot.com/p/quemsomos.html

Em argumentação a esta escolha organizativa, cabe citar o seguinte trecho da Carta Política final do II Encontro Nacional de Agroecologia no mesmo ano de criação da AARJ:

“As experiências em agroecologia, em curso nas diferentes regiões, realçam o ativo papel de trabalhadores e trabalhadoras do campo como possuidores e mantenedores de importante patrimônio cultural. Destacam também a importante função que eles têm na inovação agroecológica e na partilha de conhecimentos em suas comunidades e municípios. O maior domínio dos processos de produção e circulação de conhecimentos por parte das comunidades e famílias rurais tem se mostrado condição essencial para a elevação da auto-estima e a criação de capacidades autônomas de gestão de projetos coletivos locais por parte das organizações de trabalhadores e trabalhadoras do campo. Nesse sentido, o exercício do papel de agente produtor de conhecimentos gera empoderamento individual e coletivo.” (Carta Política II ENA, 2006, p.16)

Outras organizações no país utilizam métodos semelhantes como a Articulação Mineira, a Articulação Paulista, e a Capixaba de Agroecologia, assim como a Rede Ecovida. Estas organizações mantêm diálogo constante entre si colaborando na construção da Articulação Nacional de Agroecologia.

A AARJ, disposta a contribuir na concretização de uma agricultura ecológica, com princípios gerais bem definidos e técnicas produtivas adaptadas às especificidades de cada região, articula-se a nível nacional com as demais organizações de objetivos semelhantes.

Entendendo a agricultura ecológica de base familiar como matriz tecnológica marginal nos incentivos públicos governamentais e considerando o agronegócio como o principal dreno de recursos econômicos e esforços políticos, a construção das ações agroecológicas no país encontram na Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) uma crescente organização de base popular com grande potencial de influenciar a tomada de decisões na elaboração de políticas públicas.

A Articulação Nacional de Agroecologia reúne movimentos, redes e organizações engajadas em experiências concretas de promoção da agroecologia, de fortalecimento da produção familiar e de construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento rural.

A atuação da ANA está ancorada em dois objetivos principais: de um lado, favorecer os fluxos de informação e o intercâmbio entre as experiências concretas e as dinâmicas coletivas de inovação agroecológica e desenvolvimento local, integrando esforços de movimentos sociais e de redes locais e regionais. De outro lado, fortalecer a capacidade do movimento agroecológico de refletir sobre suas experiências, sistematizando e socializando seus ensinamentos, e construindo propostas de políticas públicas para fortalecimento do campo agroecológico.

Até esta data a ANA realizou dois Encontros Nacionais de Agroecologia, em 2002 no Rio de Janeiro e em 2006 no Recife, e o Encontro Nacional de Diálogos e Convergências, em 2011 na Bahia, todos estes com objetivos semelhantes de trocas de experiências entre as organizações e fortalecimento do movimento agroecológico no Brasil.

3.1 O CONHECIMENTO GERADO PELA TROCA DE EXPERIÊNCIAS

Desde o princípio de suas formulações teóricas e práticas, a construção do conhecimento agroecológico esteve profundamente embasada na troca de experiências e diálogos de saberes. A adoção de metodologias dialógicas no processo pedagógico amplia de forma substancial o potencial de conectar-se às reais demandas dos que se deseja beneficiar, já que se pautam na diversidade de temas que estes mesmos sujeitos propuseram, fazendo-os atores no processo educativo.

A opção metodológica da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro - AARJ visa fortalecer as experiências que vêm acontecendo a partir da identificação, sistematização e mapeamento das mesmas. Espera-se com isto, obter um mapa das expressões da agroecologia que apontem alternativas pertinentes à produção e à organização popular de resistência e em contraposição a ocupação dos territórios pelo agronegócio, pela especulação imobiliária ou mesmo pelo impacto social causado pela urbanização. Da mesma forma faz parte dos objetivos mapear políticas públicas medindo suas benesses ou reveses, no intuito de influenciá-las em prol do movimento agroecológico, construindo propostas a serem pautadas nas lutas de cada movimento participante da Articulação.

Com a tarefa de contribuir na construção do conhecimento agroecológico de maneira coletiva e avançar na elaboração de estratégias para a concretização de um território cada vez mais amplo no estado, a AARJ organizou dois Encontros Estaduais de Agroecologia.

“É desta forma que dia após dia, as experiências resistem e apontam caminhos, semeando espaços de esperança e solidariedade, permanentemente fertilizados pelos diálogo e intercâmbio de saberes entre agricultores, destes com seus pares urbanos, com o conhecimento acadêmico, enfim, o que se busca é demonstrar que num mundo onde a perversidade da fome, a incoseqüência da degradação ambiental e a violação da dignidade humana são constantes, é possível cultivar novos valores e novas práticas, que gerem autonomia e emancipação social, que estabeleçam relações harmoniosas do ser humano com seu meio e que nos permitam sentar-nos todos a mesa para partilhar de alimentos carregados de vitalidade, história e justiça.” (RIGON et AL, 2010, p. 6)

O 1º ENCONTRO ESTADUAL DE AGROECOLOGIA

Entre os dias 09 e 10 de maio de 2006, motivados pelo sentimento de mobilização a nível estadual para a ida da delegação do Rio de Janeiro ao II Encontro Nacional de Agroecologia no Recife e pela necessidade crescente de fomentar uma articulação agroecológica no estado, ocorre o I Encontro Estadual de Agroecologia do Rio de Janeiro.

A região escolhida para sediar o evento foi a Baixada Fluminense, especificamente no Centro de Formação de Líderes na Rua Dom Adriano Hipólito, 08 – Moquetá - Nova Iguaçu. Este fato carrega em si a nobre missão de discutir a relação ecológica na produção de alimentos em uma região de alto índice de subnutrição como a Baixada Fluminense.

De acordo com o material preparatório para o encontro disponível no site da AARJ, os objetivos principais do evento foram:

- Promover intercâmbios entre as experiências;
- Debater a realidade do estado do RJ;
- Preparar delegação para a ida ao Encontro Nacional de Agroecologia;
- Levantar idéias para fortalecer as experiências em curso e o debate aqui no estado do RJ;
- Entender quais são os desafios que devemos enfrentar.

Conforme o anexo 2, as entidades envolvidas mobilizaram o total de 106 pessoas representando uma alta diversidade de perfis, entre movimentos sociais, instituições de assistência técnica rural, universidades, organizações populares religiosas, grupos comunitários e organizações de estudantes. Esta diversidade contribui para a riqueza da troca de experiências na construção do conhecimento agroecológico em especial na conjuntura de reconhecimento dos atores, assim como do ambiente ecológico, social e político em que se encontram, caracterizando o evento como um momento oportuno para afirmar a consolidação de alianças táticas e estratégicas no trilhar coletivo rumo à fortificação da agroecologia no estado.

Mais uma vez reconhece-se a importância da diversidade de atores no processo:

Segundo Monica Cox, docente da UFF (ver anexo1):

“As justificativas e as motivações das experiências mesclam tanto fatores ambientais, quanto sociais. Algumas destas justificativas serão aqui ressaltadas brevemente. A importância de garantir atividades de recuperação ambiental e produtivas, frente aos embates com unidades de conservação. Integrar agricultura e floresta, diversificar a produção. Ir além do conhecimento técnico e enfoque reducionista das universidades e avançar na troca entre conhecimento científico e popular, entre professores, estudantes e agricultores. Resgatar referências culturais e construir um inventário, garantindo também um instrumento de mobilização das comunidades. Incentivar a medicina popular, a manipulação das plantas medicinais e o resgate desse conhecimento. Estimular jovens na busca por um caminho de formação e de valorização da agricultura. Poder na

prática vivenciar e experimentar tecnologias e princípios agroecológicos. Construir o conhecimento de alternativas de forma coletiva. Construir possibilidades para tornar a qualidade de vida e o ambiente na cidade saudáveis. Proporcionar alimentos saudáveis e participar da dinâmica de reciclagem da vida. Aproximar agricultores e consumidores. Garantir a segurança alimentar. Conquistar novos direitos, novo território e novo sistema produtivo.”

Ainda sobre o mesmo tema, disse Paulo Petersen (AS-PTA) (ver anexo1):

“Hoje vivemos algo inédito, eventos como este em que pessoas se encontram para partilhar conhecimentos estão acontecendo pelo Brasil afora. O grande valor da partilha é acreditar que o conhecimento é livre. Isto leva a acreditar que nós temos que partilhar para que o conhecimento de qualquer pessoa venha ampliar o conhecimento cultivado pelo povo (É a liberdade do conhecimento). O momento histórico pede que criemos projetos de futuro e serão mais bem elaborados se as pessoas trocarem experiências. A mudança geral só acontecerá se houver mobilização para elaborar projetos, reivindicar direitos e pressionar o poder público por políticas adequadas aos agricultores familiares. Aqui se falou muito em articulação, mas como fazer? O papel da liderança é importante desde que respeite a base. A força está na base!”

Como a dinâmica do encontro é focada no reconhecimento das experiências e na busca de parceiros de luta, o papel da organização de base é fundamental para que haja continuidade nos avanços da agroecologia e para que exista de fato a coerência necessária ao discurso em defesa de uma agricultura familiar que reconheça a si própria como agente transformador da história e que saiba falar de suas principais bandeiras, demandas e princípios independente da figura do técnico extensionista, liderança de movimento ou representante do poder público.

A diversidade demonstrada no perfil dos participantes é indicadora também da multiplicidade de vivências cotidianas com o tema da agroecologia, enriquecendo a todos os componentes da AARJ com questionamentos, dificuldades, superações e diferentes níveis de amadurecimento na produção agroecológica.

O caráter do encontro, conforme já explicitado em seus objetivos, era de maneira geral reconhecer o território em que se encontra a agroecologia no estado, fortalecer articulações e preparar uma delegação para o II Encontro Nacional de Agroecologia.

Analisando de forma a correlacionar a programação e os objetivos iniciais do encontro admitimos que o mesmo cumpriu suas metas já que:

- Promover intercâmbios entre as experiências; contemplado pelo espaço “Apresentação das experiências em grupos com temas geradores”
- Debater a realidade do estado do RJ; - contemplado pelo Painel “Panorama da agricultura no RJ – contraposição de modelos – Paulo Alentejano (UERJ)”
- Preparar nossa delegação para a ida ao ENA; contemplado pelo espaço “Abertura (apresentação dos objetivos e informes sobre o ENA e apresentação do seminário estadual)”
- Levantar idéias para fortalecer as experiências em curso e o debate aqui no estado do RJ; contemplado pelo espaço “Grupos de discussão por região (N/NE, Lagos, Metropolitana, Sul e Serrana)”
- Entender quais são os desafios que devemos enfrentar – contemplado pelo espaço “Grupos de discussão por região (N/NE, Lagos, Metropolitana, Sul e Serrana)”

O sucesso na clareza do mapeamento destes objetivos, coerência na escolha dos temas de debate e êxito na discussão dos mesmos é fruto da metodologia adotada pela preparação do encontro, pautada na participação efetiva das entidades mobilizadoras e da inserção das discussões em suas bases sociais. Através desta metodologia a AARJ apresenta de forma concreta uma alternativa de construção de conhecimento antagônica àquela baseada em alicerces que não sejam de acordo com a real demanda da sociedade.

Conforme o relatório final do encontro, o evento finalizou com a aprovação de 45 pessoas para compor a delegação do Rio de Janeiro a participar do II ENA entre os dias 02 e 06 de junho de 2006, ampliando de maneira crescente os debates e a compreensão dos desafios na construção agroecológica não somente no estado mas sim a nível nacional.

CONCLUSÕES PRELIMINARES SOBRE O 1^o ENCONTRO ESTADUAL DE AGROECOLOGIA

De acordo com as informações analisadas e mediante as referidas discussões concluímos como avanços diretos e indiretos da ação:

AVANÇOS DIRETOS – OBTIDOS EM CURTO PRAZO

A troca de informações entre as distintas regiões que compõem a AARJ pode ser entendida como o principal avanço deste evento visto que foi a primeira realização do tipo organizada a nível estadual pela articulação. Entendendo a conjuntura deste ano, já debatida anteriormente e caracterizada enquanto de baixa relação entre as regiões, o pouco conhecimento das práticas realizadas pelos produtores agroecológicos do estado impedia avanços maiores a nível coletivo, o que justificava ainda mais a realização de um amplo mapeamento e sistematização destas informações.

Paralelo a este mapeamento específico dos produtores agroecológicos, segue o avanço formativo sobre a conjuntura agrária no estado, também facilitado pela ação em análise. O debate acerca deste tema é pauta frequente e de caráter decisivo nas escolhas estratégicas das construções coletivas visto que é a partir dele que uma ampla visão do cenário agrário estadual é traçada, mapeando informações territoriais, produtivas e políticas no âmbito da agricultura familiar e do agronegócio.

Considerando então um maior entendimento da conjuntura agrária estadual e do perfil dos produtores agroecológicos, ao longo do encontro facilita-se o fomento à formação e à

manutenção de redes entre os diversos atores que compõem a AARJ, visto que compreendem em maior amplitude os pontos de ligação entre distintas e semelhantes realidades, assim como visualizam a necessidade crescente de se articular para melhor operacionalizar futuros avanços. Neste encontro em particular somou-se o fortalecimento de articulações nacionais considerando a delegação escolhida para participar no II Encontro Nacional de Agroecologia.

RESULTADOS ESPERADOS A MÉDIO E LONGO PRAZO

Esta conquistas efetivadas em curto prazo pela realização do encontro em si traçam expectativas a médio e longo prazo a serem obtidas ao longo da consolidação das experiências em agroecologia e das articulações entre estas. O fomento à produção agroecológica é aqui entendido enquanto principal expectativa sendo considerada como fortificação de uma base produtiva que possa atender demandas regionais e estaduais empoderando de coerência o discurso político em defesa das exigências ao poder público com o caráter de fortalecimento da agricultura familiar ecológica em contraponto ao agronegócio puramente voltado aos interesses do grande capital.

O 2^o ENCONTRO ESTADUAL DE AGROECOLOGIA

O II Encontro Estadual de Agroecologia ocorre entre os dias 5 e 7 de agosto de 2010 em Seropédica, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro com a presença de 348 participantes.

Desta vez, o tema central da atividade foi “Caminhos da transição agroecológica pela soberania alimentar”, sendo dois os objetivos principais do encontro:

- Fortalecer a transição para a agroecologia nas regiões através do fortalecimento das experiências;
- Fortalecer o debate pela agroecologia no Estado do Rio de Janeiro, abordando seus grandes temas e suas principais frentes de trabalho.

Conforme podemos analisar, esta ação difere da realizada em 2006 pois aponta essencialmente como foco a temática produtiva sob o viés da transição para uma matriz tecnológica embasada na agricultura ecológica.

Esta análise reflete a vivência de um segundo momento histórico da AARJ, baseado na afirmativa de estratégias entre as experiências já amplamente mapeadas e sistematizadas desde 2006.

Justifica-se enquanto verdadeira esta afirmativa, através dos próprios objetivos centrais do encontro, pois ao relatar a necessidade de “Fortalecer o debate pela agroecologia no Estado do Rio de Janeiro, abordando seus grandes temas e suas principais frentes de trabalho.” considera-se já superada a conjuntura de definição destas frentes de trabalho no campo, assim como, da elaboração de seus principais temas de apoio.

Desta forma, pela experiência em si deste encontro estadual já podemos inferir a conclusão preliminar de um significativo avanço na concretização da agroecologia no estado através da experiência da AARJ. Porém, cabe aqui analisar os documentos disponíveis sobre a ocasião (ver anexo 3) de maneira a inferir interpretações mais refinadas sobre a mesma.

O conteúdo formativo do encontro apresentou seminários, oficinas e uma feira de trocas de experiências, que ao final do evento foram sistematizados e condensados na elaboração de uma carta política.

SEMINÁRIOS E PAINÉIS

Segundo a matéria sobre o encontro disponível no site “Pratos Limpos”:

No painel "Conjuntura da Transição para a Agroecologia", Marina Santos, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, abordou a elevada concentração de terra no Brasil, apontando que a garantia de distribuição de terras deve ser uma decisão do estado. Marina enfatizou a defesa pública da terra e da água e ressaltou a necessidade de mudança do modelo agroexportador da agricultura brasileira, baseado na monocultura e na concentração de terra, para uma matriz ecológica, sem agrotóxicos. Marina apontou para a necessidade de apoio a um modelo de pequenas agroindústrias no campo, que podem atender até quatro assentamentos, bem como a urgência na erradicação do analfabetismo no campo, uma vez que cerca de 49% da população rural é analfabeta, segundo o Ministério da Educação. (II ENCONTRO ESTADUAL DE AGROECOLOGIA, 2010)

Neste debate, importante salientar que dentro do contexto de discussão da produção agroecológica, a AARJ não dissocia o debate sobre questões fundiárias e sobre o papel das entidades públicas na estruturação de melhorias nas condições produtivas básicas no campo que estejam adequadas às demandas populares da pequena agricultura familiar.

Ainda sobre a programação citando a discussão apresentada por Paulo Petersen, coordenador-executivo da Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA) e vice-presidente da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) (ver anexo 3):

“A produção está muito afastada do consumo, e essa é uma das causas da crise. É por isso que há monoculturas. Se produzíssemos para consumo, com base na agricultura familiar, teríamos maior diversidade”. Ele citou as soluções propostas pelos “ideólogos do agronegócio”, publicadas recentemente no jornal Financial Times: promover ajuda humanitária aos que sofrem com a fome; deixar de lado a proteção aos mercados internos; e expandir a produção de produtos transgênicos. Petersen acredita que isso não apenas não resolve o problema da fome – já que, por essa lógica, as monoculturas continuam

prevalecendo – como também compromete cada vez mais o meio ambiente. “O avanço do agronegócio devasta reservas ambientais e está baseado em um modelo afastado da natureza, com cada vez mais artificialidade química”, afirmou, dizendo que a solução do problema passa pela agroecologia e pela soberania alimentar, energética e tecnológica.

Conforme exposto neste relato do encontro, a temática central do evento ao pautar-se na transição para agroecologia tende fundamentalmente a incorporar elementos de reflexão sobre o potencial produtivo da agricultura familiar agroecológica de maneira a solidificar a argumentação em prol desta matriz tecnológica favorecendo a inspiração de novos atores nesta construção estadual.

Ainda discutindo os espaços de formação teóricos abordados no encontro, cabe destacar a organização dos seminários temáticos baseados nas linhas estratégicas escolhidas pela AARJ como prioritárias no avanço das ações estaduais:

SEMENTES, AGRICULTURA E FLORESTAS

Neste tema fundiram-se dois eixos de atenção na produção: sementes crioulas e agroflorestas. A demanda de discussões como esta é uma constante entre produtores de todas as regiões visto que são elementos chaves na manutenção da autonomia dos agricultores, assim como na elaboração de estratégias ecologicamente sustentáveis que consorciem um efetivo equilíbrio entre soberania alimentar das famílias, geração de valores agregados aos produtos comercializados e conservação dos recursos naturais.

EXTENSÃO RURAL PARA A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA

Tema fundamental desde a gênese da elaboração dos conceitos e princípios básicos na agroecologia, a comunicação entre técnicos e agricultores no desenvolvimento de respostas à crescente demanda de consorciar qualidade e quantidade dos produtos para uma população expoente, é abordada neste seminário com o mérito de aglutinar, de forma participativa, todos os atores envolvidos no processo produtivo.

PRODUÇÃO, CONSUMO CONSCIENTE E ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

Ao discutir de forma correlacionada estes três temas, a AARJ avança na aproximação de consumidores e produtores com um debate pautado não somente nos benefícios que a produção agroecológica gera isoladamente para cada um destes agentes, mas sim, refletindo e criando propostas para a complexidade embutida na cadeia de alimentos.

EDUCAÇÃO DO CAMPO

A continuidade da construção agroecológica possui relação direta com a fixação da juventude no campo amparada por uma educação coerente com as distintas realidades encontradas no universo rural de todo o país. Caracterizada enquanto uma das demandas prioritárias de ação para a AARJ, a Educação do campo debatida neste seminário gera ganhos formativos para organização de toda a rede, tanto no sentido de despertar iniciativas autônomas que envolvam o team, quanto para fortalecer a pressão entorno da elaboração de políticas públicas que supram as necessidades da pequena agricultura familiar.

OFICINAS

Ferramentas usuais em trocas de experiência e espaços formativos, as oficinas possuem essencialmente um caráter prático.

Analisando a lista de oficinas oferecidas, destacamos a importância da diversidade de temas e de “oficineiros”, contemplando uma ampla gama de práticas e de perfis educadores.

“MOSTRA DE SABERES, SABORES E SEMENTES”

Espaços como os de feira – aqui chamado de “mostra”- podem ser utilizados eficientemente como ferramentas de debate com a sociedade e entre os próprios produtores, enquanto meio de socialização de informações.

Pela estrutura como foi planejada, em eixos temáticos, analisamos a “Mostra de Saberes, Sabores e Sementes” como mais um espaço potencial de troca de experiências entre produtores e entre produtores e consumidores.

CONCLUSÕES SOBRE O 2º ENCONTRO ESTADUAL DE AGROECOLOGIA

De acordo com as informações analisadas e mediante as referidas discussões concluímos como avanços diretos e indiretos da ação:

AVANÇOS DIRETOS OBTIDOS EM CURTO PRAZO

Enquanto foco principal do evento, o maior avanço obtido desta ação é a ampliação dos debates entorno da transição agroecológica. Entendendo que o processo de transição é dificultado pelo acúmulo de forças hegemônicas contrárias ao avanço de uma agricultura familiar em bases agroecológicas, a escolha de métodos e técnicas que facilitem este objetivo deve se pautar em eixos estratégicos de fragilidade, os quais foram também elencados no encontro, como mais um avanço da ação.

A formação coletiva em técnicas e práticas agroecológicas facilitadas pelas oficinas em conjunto com o espaço de trocas de experiências é aqui entendida enquanto mais um ganho significativo visto que possibilita uma maior garantia do incremento na produção e contribui para qualificar um cenário de assistência técnica rural classificado enquanto de extrema carência.

Por fim, considerando que a síntese das demandas e das avaliações sobre o cenário agroecológico estadual é em si um avanço, pois reflete o amadurecimento da rede na elaboração crítica de prioridades, a Carta Política gerada pelo encontro é aqui elencada também enquanto de significativa relevância .

RESULTADOS ESPERADOS A MÉDIO E LONGO PRAZO

Após serem atingidos os já citados avanços diretos com a realização do evento, espera-se que os esforços realizados consigam a médio e longo prazo efetivar um incremento na produção agroecológica através do constante aprimoramento das técnicas produtivas.

Outra expectativa gerada é o fortalecimento das exigências de políticas públicas que atendam os eixos prioritários elencados na construção da agroecologia no estado, possibilitando desta forma, que a agricultura familiar seja cada vez mais pautada na locação de recursos públicos em benefício dos trabalhadores rurais e urbanos.

3.2 ARTICULAÇÕES COM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

A articulação com Universidades é de suma importância para o avanço da agroecologia visto que amplia o debate das demandas populares no âmbito acadêmico e intensifica o compromisso com a produção de tecnologias adaptadas às distintas realidades presentes no campo.

Entende-se neste caso como articulação com Universidades, o desenrolar de diálogos de saberes entre estas entidades de pesquisa e as propostas desenvolvidas dentro das perspectivas de abordagem no debate agroecológico. Considerando desta forma, uma relação distinta da meramente baseada no conceito clássico de extensão rural.

A concretização de ações da AARJ em conjunto com Universidades justifica-se também como contribuição na formação profissional de ambas as partes envolvidas, pois aperfeiçoa com conteúdo prático a teoria desenvolvida na academia e agrega elementos reflexivos teóricos para a prática cotidiana contida no trabalho rural.

O conhecimento científico ganha também um novo lugar no processo de construção do conhecimento agroecológico. Não se trata mais de pensar a tecnologia como um produto pronto e acabado, validado cientificamente, mas de estimular processos locais de inovação tecnológica, em estreita relação com as estratégias individuais e coletivas de reprodução econômica e social desenvolvidas pelos agricultores e agricultoras familiares no espaço das comunidades rurais. Dentro deste enfoque, o conhecimento científico torna-se um insumo para a inovação local, através de um permanente diálogo entre os saberes locais e tradicionais desenvolvidos pelos agricultores e agricultoras e o saber técnico acadêmico.

Sendo assim, objetivamos como parte de nossa análise a reflexão sobre os seguintes enlaces com instituições de ensino superior:

- α) Desenvolvimento Participativo de metodologia e processos de construção do conhecimento agroecológico no estado do RJ- 2008/2010
- β) Projeto *Campo e Campus – Jovens rurais protagonizando o fortalecimento da agricultura familiar e a construção do conhecimento agroecológico no Estado do Rio de Janeiro* – 2009/ 2011

DESENVOLVIMENTO PARTICIPATIVO DE METODOLOGIA E PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO NO ESTADO DO RJ – 2008 (CNPQ-UFF)

Sob a coordenação da Prof. Mônica Cox, na época pertencente ao corpo docente da Universidade Federal Fluminense, o referido projeto foi elaborado coletivamente pela AARJ e com recursos financeiros do CNPQ no intuito geral de facilitar o encaminhamento das ações de mapeamento do território agroecológico no estado, assim como do perfil de seus protagonistas.

Conforme elucida o relatório final enviado ao CNPQ (ver anexo 4) : *“Este projeto teve como foco o desenvolvimento de ferramentas metodológicas participativas voltadas à identificação, mapeamento, sistematização e intercâmbio de experiências em agroecologia desenvolvidas por agricultores familiares. Buscando potencializar e articular os conhecimentos necessários à promoção de processos sustentáveis de desenvolvimento local e territorial, nos moldes estabelecidos pela Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – PNATER.”*

As linhas de apoio oferecidas pelo CNPQ que contemplam o projeto são:

- Uso de metodologias de comunicação social aplicados à assistência técnica e extensão rural;
- Dinâmicas sócio-ambientais e estratégia de desenvolvimento rural;
- Estratégias de incentivo à disponibilização e apropriação de conhecimento de impacto comunitário.

Ampliando os objetivos para além do proposto como linhas gerais pela entidade financiadora, citamos outros objetivos de relevância no que tange a avanços na construção de políticas públicas e fomento técnico produtivo:

- Estimular processos sociais de inovação tecnológica visibilizando e fomentando processos de experimentação desenvolvidos pelos próprios agricultores familiares;
- Construir pontos de vista e propostas de ação estimulando o diálogo entre os diferentes atores governamentais e não-governamentais presentes nas regiões, tendo como perspectiva a construção de um desenvolvimento rural sustentável e participativo;
- Influenciar programas e ações de políticas públicas tendo como objetivo o fortalecimento e ampliação das experiências em agroecologia de base familiar e sua afirmação como uma alternativa tecnológica e de geração de trabalho e renda no meio rural no Rio de Janeiro.

Analisando o exposto, estão contempladas na proposta aprovada pela CNPQ alguns pontos estratégicos para a AARJ como o reconhecimento das ações em agroecologia nas regiões de organização da rede e o fomento a que estas ações se articulem para que desta articulação emirjam forças produtivas, econômicas e sociais suficientes ao avanço concreto da agricultura ecológica no estado.

Para atingir estas estratégias contempladas como objetivos pelo projeto as metas são:

- Implantar processos participativos de identificação, mapeamento e sistematização das experiências em agroecologia em andamento no Estado do Rio de Janeiro, ampliando, em pelo menos 100% o número total de experiências coletivas vinculadas às dinâmicas de construção do conhecimento agroecológico potencializadas através da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro¹.
- Promover dinâmicas horizontais de assistência técnica e extensão rural intensificando as interações das experiências entre si e destas com seu entorno e consolidando articulações regionais de agroecologia em pelo menos 3 regiões do Estado.
- Construir um sistema geo-referenciado de informações sobre as experiências em agroecologia existentes no Estado do Rio de Janeiro integrado ao banco de dados “Agroecologia em Rede” e ao “Mapa das Expressões da Agroecologia” desenvolvidos pela Articulação Nacional de Agroecologia – ANA.
- Gerar 3 mapas regionais/territoriais tendo como foco as experiências em agroecologia e seu contexto sócio-ambiental.
 - Sistematizar e publicar 20 experiências em agroecologia desenvolvidas por agricultores familiares no Estado do Rio de Janeiro.
 - Capacitar 40 extensionistas, agricultores familiares, lideranças de base, agentes de pastoral e estudantes universitários para que possam atuar como animadores de redes de construção do conhecimento agroecológico e de promoção do desenvolvimento rural sustentável.
 - Promover 2 Encontros Estaduais, 3 Encontros Regionais e 18 visitas de intercâmbio em agroecologia.
- Envolver 350 agricultores familiares nas dinâmicas de capacitação e intercâmbio desenvolvidas através do projeto.
- Desenvolver um conjunto de mapas, folhetos e outras publicações, sistematizando os conhecimentos gerados nos processos de identificação, mapeamento, sistematização e intercâmbio de experiências.

Estas metas são caracterizadas como propostas práticas de se efetivar de maneira concreta o que foi traçado enquanto estratégia para a atividade, sendo que todas elas foram baseadas nos princípios gerais de metodologias horizontais participativas de construção do conhecimento agroecológico acumulado através da trajetória a AARJ e do intercâmbio com outras experiências agroecológicas no país.

CONCLUSÕES SOBRE O PROJETO

Concluimos que, ao desenrolar das atividades relacionadas ao projeto, a AARJ avançou em rumos basicamente organizados desta maneira:

¹ . Será considerado, como marco zero, para efeito deste projeto, o universo total de 32 experiências coletivas mapeadas no ano de 2006 no processo de organização do II Encontro Nacional de Agroecologia.

AVANÇOS DIRETOS OBTIDOS EM CURTO PRAZO

O esforço que havia sendo realizado desde a criação da AARJ, no intuito do mapeamento das expressões agroecológicas no estado tornou-se efetivamente concretizado na forma de publicações e de sistematizações digitais com este projeto.

O fortalecimento da organização em rede, apoiado pelos encontros regionais, assim como a formação técnica e política em agroecologia, facilitada pelas oficinas, agregam-se também como elementos constituintes das ações positivas geradas, o que vem a contribuir não somente para a construção da AARJ mas como para o estabelecimento da agroecologia de maneira geral no estado.

Por fim, o projeto possibilitou através da utilização de ferramentas digitais, o debate acerca da produção de alimentos no modelo de agricultura ecológica de base familiar, é facilitado com a sociedade e seu uso crescente de meios eletrônicos.

RESULTADOS ESPERADOS A MÉDIO E LONGO PRAZO

Através do intercâmbio de informações técnicas entre produtores e entre produtores e técnicos, mais uma vez espera-se que avanços produtivos sejam alcançados, assim como avanços qualitativos sejam diagnosticados nas próprias organizações de assistência técnica e extensão rural envolvidas no projeto, visto que ampliaram o conhecimento sobre a realidade agroecológica do estado.

PROJETO CAMPO E CAMPUS – JOVENS RURAIS PROTAGONIZANDO O FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – 2009/2011

A demanda por ações que envolvam a juventude rural na perspectiva de ampliar as condições econômicas, culturais e sociais que esses jovens necessitam para fixarem-se no campo é tema cotidiano dentre as bandeiras de luta não só para todas as regiões que compõem a AARJ mas como para a totalidade da realidade agrária brasileira.

Em um estado como o Rio de Janeiro, profundamente urbanizado, a pressão cultural a que os jovens rurais estão submetidos é fator central na miscigenação entre o sujeito agricultor e o sujeito urbano. Miscigenação esta, que em sua grande maioria ocorre de maneira desigual prevalecendo a cultura hegemônica sobre a cultura periférica.

Outro aspecto relevante é a elevada carência de incentivos públicos direcionados à formação pedagógica no campo e nas áreas periurbanas, especialmente no que tange ao número de escolas, à qualidade do ensino e na estrutura necessária ao bom funcionamento da estrutura, como transporte, alimentação e disponibilidade de material didático.

“O contexto geral da juventude rural no estado do Rio de Janeiro é marcado pelas limitadas oportunidades de trabalho e renda e por processos de despolitização e aculturação que estimulam a adoção de estilos de vida estranhos às suas heranças

culturais. Além disso, a ausência de uma educação básica relacionada com a realidade local e contextualizada na diversidade sociocultural desses jovens contribui para uma escolarização acrítica e sem atrativos.“ (SILVA et al, 2011, p. 21)

Estas críticas devem ser encaradas como uma problemática de toda a sociedade, não apenas se restringindo à abrangência rural.

“Atualmente, quase nove milhões de jovens, entre 15 e 29 anos, vivem no mundo rural brasileiro. Se as tendências das últimas décadas forem mantidas, um em cada três deles tomará o caminho das cidades, acalentando novos projetos de vida.”. (PETERSEN, 2011, p. 2)

Este fato nada mais representa do que a continuidade dos processos evasivos da população do campo resultando no inchaço crescente das áreas periféricas das cidades mais metropolizadas do estado.

Considerando estas avaliações como de extrema importância para a continuidade do processo de fortalecimento da agroecologia no estado, a AARJ propôs ao CNPQ perante o Edital MCT/CNPq/CT-AGRONEGÓCIO/MDA - N°. 23/2008 - Programa Intervivência Universitária, o projeto : **“Campo e Campus – Jovens rurais/quilombolas protagonizando o fortalecimento da agricultura familiar e a construção do conhecimento agroecológico no estado do Rio de Janeiro.”**

O Programa segue de maneira detalhada no anexo 5.

A Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro através de suas organizações regionais e de sua Secretaria Executiva aprova então no ano de 2008 junto ao CNPQ, tendo formalmente a UFRRJ como entidade executora e a coordenação institucional na pessoa da Professora Dra. Lia Maria Teixeira de Oliveira, o Projeto Campo Campus com duração de janeiro de 2009 a fevereiro de 2011.

Objetivando principalmente atuar na formação de 70 jovens (entre 14 a 18 anos) provenientes das regiões que caracterizam a AARJ : Norte Fluminense, Metropolitana, Médio Paraíba, Serra-Mar (Serrana e Baixada Litorânea), e Sul (Costa Verde), proporcionando uma formação de qualidade, a partir do contato direto entre eles próprios e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a EMBRAPA Agrobiologia e a PESAGRO, no sentido de estimular a permanência juvenil no campo, potencializando suas ações como protagonistas do fortalecimento da agricultura familiar em bases agroecológicas.

“Os jovens que participaram do Programa de Intervivência Universitária são oriundos de regiões rurais e urbanas que assistiram a processos de especulação imobiliária e disputas por terra ao longo das últimas três décadas. Alguns vieram de comunidades rurais de Casimiro de Abreu/RJ e já haviam participado de um projeto denominado Agentes Jovens, que

tinha como objetivo fomentar atividades produtivas em bases agroecológicas para estimular a permanência da juventude na agricultura familiar. Outros eram do Quilombo do Campinho, em Paraty/RJ, articulados por um projeto voltado à promoção do protagonismo juvenil em ações relacionadas à preservação e conservação dos recursos naturais e da cultura local motivadas pelo manejo sustentável da palmeira juçara. Um terceiro grupo originou-se do programa de formação de jovens do campo e da cidade organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Um último grupo foi composto por parentes de agricultores urbanos e rurais vinculados a atividades de formação agroecológica realizadas na região metropolitana do Rio de Janeiro pela Comissão Pastoral da Terra (Escolinha de Agroecologia) e pela AS-PTA. Embora de origens diversas, os grupos estavam informalmente articulados por meio de uma rede sociotécnica e política de âmbito estadual identificada aos princípios da Agroecologia.” (SILVA et al, 2011, p. 20)

Mais uma vez a diversidade dos atores é facilitada pela articulação das entidades componentes da AARJ e que através da reflexão de suas principais demandas constroem em conjunto caminhos para a superação destas demandas e para a edificação de novas ações coletivas.

Como ferramenta pedagógica escolhida para concretizar a ação traçada como meta, adotou-se a metodologia da Pedagogia da Alternância, que consiste basicamente em dividir o tempo didático em 3 etapas correlacionadas, Tempo Escola, Tempo Comunidade e Tempo Escola novamente.

O “Tempo Escola” consistiu no momento de 14 dias passados dentro da universidade, em que os jovens relacionaram-se com o conteúdo técnico-prático-político elaborado por suas entidades representantes através da Coordenação Político Pedagógica utilizando-se de mecanismos lúdicos como oficinas, palestras, cursos, visitas de intercâmbio e elaboração de trabalhos em grupo.

O Tempo Comunidade foi destinado a interpretar a realidade em que se insere cada jovem e a aplicar de maneira prática os aprendizados construídos no primeiro Tempo Escola.

A terceira etapa consiste mais uma vez em um Tempo Escola, desta vez com o caráter de avaliar as impressões do Tempo Comunidade e de socializar dificuldades e avanços aprofundando o estudo de maneira sempre coletiva.

Para contemplar os 70 jovens foram divididas duas turmas ao longo dos dois anos de projeto, cada uma com um ano de duração.

A partir de eixos norteadores – detalhados no anexo 5- um quadro de programação foi traçado pelas entidades e docentes da UFRRJ em cada um dos quatro “TE’s”. O planejamento destes quadros de programação foram resultado de avaliações contínuas para melhor atender as demandas das regiões dentro de suas expectativas de formação de forma atrativa para a juventude.

De acordo com as avaliações realizadas pela Comissão Político Pedagógica presentes na revista agriculturas, as avaliações foram positivas:

“Após dois anos de atividades, as organizações da AARJ foram peças-chave para a inserção dos jovens nas atividades político-social-culturais das comunidades das quais fazem parte. Os frutos estão sendo colhidos e acolhidos. De 70 jovens formados, cerca de 80% estão envolvidos diretamente com as atividades da AARJ e outros 10% participam de forma indireta. Apenas 10% não retornaram ao TE. Os projetos locais na região Sul seguem fortalecidos com o protagonismo juvenil. A juventude da região metropolitana foi contemplada com um projeto financiado pela Fundação Luterana de Diaconia (FLD), onde seu maior objetivo é dar continuidade às atividades de formação, bem como acompanhar os jovens da segunda turma de Intervivência e ampliar as trocas de experiências entre os jovens das diversas regiões da AARJ. Na região Serra-Mar os jovens estão envolvidos em um projeto de banco de sementes crioulas na comunidade Quilombo de Itapinoã. Na região Norte os jovens desenvolveram atividades de formação para outros jovens, por meio de troca de conhecimentos e a estruturação de hortas como espaços de socialização de práticas de manejo agroecológico. Também contribuíram com assistência nas capacitações sobre Agroecologia em seus assentamentos. Embora não exista uma expressiva organização da AARJ no Vale do Médio Paraíba, os jovens dessa região desenvolveram ações ligadas às suas famílias e comunidades. Com a Intervivência, o despertar para as questões da educação, como o ingresso em cursos de graduação, foi fortalecido. Muitos dos jovens estão cursando o segundo período do curso de graduação de Licenciatura em Educação do Campo, que também tem base na Pedagogia da Alternância e cuja presença da coordenação institucional do Campo-Campus contribui para que os jovens passassem a se interessar pelo ensino superior. O curso é oferecido pela UFRRJ por meio de um convênio com Programa Nacional de Educação para Reforma Agrária (Pronera).” (SILVA et al, 2011, p. 21)

Analisando as propostas iniciais do projeto no que diz respeito aos ganhos para os jovens, para a região e para o estado, o projeto cumpriu seus objetivos, tendo em vista as falas anteriores relativas ao fortalecimento do protagonismo coletivo em atividades já realizadas pelas entidades e na criação de novas ações. A inserção de participantes do projeto em um curso de graduação em Educação do Campo organizados por movimentos que constroem a AARJ é reflexo também de uma garantia de continuidade no processo de fortalecimento da agroecologia no estado.

CONCLUSÕES SOBRE O PROJETO

AVANÇOS DIRETOS OBTIDOS EM CURTO PRAZO

O incremento em ações formativas técnicas e políticas específicas para a juventude é considerado enquanto o ganho principal deste projeto, entendido como essencial para o desenvolvimento de estratégias que fixem os jovens nas áreas rurais possibilitando a continuidade da construção agroecológica entre futuras gerações de produtores. A consequente inserção da juventude nos espaços de ação da AARJ e criação de fóruns próprios de organização política com elaboração de projetos específicos para o fortalecimento do protagonismo juvenil é também outro significativo ganho qualitativo para a rede, sendo que a partir destas ações, uma maior garantia de autonomia e pró-atividade na realização de seus projetos é alcançada.

RESULTADOS ESPERADOS A MÉDIO E LONGO PRAZO

O fortalecimento da inserção juvenil nas ações produtivas nas suas comunidades é algo que se espera avançar em médio e longo prazo, sendo somente possível mediante apoio técnico adequado à realidade do jovem rural no estado e com acompanhamento sistemático durante seu estabelecimento.

Somam-se às conclusões de expectativas seguintes ao projeto, que os meios de fixação do jovem no campo incluem ainda a ampliação no debate das políticas públicas para a educação do campo e demais garantias de direcionamento de recursos públicos para viabilizar ações futuras.

4. CONCLUSÕES FINAIS

Após a discussão aqui sistematizada concluímos que as ações geradas a nível estadual pela AARJ ao longo de sua trajetória até o presente momento refletem essencialmente avanços a nível organizativo, formativo e de debate com a sociedade.

Consideramos que estes avanços são significativos no que tange a apropriação de conceitos, métodos e técnicas entre os produtores, assim como para o incremento da formação de redes de construções coletivas.

O panorama em 2006, momento anterior à criação da AARJ, mostra que o movimento agroecológico no estado não dispunha de ferramentas populares articuladas em prol do fomento à agroecologia com tamanha diversidade de atores envolvidos, como agricultores, técnicos, acadêmicos e movimentos sociais.

Considera-se portanto, que os objetivos atingidos até o presente momento foram necessários para uma etapa inicial de solidificação da agroecologia no estado, já que os tratados neste trabalho como de médio a longo prazo constituem as etapas seguintes, traçadas enquanto prioritárias pelas próprias organizações na elaboração de estratégias que contemplem novas ações.

Estes avanços a serem conquistados coletivamente, de acordo com a análise aqui realizada, focam-se basicamente em projetos de incentivo produtivo a nível regional com diversidade ecológica, redes de comercialização focadas em feiras e venda direta a consumidores, articulação com órgãos públicos e acesso a políticas públicas, como os projetos de compra garantida de produção familiar ecológica.

Em resumo, elencar enquanto prioritário o eixo produtivo, possivelmente é uma estratégia capaz de alcançar os objetivos avaliados aqui enquanto de médio e longo prazo. Cabe ressaltar que a produção é aqui entendida enquanto fruto da classe trabalhadora rural familiar, através de técnicas ecologicamente sustentáveis, economicamente viáveis e socialmente justas para contribuir na soberania alimentar da população em geral e não somente dos economicamente abastados.

A Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro é uma ferramenta viável, comprovada através das análises aqui desenroladas, de aglutinar ações deste caráter. A coerência e solidez destas ações, entretanto, tornam-se possíveis e fortificam-se apenas através da apropriação da importância desta construção pelos próprios trabalhadores rurais e urbanos com unidade de base na execução de estratégias cada vez mais organizadas, visto que somente desta maneira um contraponto concreto é criado frente o atual modelo hegemônico de produção de alimentos.

Seja através desta ferramenta ou de outras a surgir, é a partir da organização dos trabalhadores que surgirão propostas alternativas ao cenário de degradação ecológica, econômica e social em que atualmente se encontra a sociedade em sua amplitude, pois são estes que lidam dia após dia na construção do ambiente em que vivemos e os que melhor entendem suas fragilidades no eterno aperfeiçoamento de nossas vidas.

Esta abordagem aqui apresentada não pretende de forma alguma considerar-se como definitiva, nem ao menos esgotar as possibilidades de interpretações sobre os rumos já traçados e os ainda a traçar pela AARJ. Apenas dispõe-se a contribuir na multiplicidade de reflexões necessárias ao movimento agroecológico no Rio de Janeiro compondo a diversidade junto ao povo que luta diariamente a favor de dias melhores que certamente virão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, M.A. **Agroecologia: Bases Científicas da Agricultura Alternativa**, Rio de Janeiro, ASPTA, 1989, p. 24

ALTIERI, M.A.;NICHOLLS,C.I. **O potencial agroecológico dos sistemas agroflorestais**. Revista Agriculturas:experiências em agroecologia,v.8,n.2 2011 p. 73

Carta política do II Encontro Nacional de Agroecologia, disponível em <http://www.agroecologia.org.br/publicacoes/carta-politica-do-ii-ena/> acessado em 14 out. 2011

CASTRO, JOSUÉ Geografia da Fome, Rio de Janeiro, Antares, 1984, p. 34

II Encontro Estadual de Agroecologia do Rio de Janeiro, disponível em <http://pratoslimpos.org.br/?m=201009> acessado em 14 out. 2011.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983, p. 29

LUSTOSA, R.A., Grupo De Agricultura Ecológica (Gae): Uma Ferramenta Pedagógica Transdisciplinar Na Universidade Federal Rural Do Rio De Janeiro, Dissertação (Monografia de Licenciatura em Ciências Biológicas), Instituto de Biologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2011, p.23

PETERSEN, P. **JUVENTUDE NA CONSTRUÇÃO DA AGRICULTURA DO FUTURO**, Revista Agriculturas:experiências em agroecologia,v.8,n.1 2011 p. 02

RIGON, S.; PACHECO, M.E.L.; SCHOTZ, V.; CASSARINO, J.P.;LEITA, C.E. **Soberania e segurança alimentar na construção da agroecologia : sistematização de experiências**, Rio de Janeiro, FASE, 2010, p. 10)

SILVA, I. O. ; PINTO, D.S. ; PEREIRA, M. G. ; LIMA, F. O. ; FONTENELE, L. N. ; DANSI, S. F. ; OLIVEIRA, L.M.T ; **JUVENTUDE PROTAGONIZANDO A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**, Revista Agriculturas:experiências em agroecologia,v.8,n.1 2011 p. 21

7. ANEXOS

7.1 ANEXO 1

DIAGNÓSTICO E SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS EM AGROECOLOGIA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, maio de 2006

SUMÁRIO

1. Apresentação	3
2. Introdução	3
3. Metodologia de trabalho	4
4. Identificação e sistematização das experiências agroecológicas no Rio de Janeiro	5
Sistemas Agroflorestais	5
Educação	8

Reforma agrária, direitos territoriais e agroecologia	11
Plantas medicinais	13
Desenvolvimento local	17
Relação com mercados	18
Construção do conhecimento agroecológico	22
Agricultura urbana	25
5. Considerações finais	27

1. Apresentação

Este trabalho teve como objetivo contribuir para o processo de mobilização de sujeitos atuantes em experiências agroecológicas no estado do Rio de Janeiro através da identificação e articulação de experiências agroecológicas no momento que antecede o II Encontro Nacional de Agroecologia (ENA) a ser realizado dos dias 02 a 06 de junho de 2006 em Recife/PE.

As atividades desenvolveram-se nos meses de abril e maio de 2006 sendo, i) mobilização dos sujeitos ligados a agroecologia no estado do Rio de Janeiro, ii) mapeamento e sistematização das experiências agroecológicas mais significativas e, iii) promoção do debate das experiências sistematizadas em um encontro estadual (segue relatório do encontro em anexo)

Este trabalho acompanha um CD com as 32 experiências sistematizadas e todas suas características que serviram, a partir da atividade propiciada por este diagnóstico, compor o Mapa Nacional da Expressão da Agroecologia coordenado pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA).

2. Introdução

O primeiro Encontro Nacional de Agroecologia foi realizado no Rio de Janeiro dos dias 28 de julho a 02 de agosto de 2002 e contou com a presença de aproximadamente 600 agricultores (as) e 400 técnicos (as). Foi uma iniciativa de rearticular o movimento agroecológico no Brasil que há muito vinha perdendo vigor desde a formação da Rede de Projetos em Tecnologia Alternativa.

Com base nos frutos deste encontro surgiu a Articulação Nacional pela Agroecologia (ANA) que congrega vários movimentos sociais e entidades e passa a defender o enfoque agroecológico dentre as iniciativas que vem ocorrendo bem como, articulando políticas públicas de promoção da agroecologia.

Em 2006, depois de 4 anos de articulação, é então organizado o II ENA que traz como saldo o acúmulo de forças desta articulação numa conjuntura de avanço do agronegócio em detrimento da agricultura familiar e camponesa que é a base de desenvolvimento das experiências agroecológicas.

Vários têm sido os determinantes para se buscar o fortalecimento da articulação agroecológica, seja ele, na necessidade de resistência institucional, seja na contraposição ao modelo do agronegócio ou mesmo na proposição de políticas públicas.

Este foi um importante passo haja visto que o estado do Rio de Janeiro apresenta uma baixa articulação em torno destas iniciativas agroecológicas, caracterizando –se por experiências isoladas desenvolvidas por cada entidade.

Para interpretação dos dados aqui apresentados é importante a observação sobre as peculiaridades da agricultura no Rio de Janeiro e a caracterização de uma agricultura familiar de características diferenciadas de outras regiões, prevalecendo as características de alto índice de urbanização do estado e a pluriatividade a ela inerente na sua reprodução.

Como resultado deste processo surge o forte impacto do agronegócio principalmente o da Cana de açúcar.

O Rio de Janeiro caracteriza-se pelo estado que menos acessa políticas de financiamento da agricultura familiar e por ser uma das principais metrópoles é também um dos maiores centros de consumo da produção agrícola.

Este diagnóstico mostra que apesar da fragilidade do segmento agrícola familiar e camponês, várias iniciativas estão em curso e podem servir tanto como mostra das peculiaridades fluminenses como também de demonstração da resistência destes agricultores (as).

3. Metodologia de trabalho

Primeiramente foram reunidas diversas entidades num grupo de articulação que ao longo deste diagnóstico procurou mobilizar as bases de cada movimento com o objetivo de identificar e sistematizar as experiências em curso no estado.

As organizações que se envolveram neste grupo foram AS-PTA (Assessoria à Projetos de Tecnologia Alternativa), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), EMBRAPA Agrobiologia, Comissão Pastoral da Terra (CPT), Rede Fitovida de plantas medicinais, Cooperativa de Prestação de Serviços em Agroecologia (CEDRO), Rede Ecológica de consumidores, Empresa de Pesquisa Agropecuária do estado do Rio de Janeiro (Pesagro-Rio) Universidade Federal Fluminense/Departamento de Geografia, Grupo de Agricultura Ecológica/UFRRJ e Associação de Agricultores Biológicos (ABIO).

A partir de algumas reuniões e definições sobre a sistematização de experiências foram identificadas 32 em todo o estado.

As experiências identificadas referiram-se aquelas de caráter coletivo e orientadas para a promoção de estilos de desenvolvimento agrícola respeitosos com a natureza e com as culturas locais e incluídas social e economicamente.

Esta opção referiu-se a uma orientação da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) que se justifica pela necessidade de dimensionamento, qualificação e visualização do avanço do campo agroecológico a partir da identificação das dinâmicas sociais envolvidas na construção de alternativas sustentáveis de ocupação e uso do território.

A partir da identificação foi realizado um encontro estadual das experiências que pela primeira vez no estado colocou em contato os diversos atores que protagonizam o desenvolvimento da agroecologia debatendo um modelo diferenciado de produção e de resistência aos avanços do agronegócio.

O Encontro de Experiências ocorreu nos dias 09 e 10 de maio onde estiveram reunidos ao longo de dois dias 106 participantes, sendo 2/3 de agricultores e 1/3 de técnicos, pesquisadores, estudantes dentre outros. A participação das mulheres foi significativa somando 60%.

Este momento serviu para promover a troca de experiências e levantar a realidade vivida por estes agricultores (as) que as representavam.

Um outro fato inovador deste encontro foi o fato de reunir experiências e seus representantes e não somente instituições e suas lideranças, isso fez com que uma base de trabalhadores que desenvolvem a agroecologia pudessem se expressar e mostrar o que vem acontecendo na prática no campo.

4. Identificação e sistematização das experiências agroecológicas no Rio de Janeiro

Este tópico concentra o trabalho desenvolvido nos meses de abril e maio de 2006 segundo a metodologia indicada acima e que identificou as 32 experiências abaixo relacionadas.

Participaram deste levantamento a CPT, MST, FETAG, CEDRO, AS-PTA, PESAGRO-RIO, EMBRAPA Agrobiologia, Grupo de Agricultura Ecológica (GAE/UFRRJ), EMATER-RIO, Rede Fitovida de plantas medicinais e seus grupos comunitários, UFF, UERJ, Verdejar movimento ecológico, Banco de sementes comunitário, Koinonia, ABIO, Secretaria Municipal de Agricultura de Casemiro de Abreu e Nova Iguaçu, Rede Ecológica de consumidores, Pastoral da Criança, Pastoral da Saúde, Diocese de Nova Iguaçu.

A pluralidade foi atingida sendo que envolveu, agricultores familiares, assentados, acampados, pescadores, quilombolas, ambientalistas, agricultores da cidade, Agentes de plantas medicinais e terapias alternativas, técnicos de ONGs, movimentos sociais e entidades governamentais, agentes de pastoral popular, estudantes, pesquisadores, professores, dirigentes e lideranças, consumidores e feirantes.

As experiências se apresentarão por tópicos sendo, sistemas agroflorestais, educação, reforma agrária, direitos territoriais e agroecologia, saúde e plantas medicinais, desenvolvimento local, relação com os mercados, construção do conhecimento agroecológico e agricultura urbana.

4.1 Sistemas Agroflorestais

No ano de 2000 reunindo 05 famílias dentre agricultores familiares e quilombolas, reunindo o Conselho Municipal das Associações de Moradores de Paraty (Comamp); Grupo de Agricultura Ecológica (GAE-UFRRJ); Associação de Moradores do Campinho (AMOC); Instituto de Desenvolvimento e Ação Comunitária (Idaco); Embrapa Agrobiologia; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), surge a experiência de **práticas**

agroflorestais como promotores de desenvolvimento local das comunidades rurais no município de Paraty /RJ.

Desde o final da década de 90, iniciaram-se algumas atividades para reduzir os aspectos negativos do turismo e da exclusão social sobre comunidades rurais de Paraty localizadas no entorno de Unidades de Conservação. Assim, várias atividades foram desenvolvidas para resgatar e valorizar o conhecimento local nas práticas agrícolas.

A partir do ano de 2000 foram desenvolvidas trocas de experiências e capacitações entre agricultores locais dando ênfase à prática agroflorestal seguindo o “sistema agroflorestal regenerativo sucessional”, procurando difundir práticas de: i) melhoramento da fertilidade e de conservação do solo com uso de adubação verde (Feijão-guandu; Mucuna-preta; Crotalária e Feijão-de-porco); ii) reduzir a pressão de exploração sobre o palmito nativo, através da difusão do plantio do palmito Pupunha e; iii) plantar espécies florestais de uso múltiplo. Cerca de dez agricultores praticavam a agrofloresta reunindo-se em mutirões de plantio uma vez por semana, sendo assessorados por técnicos e grupos de estudantes da UFRRJ.

Em 2003 foram implantados 10 sistemas agroflorestais experimentais nas propriedades de 6 agricultores familiares procurando ampliar a interação entre técnicos e agricultores na geração de conhecimento científico e popular.

Os principais resultados desta iniciativa mostram que os agricultores que praticam a agrofloresta acreditam nela como sistema de produção e de recuperação da fertilidade do solo e que é possível a produção e comercialização de alimento, escalonada com consórcio de adubos verdes melhorando a cobertura e a fertilidade do solo e o aproveitamento das espécies arbóreas, inclusive para a produção de artesanato comunitário.

Alguns dos “agricultores agroflorestais” passaram a receber visitas de turistas para conhecer a sua forma de agricultura em harmonia com o meio ambiente tornando-se referência municipal. A prática agroflorestal favoreceu o surgimento de interação entre agricultores de diferentes comunidades e de agricultores com técnicos e estudantes, servindo assim para a troca de saberes e construção coletiva de conhecimento.

Produzem nestes sistemas agroflorestais banana, carambola, mamão, palmito Jussara, feijão, milho, outras espécies de palmito, mandioca, adubos verdes, espécies arbóreas e ainda produtos artesanais como pulseiras e cordões de sementes arbóreas, enfeites com cipós e flechas de Guapuruvu e inflorescência de palmito Jussara.

Em Casemiro de Abreu acontece outra experiência intitulada **Horta-floresta** que numa parceria iniciada em 2003 entre a Secretaria Municipal de Agricultura e Pesca, a Associação Mico-leão-dourado e a APA Bacia do Rio São João/IBAMA passa a estimular agricultores familiares de várias comunidades rurais dos municípios de Casemiro de Abreu e Silva Jardim a iniciarem experiências com Sistemas Agroflorestais Sucessionais em suas propriedades.

Durante o transcorrer das capacitações, viagens, mutirões e reuniões de avaliação, surgiram questionamentos no grupo que se formava quanto a necessidade de uso dos conhecimentos que estavam sendo adquiridos e/ou resgatados, para o desenvolvimento de um sistema de produção que viabilizasse a produção de hortaliças na baixada litorânea, caracterizada por um clima quente e úmido, de alta precipitação pluviométrica (2.300 mm) e solos pouco férteis e constantemente lavados pelas chuvas. Os agricultores e técnicos apoiados por alguns consultores, imaginaram uma seqüência de produção de: espécies de hortaliças de ciclo curto e médio, espécies frutíferas de ciclo curto, espécies de leguminosas herbáceas e arbustivas e espécies arbóreas pioneiras e secundárias de crescimento rápido, preferencialmente, nativas das matas ciliares da região da Mata Atlântica. Na escolha das espécies considerou-se a diversificação e o potencial produtivo das hortaliças e frutíferas, visando viabilizar os agricultores familiares da região na comercialização na feirinha local, a bio-diversificação da área no tempo e no espaço, reunindo diversas espécies e também várias variedades da mesma espécie; além do uso de hortaliças que podem ser cultivadas em ambiente parcialmente sombreado.

Este trabalho está sendo realizado no Sítio Agrícola da Prefeitura de Casemiro de Abreu. Neste local são desenvolvidos vários trabalhos visando apoiar os agricultores familiares da região como: produção de mudas, produção de alevinos para piscicultura, além de programas sócio-educativos como o Programa Jovem Agricultor Orgânico que será descrito mais adiante nas experiências que se referem a Educação Agroecológica.

O Grupo de Agricultores Familiares Agroflorestais da Bacia Hidrográfica do Rio São João inicia sua experiência em 2004 reunindo 13 famílias com a parceria da Associação Mico-Leão-Dourado, Secretaria Municipal de Agricultura e Pesca de Casemiro de Abreu, APA Bacia do Rio São João/IBAMA, Agrojardim Serviços, Produção, Indústria e Comércio Ltda., Assentamento Cambucaes, Projeto Integrado de Colonização de Aldeia Velha e Assentamento Visconde.

Nesta parceria foram desenvolvidas oficinas para formação de dois grupos que fazem parte de mutirões agroflorestais. Durante as oficinas também foram contempladas avaliações das áreas implantadas de SAF em cada lote de agricultor familiar envolvido, e organização de uma agenda de trabalho de campo para a limpeza e manejo das áreas SAF implantados quando necessário. As oficinas culminaram em um curso sobre SAFs com Ernst Gotsch em novembro de 2004.

A criação desses mutirões teve como objetivo principal mostrar para cada agricultor familiar sendo homens, jovens e mulheres, a importância da união do grupo e facilitar o andamento das atividades. Como resultado destas atividades existem 13 famílias de agricultores envolvidos ativamente nestes mutirões e as áreas de SAF's implantadas foram conduzidas neste sistema, onde os agricultores beneficiados se ajudaram para estabelecer os plantios. Verificou-se boa aceitação dos agricultores quanto a este sistema de trabalho, sendo a implantação realizada sem maiores problemas. Verificou-se também que tal sistema de implantação funciona como uma capacitação dos agricultores, formação de

multiplicadores dentro da comunidade, onde os mesmos trocam experiências entre si, além de se adaptarem melhor às novas práticas. Mais recentemente, essas adaptações têm produzido uma nova alternativa de produção de hortaliças, que está sendo chamada de “horta-floresta”.

A equipe envolvida diretamente nesta atividade organizou uma viagem técnica a Barra do Turvo/SP, em novembro de 2005, levando 13 agricultores dos assentamentos da região para uma troca de experiência com um grupo de 50 agricultores da Cooperafloresta que estão produzindo e comercializando seus produtos agrofloretais no Estado de São Paulo e no Paraná.

Segundo a experiência, o grande potencial da agroecologia, principalmente os sistemas agrofloretais, está no fato de serem sistemas similares aos sistemas naturais locais, adaptados às condições edafoclimáticas da região. Considerando as dificuldades de recursos financeiros para a prática da agricultura com alto uso de insumos externos, os produtores encontram nos sistemas agrofloretais uma forma de produzir utilizando a mão-de-obra familiar e trabalho em mutirões.

4.2 Educação

O Ensino da Agroecologia na Formação Universitária, desenvolvido pelo Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense, surgiu no ano de 1998 e desde lá se desenvolve anualmente envolve de 50 a 80 estudantes de várias áreas do conhecimento.

A atividade envolve estudantes, agricultores familiares e comunidades tradicionais (caiçara, quilombola, agricultores sem terra, pescador artesanal) e tem como parceiros Universidades, movimentos sociais, ONGs e órgão oficial de pesquisa.

Já ocorreram atividades nos municípios de Niterói, Seropédica, Paraty, Conceição de Macabu, Casimiro de Abreu, Silva Jardim e Maricá.

O início se deu pelo intercâmbio entre o Departamento de Geografia/UFF e AS-PTA, na participação de professores em cursos de agroecologia organizados pela Embrapa Agrobiologia e AS-PTA que serviu, desde então para inclusão de novos conteúdos no ensino.

A partir daí, a disciplina optativa “Agroecologia” passou a ser oferecida como proposta multidisciplinar para vários cursos: Geografia, Farmácia, História, Ciências Sociais, Engenharia Agrícola, Física e Serviço Social. Esta iniciativa também teve reflexos na pós-graduação em Planejamento Ambiental onde a disciplina anteriormente de “Ecossistemas” foi adaptada para “Ecossistema, Biodiversidade e Cultura” passando a tratar dos agroecossistemas. A questão apresentada nestas disciplinas debatia o papel da Universidade na formação de profissionais despertos para um trabalho interdisciplinar, críticos e sensíveis à construção de outro projeto de sociedade. Como metodologia há debate de textos, idas a campo, vídeos e diálogos com diferentes atores protagonistas: caiçaras, agrofloresta familiar, Quilombolas, agrofloresta com Ernst Götsch, Faxinal Marmeleiros/PR, acampamentos e assentamentos MST, comunidade tradicional de pescadores, Fazendinha Agroecológica da

Embrapa Agrobiologia e GAE/UFRRJ. Reflete-se nestes momentos sobre armadilhas da academia, visão reducionista, tecnicista, noção de neutralidade da ciência e as limitantes para a compreensão integral das relações humanas e sociais. A riqueza de depoimentos e de experiências vem permitindo contrastar os problemas inerentes ao projeto dominante da revolução verde, pedagogicamente proporcionando elementos para se evidenciar a Agroecologia como outro projeto.

Os principais resultados e ensinamentos têm demonstrado que o interesse pela disciplina tem sido contínuo, fortalecendo a possibilidade de construção de um projeto, esperançoso e possível, na qual vem sendo reconhecida a amplitude do enfoque agroecológico e valorizados o potencial de culturas nativas e a importância das diferentes realidades ecossistêmicas e territoriais. Desta forma, oportunizou-se aos alunos vivências, conhecimentos vivos, práticos, experiências a partir de trocas com agricultores, caiçaras, pescadores, movimentos sociais diversos, bem como, para esses o reafirmar-se em seus diferentes contextos históricos e sócio-ambientais.

O Grupo de Agricultura Ecológica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (GAE/UFRRJ) desde seu surgimento em 1983 tem como lema estudar, praticar e difundir a Agroecologia.

Foi criado por estudantes de diversas áreas do conhecimento com o objetivo de suprir a demanda por conhecimentos alternativos aos da grade curricular imposta pela Universidade.

O grupo reúne-se semanalmente a fim de estudar e discutir as aplicações da Agroecologia, assim como suas implicações no contexto rural brasileiro, levantando a uma série de questionamentos acerca do modelo tecnológico de desenvolvimento rural implantado no país.

Durante esses vinte anos o GAE vem abordando o tema da Agroecologia através de atividades como: estudos dirigidos, promoção de palestras e seminários, visitas técnicas, participação em eventos, estágios de vivência, trabalhos de extensão em comunidades, organização de cursos, etc A importância do grupo se dá na formação de profissionais capacitados a trabalhar com a Agroecologia, levando para a sociedade uma abordagem mais humana da agricultura.

Outra experiência relatada é o **Programa Jovem Agricultor Orgânico** desenvolvido pela Secretaria Municipal de Agricultura e Pesca de Casemiro de Abreu, Secretaria Municipal de Bem Estar Social de Casemiro de Abreu e Agrojardim Serviços, Produção, Indústria e Comércio Ltda que desde 2002 envolve 120 famílias de agricultores familiares e seus filhos.

Este programa sócio-educativo lançado pela Secretaria Municipal de Agricultura e Pesca de Casemiro de Abreu tem por objetivo acolher jovens de 14 a 17 anos, filhos de agricultores familiares da região, matriculados na rede municipal de ensino, e que estejam com algum tipo de risco social, seja pela falta de perspectiva com a atividade no meio rural, seja pelo abandono ou violência familiar. Pelo programa, os jovens recebem uma remuneração em torno de meio salário mínimo e durante um ano, participam de diversas atividades no Sítio Agrícola.

A equipe de monitores que acompanha os jovens desenvolveu um método de trabalho que visa a participação em todas as etapas de planejamento e desenvolvimento de atividades. Os jovens são estimulados a se organizarem e formular propostas no dia a dia, e, muitos que chegam, mal conseguem se apresentar diante dos colegas e monitores. Os monitores debatem periodicamente com os jovens, assuntos relacionados com a realidade desses, como: reforma agrária, alimentação x saúde, conservação do meio ambiente, produção orgânica x produção convencional, e outros assuntos que os jovens estejam interessados. Periodicamente são realizadas atividades recreativas e são aplicadas dinâmicas de grupo que ao longo do tempo vão provocando a interação entre os jovens. Os familiares notam uma mudança no comportamento deles, e relatam todo ano uma significativa melhora nas relações familiares. O aprendizado das técnicas de cultivo orgânico ocorre naturalmente, sem maiores formalidades acadêmicas, pois o programa não tem por objetivo substituir os cursos profissionalizantes, mas sim estimular os jovens a procurar um caminho de formação de qualidade. Os jovens também aprendem a reconhecer o potencial de produção da propriedade de seus pais, e a valorizar a atividade rural. Em 2006 o programa está completando seu quinto ano de funcionamento e é uma conquista das comunidades rurais da região.

Colocada como sonho pelos movimentos idealizadores, a **Escolinha de Agroecologia** reuniu 40 famílias de camponeses e em 2005 iniciou suas atividades.

Trata-se de uma experiência de educação alternativa construída pelos agentes da Comissão Pastoral da Terra da Região Norte do Estado do Rio de Janeiro na sua presença junto às comunidades de assentados (as) da Reforma Agrária sendo camponeses (as) ligados (as) ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e ao movimento sindical.

O Sonho, como é considerada, iniciou em 2001 e se efetivou em abril 2005 após terem conhecido o Programa de Extensão da Universidade Federal de Viçosa (UFV) no que diz respeito a agricultura orgânica.

A Escolinha funciona uma vez por mês durante todo o dia nas instalações da Universidade Federal Fluminense em Campos. É coordenada pela Comissão pastoral da Terra e o monitoramento é feito por professores da UFV.

O primeiro ano da experiência foi dedicado a estudar o conteúdo da homeopatia na agropecuária e em 2006 prossegue o mesmo conteúdo agregando-se a contribuição do Departamento de Agricultura/UENF introduzindo o estudo de outras técnicas alternativas.

Participam da Escolinha, assentados (as), estudantes de agronomia e os agentes da CPT.

O significado da Escolinha na região é o apoio concreto que os (as) trabalhadores (as) rurais estão recebendo para estabelecer em seus lotes a produção agroecológica que de forma coletiva se apropriam de conhecimentos para serem aplicados no seu dia a dia.

No final de 2005 foi criada uma equipe volante de cinco alunos que mais se apropriaram da experiência para começar a multiplicar em lotes e em comunidades a prática da experiência.

Reforma Agrária, Direitos territoriais e agroecologia.

Por iniciativa do MST, da EMATER-RIO, FURNAS, Prefeitura Municipal de Resende, Associação para o Desenvolvimento Ecológico e Comunitário – Via Ecológica, Igrejas Católica e Luterana surgiu em 1999 a **Experiência Agroecológica da Comunidade Terra Livre** no município de Resende.

Em março de 1999 o MST organizou trabalhadores Sem Terra da região sul fluminense para a criação de um acampamento. Os objetivos iniciais eram a busca por uma alternativa ao desemprego, a necessidade de ocupação das áreas improdutivas que não cumprem sua função social e a grande demanda na região por alimentos saudáveis e frescos nos mercados locais. A criação da então Comunidade Terra Livre possibilitou o acesso à terra e renda a 35 famílias através do trabalho com agricultura, cooperação e economia solidária, resgatando dignidade e segurança alimentar as famílias que trabalham seja na própria comunidade ou em seu entorno.

Foi por meio da necessidade de se manterem na terra que os trabalhadores começaram a cultivar a terra e a produzir sem uso de insumos minerais, utilizando apenas esterco.

A partir da construção de um viveiro de mudas em regime de cooperação, de práticas adquiridas no cultivo do solo e no maior conhecimento sobre o território ocupado é que os conceitos agroecológicos foram sendo trabalhados com as famílias.

Assim, por meio da prática de ocupar um novo território, é que julgam ter desenvolvido os conceitos de organização, cooperação e a necessidade de produção num novo modelo tecnológico, o que permitiu restituir a função social da terra e a recuperação ambiental e social destruída pelo modelo produtivista e excludente que até então vigorava na antiga Fazenda da Ponte.

Experiência que demonstra a resistência de agricultores à degradação dos recursos naturais ocasionada pelo agronegócio da Cana de Açúcar ao longo dos anos pode ser ilustrada pela experiência em um dos assentamentos no município de Conceição de Macabu que teve início em 1996 envolvendo MST, FETAG, e a assistência técnica da Cooperativa de Prestação de Serviços CEDRO.

A ocupação das Fazendas Capelinha I e II que caracterizava-se por uma área fortemente degradada pela exploração da monocultura de cana de açúcar praticada pela falida Usina Victor Sence por cerca de 60 anos, permitiu aos então assentados constituir um nível de organização que se tornou referência no estado através da Associação de Trabalhadores Rurais da Fazenda Capelinha.

As condições edafoclimáticas oferecem imensos desafios aos agricultores familiares que conquistaram a terra sendo comum, após vários insucessos produtivos, o desânimo e mesmo o abandono dos cultivos. Além disso, o assentamento sofreu com secas e enchentes, pragas e frustrações de safras que forçaram muitos agricultores a buscar fora do assentamento o sustento de suas famílias.

Uma das assentadas, Maria Baixinha, é goiana e foi cortadora de cana por vários anos. O trabalho no lote é desenvolvido com a ajuda de seus dois filhos. Seu lote, ao contrário de

muitos outros é tido como exemplo de produção e fartura. Baseado em sistema de produção diversificado, Maria integra criação de animais com produção vegetal, diversifica culturas de ciclo curto com outras de ciclo longo sem a utilização de agrotóxicos. Além disso, vem desenvolvendo um sistema de produção de sucesso na recuperação dos solos e na complementação de renda que inclui o plantio de Guandu consorciado com as demais culturas que é comercializado, depois de debulhado no município de Macaé.

O sucesso da experiência dessa agricultora familiar, mesmo que isoladamente, revela que a adoção de determinadas estratégias produtivas podem ser eficientes no enfrentamento de uma situação bastante adversa deixada pelo latifúndio da cana-de-açúcar e tão comum nas áreas destinadas a reforma agrária.

Envolvendo 3 comunidades quilombolas - Preto Forro em Cabo Frio, Alto da Serra em Lídice (município de Rio Claro) e Marambaia (localizada em uma área militar) em Mangaratiba surge em 2005 entre uma parceria da KOINONIA - Presença Ecumênica e Serviço com o Ministério do Desenvolvimento Agrário o **Projeto Etnodesenvolvimento Quilombola – Iniciativa piloto – capacitação de Comunidades Quilombolas no Estado do Rio de Janeiro**

O projeto apoiado pelo MDA tem por objetivo a consolidação e o fortalecimento das associações das três comunidades quilombolas, bem como a melhoria da qualidade de vida de seus moradores, através da capacitação de sua população para a auto-gestão para o desenvolvimento sustentável e para a agroecologia.

O projeto se dá em duas etapas: a primeira, já concluída, realizou 5 oficinas divididas por temas sendo: direitos quilombolas, formas de organização de grupos, questões ambientais, formas sustentáveis de produção e políticas públicas. A segunda etapa, com início em maio de 2006 tem como objetivo fazer com que a comunidade (a partir do diagnóstico realizado na primeira fase) defina temas prioritários a serem objeto de pequenos planos de desenvolvimento das comunidades.

As comunidades envolvidas no projeto nunca tiveram nenhum tipo de apoio de órgãos ligados à agricultura. Não usam agroquímicos e têm uma relação de proteção ao território que ocupam, apesar de em duas delas haver conflito sobre a posse da terra, sendo este conflito com a Marinha, no caso da Ilha de Marambaia e com um grileiro, no caso de Preto Forro. Na comunidade de Alto da Serra o grupo ainda não entrou com o pedido de reconhecimento da posse da terra.

O projeto conta com uma equipe de 04 supervisores e cerca de 10 consultores e voluntários.

Outra experiência envolvendo conflito entre Sem Terra e instituições ambientais refere-se à **Ação civil pública movida contra o INCRA pelo Ministério Público face a denúncias do IBAMA/Reserva Biológica de Poço das Antas e Associação Mico Leão Dourado considerando a Unidade de Conservação ameaçada por ocupação de trabalhadores rurais sem terra**. Fruto de desacordos entre políticas agrárias e ambientais, resultando em

embates e disputas de terras entre Unidades de Conservação de um lado e assentamentos e acampamentos de outro – impedindo a transformação do acampamento Sebastião Lan Gleba 2 em assentamento.

O TAC (termo de ajustamento de conduta) foi assinado em agosto de 2005 pelo INCRA RJ, Ministério Público e IBAMA/Rebio. Está em curso a implementação do Assentamento, passando necessariamente por medidas ambientais.

Há dúvidas, diante do trabalho realizado por um grupo da Universidade Federal Fluminense se o licenciamento ambiental é um mecanismo que leva a conjugação de reforma agrária e conservação, ou se leva ao impedimento da reforma agrária.

Neste caso, defende-se que é necessária uma proposta de visão mais abrangente, dinamizando o processo de construção de um outro modelo de assentamento com enfoque agroecológico com o agricultor à frente da recuperação ambiental, diversificando o ambiente de forma a conjugar morada, território do ser humano e habitat das espécies da Mata Atlântica, dentre estas a espécie do Mico Leão Dourado.

4.4 Saúde e plantas medicinais

Reconhecendo o conhecimento popular de uso das plantas medicinais no Rio de Janeiro: A experiência da Rede Fitovida com o Inventário Nacional de Referências Culturais.

A experiência que reúne 200 mulheres e 40 homens teve início em 2000.

A Rede Fitovida nasceu da necessidade de articulação de grupos populares e comunitários que já vinham trabalhando com a preocupação de manter vivo o uso tradicional das plantas medicinais. Foi a partir dessa organização que decidiram resgatar a dimensão cultural de suas práticas, para que pudessem salvaguardar seus conhecimentos, sem a interferência de interesses públicos e privados. Sabe-se que muitos são os interesses articulados às corporações internacionais, aos grandes laboratórios, aos saques à biodiversidade, aos registros de patentes, aos problemas referentes à propriedade intelectual, às acusações de práticas de curandeirismo, que desqualificam os fazeres da farmacopéia popular. Para além de todos esses conflitos de interesse, tem-se ainda as agências de saúde pública operando com um olhar burocrático, preocupado apenas com os princípios ativos das plantas. O Inventário Nacional de Referências Culturais é um instrumento de política pública que busca identificar e documentar bens culturais. Portanto, o Inventário é um instrumento político importantíssimo e também um instrumento de informação, porque mobiliza as comunidades nesse processo de levantamento das suas referências culturais.

A Rede manipula mais de 100 tipos de remédios caseiros e cosméticos à base de plantas medicinais de mais de 300 diferentes espécies

A Horta Comunitária do Grupo Servida – Mesquita **envolve a Pastoral da Saúde, Rede Fitovida, Sonoleve – Mesquita e teve início no ano de 2000.**

A partir de cursos dados pelo Pe. Geraldo, da Diocese de Nova Iguaçu, iniciou-se o trabalho em um posto comunitário na paróquia primeiramente em parceria com o SUS/Cáritas. Com o término da parceria o trabalho continuou com voluntários e um médico, Dr. Dário receitava os

xaropes e pomadas produzidas pelo grupo. Anteriormente a emancipação do município de Mesquita, onde ocorre a experiência, realizou-se uma parceria com a prefeitura municipal de Nova Iguaçu, através da Secretaria de Saúde que financiou o trabalho de dentistas, médicos e enfermeiros auxiliares. Assim deu-se início o cultivo de hortas medicinais comunitárias pelo grupo primeiro na Via Ligth, com a assessoria da EMATER-RIO e em seguida num terreno cedido pelo Sr. Pinheiro/Sonoleve-Mesquita.

Segundo uma das participantes “A articulação do grupo com a Rede Fitovida possibilita não só uma interação com outras experiências realizadas como também anima nossa caminhada, pois o trabalho que realizamos encontra muitas dificuldades principalmente a falta de agentes para desenvolver tais experiências.”

Cultivo e manipulação de plantas medicinais na comunidade urbana da Vila do Pinheiro, Complexo da Maré. A experiência da sala comunitária Semente da Vida.

Em 1992 um grupo de mulheres ligadas à Pastoral da Saúde foi buscar em cursos e encontros uma alternativa de trabalho comunitário relacionado à saúde. Todas as participantes do grupo tinham experiências anteriores na relação com as plantas medicinais: eram filhas ou conhecidas de raizeiras, benzedeiras ou já tinham tido experiências de cura através das plantas e da medicina caseira. Todas elas vinham de zonas rurais e também possuíam experiências de roçado.

Ao se juntarem na Igreja para desenvolverem um trabalho social voluntário, resgataram os seus conhecimentos antigos e aprendem novas formas de manipular as plantas. Conseguiram então um espaço na Igreja, onde até hoje cultivam as ervas e preparam os remédios caseiros.

Atualmente, com mais de dez anos de trabalho, o grupo, batizado de “Semente da Vida”, vem trocando experiências com diversos outros grupos comunitários que trabalham com plantas medicinais. Conseguiram reunir um grande número de plantas e conhecimentos e tem propagado o saber, que para elas tem um forte valor cultural.

Todo o dia é possível chegar no Centro Comunitário na Favela da Maré e encontrar as mulheres mexendo na horta, colhendo plantas, secando-as, ou preparando remédios. Se convidadas para participar de atividades fora da comunidade, vão com o maior prazer, pois têm consciência que é dessa maneira, trocando experiências, que aprendem mais e podem também ensinar aquilo que sabem, ajudando assim a manter vivo o conhecimento sobre as plantas medicinais.

Produzem mais de 20 produtos (por ex. multimistura, pomadas, xaropes, shampoos, sabões, garrafadas) e manipulam mais de 100 tipos de plantas (hortelã, poejo, boldo, cavalinha, alecrim, melissa, etc.)

Fitocosméticos & Fitoterápicos é uma experiência que surgiu em 1999 a partir de um curso de Bioenergética em Minas Gerais e que hoje envolve os municípios de Nova Iguaçu, Queimados, Mesquita, Nilópolis e Rio de Janeiro.

A experiência une a prática de manuseio das plantas medicinais tanto para tratamento de doenças como no uso de cosméticos para estética. O aprimoramento surgiu após um curso de base de cosméticos passou-se a substituir os elementos químicos utilizados nos cosméticos por elementos naturais extraídos de plantas medicinais. Tem destaque a busca de informações, testes, enfim a especialização no assunto.

Os encontros de troca da Rede Fitovida de plantas medicinais, os cursos de formação da Pastoral da Saúde, e outros encontros afins foram primordiais neste processo.

A partir da parceria com outros grupos como o Semente da Terra que também começou a produzir cosméticos passando a utilizar os mesmos espaços de venda dos produtos e então surgiu a idéia do trabalho de forma cooperada.

O grupo faz parte da Rede de Economia Solidária onde se comercializa os produtos, além dos espaços já garantidos em encontros e celebrações da igreja e em eventos culturais.

“Aprendemos nesta caminhada que somos capazes de criar e propor, a nos defendermos dos altos preços e das químicas. Estamos sempre em busca do novo, da descoberta apesar de todas as complicações que o sistema nos impõem, porém não recuamos porque temos compromisso com o que fazemos e acreditamos acima de tudo” relata uma das participantes.

Um dos principais resultados obtidos com a experiência é a produção coletiva. “Produzimos coisas simples e baratas com qualidade, adquirimos credibilidade, responsabilidade, confiança e segurança. Nessa nossa briga por melhor qualidade de vida e por práticas alternativas ao que o sistema nos impõe sentimos que estamos conseguindo dar passos apesar de pequenos. Pesquisamos e vemos os resultados positivos, temos medo por causa da pressão que nos é imposta, dificuldade em adquirir produtos condizentes com nossa realidade de produção, fazemos o que nos é permitido e possível fazer”.

O grupo produz cremes, gel, óleos, loções, shampoo, condicionador, sabonetes e sais de banho.

Encontro da Partilha: saberes e fazeres em movimento

Este movimento está organizado desde 2000 na Baixada Fluminense (Nova Iguaçu, Belford-Roxo, Duque de Caxias, São João de Meriti, Mesquita, Nilópolis, Paracambi e Queimados); Região Serrana (Teresópolis e Petrópolis); Sul Fluminense (Volta Redonda, Valença, Piraí, Rezende e Barra Mansa); Metropolitana (Penha, Bonsucesso, Campo Grande, Pavuna, Niterói e São Gonçalo) e Norte Fluminense (Campos).

Em 1998, a partir da parceria entre Suzana, médica do município de Campos, Márcio agrônomo da região metropolitana do Rio de Janeiro e Sonia, educadora popular de Queimados. O trabalho em comum com plantas medicinais despertou para a importância de se encontrar, periodicamente, para trocar experiências com objetivo de mapear grupos no estado do Rio de Janeiro que realizassem o mesmo trabalho. No ano seguinte, avaliando o trabalho de diagnóstico e levantamentos realizados chegaram as seguintes conclusões: Os grupos eram pequenos e realizavam trabalhos comunitários com

manipulação de ervas medicinais; tinham dificuldades de refletir sobre o que faziam além de estarem isolados; a maior parte dos grupos realizava seus trabalhos em espaços da igreja católica; os grupos em sua maioria eram formados por mulheres idosas ou jovens; havia grupos com mais de 15 anos de existência com grandes dificuldades financeiras. Foram mapeados 50 grupos em todo o estado do Rio de Janeiro. Diante da realidade de muitas dificuldades apesar da grande riqueza de experiência e com a preocupação de valorizar/resgatar a cultura popular em saúde foi organizado o I Encontro Estadual Popular de Terapias Alternativas em Saúde, realizado em Petrópolis, em Abril de 2000 com a presença de aproximadamente 150 pessoas representando os 50 grupos levantados na pesquisa realizada. Momento em que os grupos puderam se conhecer, trocar experiências, partilhar sucessos e dificuldades e pensar juntos como avançar no trabalho realizado. Neste encontro é que surgiram as propostas de, eleger uma equipe estadual para articular os grupos no estado do RJ; produzir um jornal para sistematizar as experiências discutidas nos encontros, e; a realização de encontros anuais. Após este primeiro encontro, a equipe de coordenação avaliou e percebeu que apenas um encontro por ano seria pouco para responder as exigências que foram levantadas pelos grupos. Para intermediar um encontro do outro e não haver desarticulação das propostas além de aprofundamento dos desafios das experiências tratadas era preciso mais. Pensou-se em encontros regionais: surgiu então, a Partilha. A Partilha é encontro que acontece trimestralmente. O tema e o local do encontro são definidos no encontro anterior, com a proposta de partilha não só de saberes e práticas, mas também de recursos financeiros para passagens e alimentação que é o problema maior para uma efetiva participação dos grupos comunitários. O encontro se inicia com trocas teóricas, cada participante é convidado a falar o que faz, como faz, por que e para que realiza suas experiências dentro do tema escolhido. É hora de ouvir histórias, contar experiências. Todas as pessoas têm a oportunidade de participar ativamente contribuindo na troca de experiências.

Num segundo momento as experiências relatadas e refletidas são postas em prática através de oficinas. A coordenação do encontro que recebe o Encontro da Partilha fica responsável pela infra-estrutura, acolhimento e produção do jornal o Fitoteia que traz as informações, receitas, e reflexões sobre o tema que foi discutido, e que será socializado no encontro seguinte da Partilha. Essa experiência é permeada por princípios de solidariedade, autonomia, participação, ecumenismo, valorização da cultura popular como fonte de conhecimento, preservação e proteção do meio ambiente e respeito às diversidades culturais e muita mística. Os principais resultados obtidos foram a articulação dos grupos no estado do Rio de Janeiro que deu visibilidade as experiências realizadas: formando assim A Rede Fitovida com seus princípios que norteiam as ações dos participantes. Além do amadurecimento das questões discutidas de não institucionalizar a Rede e sim manter viva a memória das experiências de cada grupo utilizando como instrumento o inventário com fins de preservar os saberes em

saúde popular dos grupos que fazem parte da Rede em parceria com IPHAN.

4.5 Desenvolvimento local

Com o tema trabalha desde 1999 a **Cooperativa de Prestadores de Serviços focados na Transição para a Agroecologia**. – CEDRO – Cooperativa de Consultoria, Projetos e Serviços em Desenvolvimento Sustentável LTDA. reunindo profissionais de Assessoria técnica, social e ambiental pública não Estatal.

Desenvolvem em Angra dos Reis e Paraty trabalhos junto a pescadores artesanais incentivando a criação de mexilhões como alternativa de renda. Atualmente tendo como principal trabalho a atuação em assessoria técnica, social e ambiental junto a assentamentos rurais do INCRA em 9 municípios do interior do estado: Campos dos Goytacazes, São Francisco do Itabapoana, Macaé, Trajano de Morais, Conceição de Macabu, Rio das Ostras, Cabo Frio, São Pedro d'Aldeia e Silva Jardim.

A partir da iniciativa de técnicos ligados à ciências agrárias junto com 20 técnicos dos 32 que atuavam no extinto Projeto Lumiar no RJ, profissionais com afinidade e histórico de atuação com o apoio a Reforma Agrária e a agricultura alternativa, constituiu-se a CEDRO, em maio de 1999, na expectativa de melhor qualificar o Projeto Lumiar. Com o fim deste projeto a cooperativa procurou exercer-se como tal através da busca de serviços e de atuação com públicos diferenciados como pescadores/maricultores e agricultores familiares de comunidades tradicionais, mantendo vínculo de diálogo como os movimentos sociais que atuam com Reforma Agrária no Estado. Um dos principais serviços da cooperativa se deu nos trabalhos de articulação na Rede Agroecologia Rio, no período de 2000 a 2002, ao qual sucederam outros nas áreas de maricultura, reforma agrária e Planejamento participativo.

A CEDRO possui três escritórios descentralizados em municípios do interior do estado e seu quadro de associados profissionais é diversificado, formado por Engenheiros Agrônomos, Médicos Veterinários, Economistas Domésticos, Licenciados em Ciências Agrícolas, Engenheiros Florestais, Técnicos Agropecuários e em Cooperativismo.

Atualmente a CEDRO encontra-se contratada para os serviços de ATES no RJ, tendo sido escolhida por nove dos quatorze assentamentos contemplados pelo INCRA/RJ com este serviço em nosso Estado, localizado em nove municípios e atuando junto à cerca de 900 famílias. A ênfase dada é a construção da agroecologia através da valorização do conhecimento dos agricultores familiares junto com a visão multidisciplinar dos técnicos. O trabalho é recente encontrando-se em sua fase inicial, qual seja, de diagnóstico, de elaboração de planos de recuperação de assentamentos e de planejamento de ações, além das ações de campo.

Também atuando no desenvolvimento local, a EMATER-RIO junto a Colônia de Pescadores de Cabo Frio e o Movimento de Mulheres apresenta a experiência: **Reciclando Escamas de Peixe**.

A experiência com as “Mulheres da Pesca” na produção de artesanato feito com as escamas de peixe, teve início em 2004, a partir de uma capacitação com recursos do PRONAF, realizada em Cabo Frio. As mulheres da pesca (de comunidades urbanas) vivem uma realidade que os

afasta totalmente da pesca, são obrigadas a buscar alternativas de renda e oportunidades em outras atividades. O trabalho do artesanato com as escamas tem reforçado o significado da pesca na vida das mulheres. As mulheres que estavam totalmente desarticuladas e afastadas da pesca passam a reconstruir sua complementaridade a partir da reciclagem de escamas o que gera um sentimento de pertencimento. O trabalho possibilita a sua inserção em um espaço institucional (as Colônias) amplamente dominado por homens. A participação das mulheres da pesca nas conferências, feiras e espaços de produção contribuem para visibilidade de seus papéis e faz emergir um sentimento de auto - estima.

4.6 Relação com os mercados

A **Rede de Produtores (as) da Região Norte do Estado do Rio de Janeiro** teve seu início em 2001 quando começou a discutir e utilizar as plantas medicinais e a perceber a importância de uma alimentação balanceada para a saúde.

Através disso discutiram a relação entre saúde, alimento natural e os malefícios dos agrotóxicos aplicados na agricultura.

Durante dois anos esta proposta da rede foi discutida em várias comunidades da região pelo MST e pela Comissão Pastoral da Terra.

Para que os agricultores (as) pudessem se apropriar de técnicas alternativas, várias oficinas foram realizadas ensinando como fazer o bio - fertilizante, compostagem orgânica, adubação verde, cultivo consorciado e diversas caldas para equilibrar pragas. Ainda em 2004, a partir de interesses de Amigos da Reforma Agrária da cidade de Campos, alguns assentados (as) começaram a comercializar produtos alternativos. Iniciaram com ovos e frango caipira sendo depois introduzido a banana, o aipim e a abóbora.

Com essa experiência construída entre os agricultores (as) e consumidores (as), surgiu no grupo a idéia de iniciar uma venda coletiva direta na cidade de Campos. Num primeiro momento se pensou em Pequeno Mercado, depois o Sacolão a Domicílio, mas o que se concretizou foi a Feira Livre, que funciona todas as sextas-feiras no Parque Tamandaré em Campos dos Goytacazes.

Não existe ainda uma entidade formal, mas a Rede de Produtores (as) se reúne todo mês para discutir questões internas de interesse dos agricultores (as) e juntamente com demais assentados (as) da região para estudar técnicas alternativas aplicadas à agricultura na Escolinha de Agroecologia coordenada pela Comissão Pastoral da Terra.

Sistema ABIO de Certificação Participativa

A experiência encontra-se em fase de implantação. Depois de um longo processo de discussão interna, a ABIO concluiu que a certificação não é um mecanismo adequado para a garantia da qualidade da produção orgânica de base familiar, não só em razão de seus custos, como dos princípios que a norteiam e dos procedimentos a que obrigatoriamente deve se submeter. Por outro lado, sendo a certificação compulsória, em muitas situações ela se torna condição para a sobrevivência do produtor; dessa forma, os Associados da ABIO optaram por manter as atividades de certificação sob seu controle, ao invés de comprar serviços de certificação de uma certificadora.

Basicamente, a experiência trata do fortalecimento da organização de cada um dos dez Núcleos da ABIO, no sentido de delinear os controles sociais a serem exercidos de forma coletiva e que serão os pilares do Sistema ABIO de Certificação Participativa. Os produtores identificarão os mecanismos de controle e de comprometimento mais adequados às condições do grupo, a partir do relato de outras experiências de certificação participativa, como a da Rede Ecovida e a da ACS (Associação de Certificação Sócio Participativa da Amazônia). A experiência está sendo implantada com o apoio da FAPERJ, através do seu Programa Rio Inovação.

Feira de Agroecologia de Teresópolis

Em outubro de 2004 em função da falta de um espaço para venda direta de produtos orgânicos, em Teresópolis e com a dificuldade do produtor na venda de seus produtos, surgiu a idéia de organizar alguns agricultores familiares e produtores rurais, de produtos orgânicos, em um espaço cedido por um produtor rural dentro da cidade de Teresópolis, para comercialização direta de seus produtos. Os agricultores já certificados pela ABIO foram convidados para a participação neste espaço, e outros que não são certificados foram também convidados a participarem, sempre tendo como requisito a produção orgânica de alimentos.

Atualmente são 21 participantes, entre agricultores familiares, produtores rurais e sitiantes, incluindo homens e mulheres, adultos e jovens. O espaço funciona duas vezes por semana, com uma frequência média de 400 consumidores por dia.

As vantagens para os participantes estão no recebimento à vista pela venda de seus produtos, além da eliminação da intermediação na comercialização aumentando a margem de lucro. Também possibilita o contato direto entre os produtores e os consumidores, gerando inclusive laços de confiança no processo de comercialização. Neste processo são feitos ajustes nos preços pagos e recebidos, em função do maior conhecimento da realidade neste tipo de produção, de caráter artesanal.

O espaço de comercialização também se propõe a valorizar o conhecimento e a forma de produção orgânica.

É oferecido aos consumidores banana, caqui, citros, morango, folhosas em geral (alface, agrião, brócolis, mostarda, rúcula, etc.), vagem, cenoura, beterraba, batata, chuchu, mel, fubá de milho, farinha de mandioca, pães artesanais, doces e tortas, feijão, diversas plantas medicinais, e artesanatos como colares, brincos e pulseiras de sementes diversas.

Rede Ecológica

Grupo de consumidores que se iniciou em 2001 realiza basicamente compras coletivas de produtos agroecológicos. As compras são semanais em 4 núcleos-bairros (Urca, Santa Teresa, Tijuca e Humaitá) de produtos frescos, e mensais envolvendo além destes, os bairros de Copacabana e Jacarepaguá.

Os produtos secos vêm de várias partes do país, possibilitando aos consumidores um cardápio orgânico básico. O objetivo da Rede Ecológica está voltado para a conscientização e organização de consumidores, além de apoiar associações de pequenos produtores agroecológicos.

Além das compras coletivas, também há atividades voltadas para o reaproveitamento de materiais (evitar embalagens, devolução das mesmas, repasse de objetos para o campo, confecção de cadernos ecológicos), o agroturismo (visita aos produtores, reforçando a relação campo-cidade), mexendo com a terra (compostagem, estímulo a hortas) dentro da cidade.

Participam em campanhas, mais especificamente em relação aos transgênicos e abaixo-assinados, no momento está em curso um de apoio a questões da Convenção de Curitiba, e um segundo em relação ao milho crioulo e de apoio às mulheres da Via Campesina que destruíram os viveiros da Aracruz Celulose no Rio Grande do Sul.

Participam do Fórum de Cooperativismo Popular do Rio de Janeiro caracterizando-se num projeto de economia solidária e educação ambiental.

“O projeto se desenvolveu aos poucos, lutando com algumas dificuldades, que tem a ver com a abertura de consumidores para uma participação mais efetiva e para lidar com eventuais dificuldades que surjam, a falta de organização nossa e também dos produtores. Mas tem crescido lenta e continuamente, e é uma das poucas referências do tipo existentes no país” afirma uma das coordenadoras da Rede.

Tabela: Lista de agricultores (as) e com os respectivos produtos e serviços para comercialização e contato.

Agricultores (as) agroecológicos	Principais produtos para comercialização	contatos
Maria conceição da silva e Marilena Cavalcanti	Artesanato de escamas	22 - 26440714
Elizabeth Cardoso	Artesanato de escamas	22 - 26434977
Maria Conceição Lira	Ervas medicinais	21 - 24123710
Maria Lucia Ribeiro	Plantas medicinais	21 - 24042980
Alice Pereira	Plantas medicinais	21 - 27682519
Fia Rodrigues	Banco de sementes Grupo de saúde alternativa	21 - 24154085
Débora Figueira	Ervas medicinais	21 - 91360043
Sonia Lima	Banco de Sementes	21 - 34268938
Elza Barros	Horta comunitária/plantas medicinais	21 - 27960812

Ana Lima Filomeno	Horta comunitária/plantas medicinais	21 - 27961517
Luiz Fernando de Jesus	Aipim, quiabo, milho, batata doce, folhosas, coco, laranja, limão.	21 – 37947960 ou 97567920
Terezinha Campos	Banana, tilápia	21 - 37642398
Maria	Alface, couve, bertalha, batata doce, aipim, outras variedades de legumes, frutas.	21 - 24174044
Aldeído Ataliba	Aipim, mamão, abacaxi, café, banana, laranja, todos tipos de hortaliça, milho, feijão, arroz, manga, pêra, caqui, plantas medicinais, licor/doce, artesanato.	assentamento@micoleao.org.br
Marlene a. de oliveira	Coloral/agrofloresta plantada com produção de inhame, cana, pupunha, guandu, feijão preto, milho, quiabo, abóbora, tangerina, limão, laranja, banana, jambo, acerola, graviola, cacau, manga, cajá, abacaxi, jaboticaba, amora, nêspera, plantas ornamentais/orquídeas, Dendê, Jussara e remédios.	assentamento@micoleao.org.br
José Ferreira	Mandioca, abacaxi, goiaba, cana, feijão, inhame, taioba, açafração, batata doce, hortaliças (couve, taioba, pimentão, jiló) banana, cereja, palmitos, palmeira real, mamão, laranja, lima da pérsia, tangerina, limão, plantas medicinais.	24 - 99059886 ferreiraecologia@hotmail.com
Mario	Banana e abóbora.	21 - 94033327 (Vânia)
Oswaldo Arante	Quiabo, alface, couve, cebola, inhame, jiló, pimentão, banana, repolho.	21 - 94033327 (Vânia)
Diogo e Luiz Carlos	Rúcula, alface, salsa, cebolinha, mostarda.	21 – 24660460 ou 97420450 ou 94458810
Greice Ramos Fernandes	Banana, feijão e inhame.	22 – 27781414

		ou 27783733
Rita de Cássia Abreu	Aipim, banana, coco.	22 - 26451256 (recado irmã)
Hermes Cipriano	Rapadura, melado, açúcar mascavo, mamão, laranja.	21 - 82027145
Baldino	Laranja, tangerina, aipim, coco, acerola, leite, maracujá, quiabo banana.	22 - 26682500
Marcelo Barreto	Cana de açúcar, feijão, milho, aipim.	22 - 27220643
Agricultores (as) agroecológicos	Principais produtos para comercialização	contatos
Genilson de Souza Pinto	Aipim, milho, feijão, quiabo, abóbora, banana, galinha.	22 - 27220643
Catarina chagas	Aipim, banana, cana, avicultura	22 - 27221788
Roberto Carlos Alvares	Gado, leite, cana, aipim, milho, feijão, inhame, coração de peru, galinha, coelho.	22 - 81233632
Marise Ribeiro	Aipim, banana, manga, feijão de corda, coco, palmito.	22 - 99657279

Milton Machado	Banana da terra (toda comercializada) Banana prata, ouro, banana, figo, banana maçã, banana d'água, aipim, cará, limão cidra, lima da pérsia, limão taiti, limão galego, limão branco, abacate, laranjas, tilápia, batata doce, fruta pão de caroço, taioba de dedo, taioba de folha	22 - 27784122 BR 101 km 202
Carli	Banana, urucum, inhame, arroz, doces em compota, (mamão, abóbora, coco), palmito pupunha em vidro.	assentamento@micoleao.org.br
Adriana	Abóbora, milho, feijão, hortaliças, caqui, pêssego, banana, laranja, abacate, batata	21 - 27411517

	doce, ervilha, cenoura, beterraba, nabo, cebola, alho, aipim, ovos, chuchu, batata inglesa.	99636570 98620079
Robledo Mendes	Eventos de culinária agroecológica	21 – 86333304 26563967
Rosa dos Santos	Alimentação alternativa (receitas, culinária) Pastoral da saúde.	21 - 26026255
Francisco	Feijão, milho, feijão de corda, quiabo, maxixe, abóbora, melancia, aipim, coco, gengibre.	21 - 96573146
Suzana Nogueira	Cebola, batata doce, ovos.	22 – 25433080

4.7 Construção do conhecimento agroecológico

Promoção da agricultura em quintais urbanos no Jardim Guaratiba e na Praia da Brisa refere-se a uma iniciativa da Pastoral da Criança em parceria com a AS-PTA, para o incentivo ao aproveitamento agroecológico dos quintais urbanos de famílias pobres da comunidade Jardim Guaratiba.

Tudo começou em 2003, quando as líderes da Pastoral da Criança começaram a mapear na região pessoas que tinham experiências em agricultura e que pudessem ser referência e incentivo para as famílias com quem trabalhavam. Foram percebendo que muitas famílias por elas atendidas, originárias do nordeste brasileiro, já traziam em sua cultura a prática e o gosto pela agricultura.

Aí então foi só começar a juntar essas pessoas, conhecer as suas experiências e valorizar o seu conhecimento. Em 2004, conseguiram uma área um pouco maior, cedida em comodato, onde foi dado início a um plantio coletivo. Nessa horta comunitária, se juntam para aprender na prática e trocar informações. A partir dos encontros na horta comunitária, o grupo tem marcado visitas nos quintais das famílias e se motivado cada vez mais a experimentar e a trocar conhecimentos.

Hoje, muitas famílias que tinham vergonha de mostrar os seus quintais, se orgulham em apresentá-los. Mais ainda porque é fruto do seu trabalho que vem sendo valorizado na comunidade.

Esse processo nos faz refletir que o incentivo à prática da agricultura em espaços urbanos deve partir da mobilização de pessoas com diferentes graus de conhecimentos e valorizando os seus saberes.

A construção do conhecimento se dá no momento em que as pessoas se sentem mobilizadas e à vontade para ensinarem, aprenderem e experimentarem.

A Fazendinha Agroecológica - Sistema Integrado de Produção Agroecológica é desenvolvida pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – *Centro Nacional de Pesquisa de Agrobiologia* e *Centro Nacional de Pesquisa de Solos* (EMBRAPA Agrobiologia e EMBRAPA Solos) e desde 1993 representa um espaço para exercitar práticas agroecológicas e estabelecer alternativas viáveis em um sistema diversificado que integre lavoura e criação animal. É um espaço para o exercício da pesquisa sistêmica, procurando-se entender as relações entre os diferentes componentes de um sistema de produção. Assim, simula-se um sistema de produção altamente complexo, com alta diversidade funcional, onde os processos ecológicos podem se expressar. Ao lado de experimentos convencionais em parcelas, feitos dentro do ambiente ecologicamente equilibrado do sistema, é realizado o monitoramento de diversos sistemas de produção existentes, além de atuar como vitrine para difusão dos princípios agroecológicos e de algumas tecnologias já comprovadas. Possui também um importante papel como educação ambiental, mediante visitas de escolas das comunidades do entorno.

Atualmente a “Fazendinha Agroecológica km 47” ocupa 70 ha, dos quais 35 ha de preservação permanente, composta por um horto florestal, fragmentos florestais, áreas em regeneração e áreas de manejo agroflorestal que visam a produção de frutas, palmitos e espécies ornamentais; 23 ha de pastagens, subdivididas em piquetes; 10 ha de lavouras, subdivididas em 24 glebas; e o restante ocupado com construções e caminhos.

Os resultados obtidos até o momento, bem como a motivação e mobilização da equipe de pesquisadores e técnicos das instituições participantes, que se ampliou em relação ao núcleo inicial, tem demonstrado o grande êxito da “Fazendinha Agroecológica km 47”. As metas propostas têm sido atingidas e mesmo superadas, sendo a unidade hoje um centro de referência de agroecologia e agricultura orgânica a nível nacional.

Construção do Conhecimento Agroecológico na cidade: A experiência do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA na zona oeste do município do Rio de Janeiro

Experiência que reúne 400 famílias moradoras da cidade com práticas agrícolas envolvendo a parceria entre AS-PTA, Pastoral da Criança, Associações de moradores, Rede Fitovida e Grupos comunitários.

A AS-PTA é uma organização não governamental que vem desenvolvendo programas de desenvolvimento rural há mais de 15 anos, em diferentes regiões do Brasil, adotando metodologias participativas e fundamentadas na agroecologia.

Desde outubro de 1999, a AS-PTA deu início ao seu programa de agricultura urbana na zona oeste do município do Rio de Janeiro. Os contextos sociais, econômicos, ambientais e culturais no meio urbano são completamente diferentes dos rurais aonde a AS-PTA já vinha

desenvolvendo as suas experiências. Foi feita uma concentração de esforços para adaptar as metodologias experimentadas no meio rural, para o meio urbano.

No início deste novo programa foram consideradas as hipóteses de que mesmo dentro da cidade era possível encontrar moradores com práticas agrícolas e que estes moradores teriam um forte papel impulsionador das dinâmicas de agricultura junto aos seus vizinhos. Foi considerada também a importância das organizações comunitárias locais como mobilizadoras e incentivadoras da prática da agricultura nos pequenos espaços ociosos da cidade.

A partir da localização das experiências dos moradores da cidade com práticas agrícolas, da promoção dos intercâmbios e das visitas, dos mutirões, da sistematização das experiências, o programa de agricultura urbana vem crescendo na região, envolvendo atualmente aproximadamente 400 famílias.

O principal ensinamento que esta experiência tem demonstrado é que mesmo dentro das áreas mais urbanizadas da cidade, ainda existem conhecimentos e experiências de práticas agrícolas. Estes, quando mobilizados, fortalecem interações sociais, que por sua vez conferem à agricultura urbana um papel estratégico para o fortalecimento da segurança alimentar, das relações sociais, da manutenção da cultura e da garantia de uma ambiente saudável para se viver na cidade.

Também desenvolvida pela AS-PTA em parceria com a Pastoral da Criança, surge a experiência **Aprendendo e reaprendendo a plantar. Experiência do grupo de mulheres, líderes da Pastoral da Criança, da Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro no Projeto Mendanha.**

Tudo começou em 2004 quando foi realizado um curso de Resgate de Remédios Caseiros promovido pela Pastoral da Criança com apoio da AS-PTA. A partir daí surgiu a idéia de fazer uma horta experimental envolvendo as líderes de várias Paróquias da região oeste do Município do Rio de Janeiro. Uma área foi cedida pela Igreja onde se deu o plantio.

Na área cedida para a Pastoral da Criança, começou-se a fazer reuniões mensais, onde eram planejadas as atividades ao longo do ano. Nessas reuniões conversava-se sobre o andamento dos trabalhos, incentivando a sua divulgação para outras Paróquias, visando despertar o interesse das famílias em plantar. Através de visitas às famílias, feitas pela Pastoral da Criança, podia identificar se as famílias plantavam em suas casas. Intercalado às reuniões, promove-se mutirões na horta, onde se planta mandioca, milho, girassol, feijão, abóbora, quiabo, algumas hortaliças como alface, repolho, chicória e também plantas medicinais. A horta conta com a ajuda de um senhor que mora perto e que cuida voluntariamente. No dia da colheita faz -se uma feirinha para a venda dos gêneros, onde todos levam para casa alimentos saudáveis. O grupo tem a preocupação também de guardar sementes formando um banco de sementes próprio.

Com esse trabalho, as líderes da Pastoral da Criança têm adquirido conhecimento e experiência, que levam para as famílias que acompanham; cultivam plantas que podem ser utilizadas na confecção da multimistura e com a venda dos produtos podem reverter os

recursos para a manutenção da plantação. Aprenderam também a valorizar e cuidar da terra, conhecendo melhor as plantas, as épocas de plantio e o seu manejo.

Para o grupo, esse tem sido um grande aprendizado de trabalho coletivo, onde aquelas que têm um pouco mais experiência ensinam àquelas que estão tomando contato pela primeira vez com a prática da agricultura.

4.8 Agricultura Urbana

O trabalho de **incentivo ao cultivo em quintais no Loteamento Ana Gonzaga** teve início no ano 2000 a partir de um diagnóstico participativo realizado pela Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa – AS-PTA, Associação dos Moradores do Parque João Wesley e os Agentes Comunitários de Saúde.

Nesta ocasião foram identificados na comunidade 150 quintais com algum tipo de plantio.

Esse trabalho, de estreita parceria entre a AS-PTA e algumas organizações ou grupos existentes na comunidade incentivam o uso dos quintais para o plantio, apóiam e promovem trocas de mudas, sementes e experiências entre os moradores.

Em alguns quintais são utilizados como local para plantio o telhado, o terraço e o espaço abaixo da escada. Vasilhames de todos os tipos, desde filtros velhos a caixas d'água, latas, baldes e pneus também são utilizados como canteiros móveis.

É através das visitas aos quintais e das visitas comunitárias que esses agricultores trocam experiências e reproduzem sua história. Eles ensinam e também aprendem que é possível cultivar e se alimentar de produtos saudáveis superando os obstáculos apresentados pela urbanização, cada um do seu jeito e com suas possibilidades, aproveitando a experiência e os recursos que já existem na comunidade, às vezes no próprio quintal.

Banco de Sementes Comunitário: experiência inovadora de partilha de saberes e sementes na cidade

No ano 2004, moradores de diversas comunidades urbanas da zona oeste do município do Rio de Janeiro participaram de um curso de agricultura urbana e plantas medicinais, promovido pela AS-PTA, com apoio da Prefeitura do Rio de Janeiro. Durante o curso, foram realizadas visitas nas diversas comunidades, momentos em que foi possível trocar informações, mudas e sementes. Ao final do curso, o grupo decidiu dar continuidade aos encontros e criar um espaço que continuasse propiciando as trocas de experiências e materiais; foi criado então o Banco de Sementes Comunitário.

Foi constituído um grupo gestor que organiza as seguintes atividades do Banco de Sementes:

- Plantões semanais de empréstimo e troca de sementes;
- Encontros de formação;
- Estudos;
- Incentivo à formação de bancos de sementes caseiros e comunitários;
- Publicação e disponibilização de materiais informativos.

O grupo gestor é formado por 6 mulheres e 1 homem e tem o apoio da AS-PTA. A Igreja Nossa Senhora do Carmo empresta uma sala onde são guardados os materiais e realizados os estudos e reuniões.

A experiência do Banco de Sementes Comunitário tem sido muito rica por promover interação entre moradores com práticas agrícolas de diferentes comunidades e por proporcionar um espaço de formação e trocas de informações. Além disso, tem sido um local de referência na região para a obtenção e troca de mudas e materiais.

Horta e Horto Comunitários Chico Mendes, experiência da organização não governamental Verdejar Proteção Ambiental e Humanismo em uma das comunidades do Complexo do Alemão – Zona Norte do Município do Rio de Janeiro.

No ano de 1997 alguns moradores da comunidade Sérgio Silva, componente do Complexo do Alemão, começaram a desenvolver atividades de preservação ambiental na serra da Misericórdia, nascia então a ONG Verdejar Proteção Ambiental e Humanismo, mas foi somente a partir do ano de 1999 que surgiu a horta comunitária Chico Mendes.

No início o objetivo da horta foi o de frear o crescimento da comunidade Sérgio Silva que avançava sobre a área verde da serra da Misericórdia. Outros objetivos foram agregados como a formação da horta escola usada para educação ambiental de moradores locais e visitantes além objetivar gerar renda para alguns jovens que trabalham na mesma onde é feito o cultivo orgânico permacultural de hortaliças e espécies condimentares, fazendo o manejo de espécies nativas com a preocupação de recuperar o ambiente degradado.

Há um ano alguns jovens da comunidade Sérgio Silva vêm se envolvendo no projeto como alunos e protagonistas do projeto, eles têm aulas práticas e teóricas de cultivo de plantas, meio ambiente, etc. e produzem hortaliças para geração de renda, que é complementada com apoio de alguns parceiros.

Hoje o projeto tem apoio técnico e administrativo da AS-PTA e financeiro da FASE- RJ.

Os principais resultados são: a recuperação do solo degradado e a conscientização ambiental de moradores locais.

Segundo um dos participantes “um dos principais ensinamentos é que quando você cuida bem da terra ela cuida de você também”.

O projeto “*Integrando o Resgate das Experiências de Cultivos em Quintais ao Trabalho da Pastoral da Criança*”, na Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro, iniciou-se em 2003 com um grupo de líderes da Pastoral da Criança da comunidade Vilar Carioca em Inhoaiba.

À medida que o projeto foi se desenvolvendo e se ampliando, novas comunidades foram se integrando; hoje participam 25 comunidades.

As líderes envolvidas no projeto são constantemente estimuladas a identificarem nas comunidades que acompanham, as pessoas que já praticam agricultura nos seus quintais. Essas pessoas, de acordo com sua disponibilidade e interesse apóiam o projeto, facilitando o trabalho.

Cada iniciativa é valorizada e as características de cada comunidade são respeitadas. Uma equipe do Programa de agricultura urbana da AS-PTA presta assessoria técnica e metodológica ao projeto.

A equipe da AS-PTA e as líderes reúnem-se mensalmente para discutir temas ligados à agricultura e também para avaliar e planejar o trabalho. São realizadas oficinas valorizando os saberes das líderes. Bimestralmente há encontros para a apresentação das experiências, onde a líder comunica ao grupo a sua experiência com as famílias e como busca soluções para os problemas do cotidiano. Essas reuniões também se destinam ao planejamento das visitas técnicas de apoio e mutirões nas comunidades que apontam necessidades.

No desenvolvimento do trabalho é fundamental entender e conhecer o que as famílias sabem sobre plantio, o que elas trazem de conhecimentos e de quê elas são capazes. É com base nesses conhecimentos, habilidades e capacidades, que cada líder planeja e estrutura sua ação, de modo que as famílias possam superar suas dificuldades de alimentação, participando ativamente desse processo.

5. Considerações finais

Este trabalho aponta um processo de articulação entre entidades não comumente observado no estado. Razão disto foi a organização do processo preparatório para o II Encontro Nacional de Agroecologia, mapeando experiências e fazendo com que estas pudessem dialogar entre si.

Foi a partir daí, um processo interno das experiências no Rio de Janeiro no sentido de acumular forças para pensar possivelmente a relação em rede não só das entidades, mas, sobretudo das experiências mapeadas.

Fato inédito foi a possibilidade de realizar um encontro entre estas experiências e a partir daí perceber as conquistas e desafios colocados. O Encontro Estadual teve o apoio financeiro para sua realização da FASE e da ABIO e o apoio técnico da SDT/MDA.

Durante o Encontro, ocorrido nos dias 09 e 10 de maio em Nova Iguaçu, foi realizado um levantamento da produção dos agricultores disponível para comercialização sendo este trabalho importante para visualizar a proporção e diversidade de produtos que vêm sendo oferecidos pela agroecologia. A tabela com as indicações de agricultores consta do item relação com mercados.

A participação das mulheres também foi inédita somando 60% dos participantes mostrando a importância que têm na condução das experiências agroecológicas.

Este diagnóstico foi assim elaborado num processo rico de conhecimento da realidade vivida pelos agricultores (as) fluminenses e que gerou o estímulo à troca informal de experiências e contato direto entre os atores envolvidos.

Como continuidade deste trabalho foram apontadas várias atividades, a primeira delas foi a formação de uma delegação fluminense de 30 agricultores e 15 técnicos/estudantes/pesquisadores, que participam do II Encontro Nacional de Agroecologia e da Feira de Saberes e Sabores. Como próximos passos, o grupo de articulação estabelecido

pensa em fazer do mapeamento de experiências um processo sem interrupções e promover novos encontros para troca.

7.2 ANEXO 2

Relatório do Encontro Estadual de Agroecologia preparatório para o II ENA 09 e 10 de maio de 2006 – Nova Iguaçu - RJ

Apresentação

Este relatório refere-se ao encontro promovido entre as experiências de agroecologia no estado do Rio de Janeiro. Como forma de mobilizar os (as) participantes foi organizado um Grupo de Articulação Pró Encontro Nacional de Agroecologia que nos meses de abril e maio realizou um mapeamento das experiências agroecológicas em curso no RJ. Ao final deste processo foram mapeadas 32 experiências em nível estadual e 3 experiências nacionais que são coordenadas a partir do estado.

Destas 32 experiências foram eleitos seus representantes que debateram ao longo de dois dias de encontro, a realidade da agricultura fluminense, o impacto do agronegócio e as perspectivas agroecológicas que se opõem a este modelo.

O encontro realizado nos dias 09 e 10 de maio de 2006 em Nova Iguaçu contou com uma exposição de produtos e fotos onde foram mostradas as experiências. O evento se encerrou com uma plenária final onde foram escolhidos os representantes que comporão a delegação do Rio de Janeiro de 45 pessoas que participarão do II ENA em Recife dos dias 02 a 06 de junho de 2006.

Abertura

O evento iniciou com as boas vindas dadas aos 106 participantes feita pelo Pe. Geraldo Lima da Paróquia de Vila de Cava – Nova Iguaçu.

Foi seguido pelas explicações sobre o II ENA e sobre o Encontro Estadual feitas por Denis Monteiro do MST.

O evento contou na medida do possível com uma alimentação agroecológica e os informes das pessoas/instituições que contribuíram com a alimentação. Esta foi uma proposta de valorizar o que se é produzido agroecologicamente no campo, fazendo com que no encontro se consumisse o máximo possível de alimentos adquiridos dos próprios agricultores participantes do evento. Sendo assim, as contribuições vieram da Secretaria Municipal de Casimiro de Abreu disponibilizando frutas, filé de tilápia e palmito, da Regional Marapicu do Assentamento Campo Alegre trazendo aipim, a comunidade do Brejal com couve, os grupos de economia solidária, basicamente as mulheres da Tijuca Arteiras e a Oficina do Pão disponibilizaram os pães, ONG de Rondônia com geléia de cupuaçu, Rede Fitovida com ervas e temperos e por fim, o município de Tombos/MG complementou com arroz e feijão.

Debates

Processo de ocupação do espaço agrário no Estado do Rio de Janeiro e a situação atual -

Paulo Alentejano – Professor UERJ

O estado é profundamente urbanizado, segundo dados do IBGE/1995, aproximadamente 96% da população é considerada urbana, sendo que 75% da população concentrada na região metropolitana. Da Federação é o estado que tem a população mais concentrada em área urbana. Tal situação tem origem na forte presença do latifúndio.

Sendo este movimento efetuado pelo latifúndio canavieiro e depois pelo latifúndio cafeeiro. A área atual ocupada com estabelecimentos agropecuários são distribuídas com a seguinte configuração: 63% pastagens e 14% lavouras (incluindo a lavoura de cana-de-açúcar). As áreas mais acidentadas, com limitações graves de uso, ficaram para os agricultores familiares, posseiros, quilombolas, indígenas entre outros.

Com o avanço da pecuária, após as crises do café e da cana, acentua-se os processos de concentração de terras e expulsão dos trabalhadores rurais da terra. Também contribuiu muito para este processo de exclusão da terra a especulação imobiliária.

Características atuais

1. Continuidade do processo de urbanização e expansão industrial e turística. São vetores da ampliação deste processo pelo interior do Estado, os municípios de Resende, Petrópolis e Macaé.
2. Avanço (expansão) de atividades turísticas rurais expulsando a agricultura para outros cantões do estado.
3. Processo de rearticulação de complexos agroindustriais falidos (Açúcar e álcool, principalmente) inclusive com utilização de trabalho escravo, e novos (Eucalipto) já instalados no Vale do Paraíba e com possibilidade de ingresso no noroeste fluminense.

Séc. XVI Latifúndio Escravidão Monocultura Cana	Séc. XVIII – XIX Latifúndio Escravidão Monocultura de café	Séc. XX Pecuarização Esvaziamento demográfico da área rural
---	--	--

Nas áreas mais íngremes refugiaram-se os negros, os colonos, os imigrantes;

Modificações no século XX

Com a modernização dos anos 1970, no caso da cana, por exemplo, os moradores são expulsos das fazendas e vão morar na periferia dos centros urbanos;

Dados do IBGE 1970, 1980, 1995 demonstra a queda do pessoal ocupado na agricultura: 1980 com 301.688 pessoas e em 1995 com 174.274.

As atuais tendências fundiárias encontradas no RJ:

Alta concentração Fundiária;

Aumento do processo de urbanização - Resende, Petrópolis e Macaé (interiorização da Indústria)

Expansão do turismo Rural: Esvaziamento das áreas de produção em função do turismo. (expulsão para os morros, no caso da região Serrana)

Agronegócio (Grupo J. Pessoa/ Usina Santa Cruz)

Retomada da cana de açúcar (novos grupos empresariais)

Avanço no plantio de eucalipto (fornos de siderúrgica, Aracruz Celulose no N e NO)

Governo do Estado oferecendo incentivos fiscais;

Implica em: destruição ambiental, expansão do latifúndio, concentração da propriedade de terra.

Ao Encontro da Diversidade de Experiências Agroecológicas no Rio de Janeiro - Mônica Cox – Professora UFF

Inicia dizendo que os diferentes atores presentes sofrem a pressão do modelo do agronegócio. A idéia de que existe apenas população urbana cai quando as pessoas conhecem mais o RJ; quando apresentamos as nossas experiências.

Estamos construindo a possibilidade de nos fortalecermos para assumirmos um papel na redação da história do nosso Estado. As 32 experiências que se inscreveram para este encontro mostra que temos resistência e luta para tomar em mãos as rédeas do rumo da nossa história.

Várias outras experiências, ausentes, dão conta de que estamos espalhados, que existimos e de que precisamos nos agrupar.

Reconhecer a potencialidade de nossas experiências situa-las no processo de construção da agroecologia e promover trocas de conhecimento nos colocando como protagonistas dessa história.

Estamos fazendo agroecologia?

Quais os princípios que nos orientam?

Quais as práticas e as metodologias que adotamos?

O que é central para a construção de nossas experiências?

Qual a nossa concepção de agroecologia?

Foram inscritas 29 experiências que abarcam grande parte do Estado do Rio de Janeiro: região sul fluminense – litorânea, serrana, vale do Paraíba, região serrana, região lagos, região norte fluminense, região metropolitana - baixada fluminense, zona oeste, grande Rio. Abrangem em torno de 1200 famílias e um número de participantes ainda maior, tendo muitas experiência a participação é na maioria de mulheres. Muitas são antigas, como o Grupo de Agricultura Ecológica de 1983, 09 experiências com início em meados da década de 1990 e 19 com início na década de 2000.

As justificativas e as motivações das experiências mesclam tanto fatores ambientais, quanto sociais. Algumas destas justificativas serão aqui ressaltadas brevemente. A importância de garantir atividades de recuperação ambiental e produtivas, frente aos embates com unidades de conservação. Integrar agricultura e floresta, diversificar a produção. Ir além do conhecimento técnico e enfoque reducionista das universidades e avançar na troca entre conhecimento científico e popular, entre professores, estudantes e agricultores. Resgatar referências culturais e construir um inventário, garantindo também um instrumento de mobilização das comunidades. Incentivar a medicina popular, a manipulação das plantas medicinais e o resgate desse conhecimento. Estimular jovens na busca por um caminho de formação e de valorização da agricultura. Poder na prática vivenciar e experimentar tecnologias e princípios agroecológicos. Construir o conhecimento de alternativas de forma coletiva. Construir possibilidades para tornar a qualidade de vida e o ambiente na cidade saudáveis. Proporcionar alimentos saudáveis e participar da dinâmica de reciclagem da vida. Aproximar agricultores e consumidores. Garantir a segurança alimentar. Conquistar novos direitos, novo território e novo sistema produtivo.

As experiências foram identificadas nos seguintes temas:

Saúde e Plantas Medicinais (05 experiências) –

Experiência de mapeamento de grupos que manipulam ervas medicinais, maioria formado por mulheres ligadas à igreja católica, permeada por respeito às diversidades, solidariedade e muita mística: registraram 50 grupos, organizaram o I Encontro Estadual Popular de Terapias em saúde, outros encontros e um jornal. Grupos com mulheres filhas de raizeiras e benzedeiros de zonas rurais e/ou com experiências de cura e que na oralidade mantêm vivo o conhecimento popular. Experiência de produção coletiva de cosméticos com elementos de plantas medicinais. Realização de hortas medicinais comunitários em espaços alternativos (Via Light e outros). Organização em rede dos grupos populares com uso tradicional de plantas, Rede Fitovida, realizando um Inventário Nacional de Referências Culturais, um bem cultural e também importante como instrumento político.

Palavras Chave:

Saúde popular, mulheres, farmacopéia popular, inventário, raizeiras, benzedeiros, medicina caseira, horta medicinal comunitária.

Construção do Conhecimento Agroecológico (04) –

Participam da Escolinha de Agroecologia assentados, estudantes de agronomia e os agentes da CPT, é um apoio concreto para o estabelecimento da produção agroecológica nos lotes dos assentamentos, alguns que já avançaram nas experiências foram escolhidos como multiplicadores das experiências. Pastoral da criança utilizando como recurso pedagógico visitas às famílias. Aproveitamento agroecológico de quintais urbanos de migrantes, que em encontros na horta comunitária vem experimentando e trocando conhecimentos. Há em curso uma construção e apropriação coletiva do conhecimento, tendo na mobilização de cada um o ponto de partida para a troca. Horta urbana com feirinha onde se vende e se valorizam os

alimentos saudáveis. Em convivência com a natureza, guardam sementes, vem aprendendo a cuidar da terra e exercitar o trabalho coletivo. Adaptação de metodologias rurais para o urbano. A importância das organizações comunitárias como incentivadoras do plantio em espaços ociosos na cidade, fortalecendo as interações sociais, a segurança alimentar e um ambiente saudável na cidade.

Palavras chave:

Construção coletiva conhecimento, quintais urbanos, plantio coletivo, horta comunitária urbana, resgate de experiências de agricultura na cidade, metodologias participativas, segurança alimentar, convivência com a natureza.

Agricultura Urbana (04) –

Incentivo ao uso de quintais para o plantio, a troca de mudas, sementes e experiências. Identificados 150 quintais com algum cultivo com uso de canteiros móveis e espaços alternativos. Visitas comunitárias, alimentos saudáveis e superação de obstáculos da urbanização. Promoção de curso de agricultura urbana e plantas medicinais. Gerou motivação, o grupo conseguiu um espaço e organizou um Banco de Sementes Comunitário que proporcionou um espaço de formação e troca de mudas e materiais. Horta escola como espaço para jovens manejarem hortaliças e plantas nativas para recuperação ambiental de espaço verde na comunidade. Integrando a pastoral com a identificação nas comunidades de pessoas e de famílias que cultivam nos quintais. Organização de oficina, encontros para apresentação de experiências e mutirões.

Palavras chave:

Cultivo em quintais urbanos, troca de sementes e mudas, banco de sementes, horta-escola, jovem, valorização da família, conhecimento popular.

Sistemas Agroflorestais (03) –

Como alternativa à pressão do turismo e da exclusão social sobre as comunidades rurais do entorno de unidades de conservação em Paraty, bem como, para recuperação do solo e alternativa à exploração do palmito nativo, levando à comercialização de alimentos e artesanatos. Tendo como recurso central o mutirão, promove a interação entre agricultores e entre agricultores, técnicos e estudantes. Promove a construção coletiva de conhecimento. A agrofloresta como alternativa de diversificação, recuperação ambiental com melhorias da fertilidade e produção de hortaliças (horta-floresta) como parte dos consórcios em áreas quentes de baixada. Organização em grupos e metodologias participativas. Alternativas para plantio em assentamentos rurais com a proposta de agricultores multiplicadores.

Palavras chave:

Agrofloresta, agricultura no entorno de unidade de conservação, construção coletiva de conhecimento, mutirão, interações técnicos e agricultores, diversificação, horta-floresta, recuperação ambiental, sistemas agroflorestais.

Reforma Agrária, Direitos Territoriais e Agroecologia (03) –

Acampamento de sem terra como o ponto de partida para se desenvolver a organização, a cooperação, os conceitos agroecológicos e a construção do conhecimento a partir da necessidade. Viveiro de mudas, diversificação de cultivos, uso de esterco permitiram a recuperação ambiental e social conjugadas, transformando o modelo produtivista da antiga fazenda. Assentamento rural em terras ocupadas de usina de cana está permitindo novas experiências diversificadas em ambiente sofrido com desequilíbrios, e através da integração da criação animal com cultivos diversificados e adubação verde do guandu agricultora goiana é o exemplo de produção e fartura. Comunidades quilombolas vem com apoio do MDA vem participando de capacitação para o fortalecimento das associações e agroecologia. Está em jogo o direito quilombola à terra e aspectos ambientais.

Palavras chave:

Cooperação, reforma agrária e agroecologia, recuperação ambiental e social, direito quilombola à terra, questão ambiental.

Educação (03) –

Ampliando a formação na universidade, indo além do tecnicismo e reducionismo acadêmicos, proporcionando uma formação mais integral, o conhecimento coletivo, o diálogo e a troca de saberes e uma abordagem humana da agricultura. Sair ao encontro da diversidade de realidades, de experiências e de protagonistas da terra: viagens técnicas, estágios de vivência, trabalhos com comunidades. Estimulando o jovem a buscar um caminho de formação, estímulo à organização dos jovens filhos de agricultores, valorização da produção dos pais, dinâmicas participativas e aprendizado natural do cultivo orgânico.

Palavras Chave:

Troca saberes, construção coletiva conhecimento, conhecimentos alternativos, humanização da formação, jovem agricultor, pedagogia interativa.

Desenvolvimento Local (02) –

Técnicos organizados em cooperativa com atuação em assentamentos de reforma agrária com enfoque na agricultura alternativa e em metodologias participativas, a partir do conhecimento dos agricultores em interação com a visão multidisciplinar dos técnicos. A partir de curso Pronaf para mulheres da pesca sobre artesanato com escamas de peixes, reforçou o significado da pesca e uma alternativa de renda, bem como, o papel da mulher na pesca.

Palavras chave:

Conhecimento do agricultor, metodologias participativas, troca de saberes, pesca, mulheres, artesanato.

Relação com os Mercados (02) –A experiência indicou que a certificação não é um mecanismo adequado para a garantia da qualidade da produção orgânica de base familiar, não só os custos mas os princípios norteadores são inadequados. Busca-se uma certificação participativa. Organização de agricultores para comercialização em feiras direto ao consumidor, buscando uma aproximação e confiança entre produtores e consumidores.

Palavras chave:

Certificação participativa, produção familiar, comercialização direta.

Sistema de Produção Agrícola (02) –

Organização em rede dos agricultores com reuniões mensais e troca de experiências, aulas na Escola de Agroecologia com fins de implantação do sistema de produção agroecológico. Produção de alimentos saudáveis e venda direta para consumidores em feira na cidade.

Unidade experimental com objetivo de experimentação da integração da criação animal e da produção agrícola, bem como, proporcionar uma rede de trocas e visitas.

Palavras chave:

Integração animal e agrícola, rede de agricultores, produção agroecológica, alimentação e saúde, feira direta.

Alimentação (01) –

Mobilização e conscientização de consumidores em torno de uma alimentação saudável e da reciclagem de materiais, compra coletiva e entrega da feira em vários bairros e apoio às associações de pequenos produtores agroecológicos.

Palavras chave:

Alimentação saudável, organização consumidores, reaproveitamento de materiais e educação ambiental.

Em todas as experiências apresentadas, são muitos os atores envolvidos: grupos populares, associação de moradores, associação de produtores, núcleo de produtores, associação de agricultores, comunidades, movimentos sociais – MST, FETAG, CPT, Movimento de Mulheres, Assentamentos rurais, Colônia de pescadores, cooperativas, grupos organizados, equipes estaduais e regionais, Igreja, tais como várias pastorais, ONGS – Aspta, Verdejar, Koinonia, Fase, Proterra, Capina; organizações em rede, universidades, empresa oficial de extensão rural, órgão de pesquisa oficial, prefeituras e secretarias, ministério. São diversos os participantes protagonistas das experiências que se auto-identificaram como: agentes mobilizadores de saúde, mulheres das plantas, agentes de saúde alternativa, agricultores familiares, camponeses, quilombolas, sem terra, agricultores familiares urbanos, agricultores da cidade, agricultores orgânicos, entre outros.

Os recursos pedagógicos usados nas experiências foram muitos, valorizaram a participação, sobretudo porque se objetivava interagir, dialogar, mobilizar, agrupar com base na diversidade de experiências. No conjunto as experiências tem como base a busca de melhorias e de valores comuns, conformando um projeto alternativo, um sonho possível e esperançoso. As metodologias tem como referência práticas interativas e participativas, o enfoque multidimensional, valorizando as interações entre as dimensões ecológicas, sociais, econômicas, políticas, em que se conjugam aspectos, religiosos, de saúde, conhecimento pessoal e formação humana. Muitas das experiências vem utilizando-se de: mutirões, trocas de experiências, vivências, mística, visitas técnicas, oficinas, reuniões, aulas e cursos, resgate das histórias e conhecimentos, visitas comunitárias, plantios e atividades coletivas, encontros, trocas de conhecimentos e de sementes e mudas, banco de sementes comunitário, unidades experimentais, multiplicadores, experimentadores.

Tratar com mais profundidade da natureza, da diversidade e da dinâmica ecológica é um aspecto central da Agroecologia. Diversificar proporciona mais interações e sinergismos, gerando mais vida e mais benefícios. Com a diversidade ecológica vem a saúde ecológica, com a diversidade cultural vem o conhecimento do agricultor que frequentemente utiliza estratégias múltiplas de uso da terra, e com a organização social se estimula a interação entre as pessoas e o ambiente e a convivência. As metodologias agroecológicas valorizam a participação da comunidade, e que cada um seja o condutor da caminhada. Vamos trocar nossas histórias e experiências?

Relato dos Grupos de discussão por região – síntese

Perguntas norteadoras:

- 1) Como o agronegócio e outras expressões da lógica capitalista dominante (indústria farmacêutica, especulação imobiliária, grandes indústrias, grilagem de terras, etc) se manifestam na região?
- 2) Que experiências agroecológicas vêm sendo desenvolvidas na região em contraposição a este modelo?
- 3) Que políticas públicas estão em curso na região e como elas interferem positiva e negativamente nos processos de desenvolvimento agroecológico?

RELATO DOS GRUPOS

Região/Grupo	Respostas 1	Respostas 2	Respostas 3
<p>Serrana 4M; 1F (05 participantes)</p> <p>Característica ausência de latifúndios. 92% dos estabelecimentos têm até 10 ha. Intensa agricultura familiar no modelo agroquímico.</p>	<p>Intensificação do modelo tecnológico; no caso de mão de obra, 65% são meeiros, arrendatários ou posseiros; na relação com o mercado o acerto nas vendas nunca é justo p/ o meeiro; o custo de produção X o preço recebido pelos produtores é aviltante. Há 17 anos a couve mineira é cotada a R\$ 0,10/molho; o custo inviabiliza algumas lavouras; o custo ambiental é alto; contaminação de água e solo por agrotóxicos; acelerado processo de erosão; as áreas de várzeas são disputadíssimas com atividades não agrícolas: hotel, haras, lazer, condomínios. Agricultura ou acaba ou sobe o morro.</p>	<p>Existem iniciativas em pesquisa, educação e em extensão. São trabalhos pontuais: Embrapa Agrobiologia, a Emater em São José do Rio Preto, o IBELGA (escola em Alternância); o Projeto de Centro de Formação em Agroecologia – intermunicipal envolvendo Duas Barras, Friburgo, Teresópolis e Sumidouro; A identificação de mercados e feiras agroecológicas. As experiências exitosas estão relacionadas ou a grupos organizados, ou a ações individuais e a pessoas com renda complementar não agrícola.</p>	<p>O exemplo de São José do vale do rio Preto, tem apoio da prefeitura Municipal, em parceria com um programa do governo do estado e dedicação individual de um extensionista da Emater; recentemente conquistou apoio federal (há 3 anos) do MDA.</p> <p>Negativo: a merenda escolar poderia apoiar tais produtos agroecológicos, comprando-os, mas não o faz.</p>
<p>Norte/Noroeste</p>	<p>A questão cultural na região é uma forte expressão do capitalismo (individualismo, falta de informação, abaixar a cabeça, corrupção, a tecnologia) são</p>	<p>As experiências existem; são poucas e muitas delas invisíveis. Nessa discussão gostaria de saber melhor o que é a tal de agroecologia? Uma demanda de</p>	<p>A maior parte das políticas públicas atreladas ao modelo dominante. A Extensão rural foi debatida de forma geral e negativa, principalmente</p>

	<p>problemas a serem enfrentados para uma mudança de mentalidade. O ressurgimento das usinas: cana, pecuária, eucalipto e o próprio biodiesel; o poder judiciário tem sido um empecilho, uma expressão do atraso. No noroeste a situação é ainda mais crítica do que em Campos; A degradação ambiental.</p>	<p>afinação por conceitos.</p> <p>Existem projetos diversificados e construção de canais alternativos de comercialização; a escola agroecológica – uma parceria da CPT, com a UFF e a UFV. Existe no MDA um projeto de Centro de Comercialização alternativa para a agricultura familiar.</p>	<p>quando atrelada ao modelo: Frutificar, Rio Cana, PRONAF Floresta, não privilegiam a agroecologia.</p>
--	---	---	--

<p>Metropolitana o forte processo de urbanização na região levou a uma crise /perda de identidade com o rural.</p> <p>42 pessoas; 10 homens e 32 mulheres.</p>	<p>O agronegócio, enquanto expressão do capital econômico atua na expansão do mercado imobiliário, na exclusão/exploração da mão de obra., na monopolização e privatização do conhecimento, por políticas públicas assistencialistas, Alto custo ambiental para recuperação de áreas, na criminalização do saber popular (fitofármacos e terapicos)</p>	<p>Experiência com plantas medicinais; Agricultura urbana; Expressões culturais (jongo, capoeira...);</p> <p>Fazendinha agroecológica;</p> <p>Sementes orgânicas;</p> <p>Agricultura vertical...</p>	<p>Negativo: Ausência de políticas claras de ocupação da terra; o Processo de comercialização, na referência do modelo capitalista;</p> <p>A maquiagem do marketing;</p> <p>Crédito agrícola dissociado de formação do agricultor.</p> <p>Positivo: Experiências acumuladas; Aumento de crédito para</p>
---	---	--	--

			<p>iniciativas em agroecologia; Política Nacional de Práticas Alternativas no SUS (a 1ª impressão é boa, mas exige aprofundamento: concepção de saúde, cultura hospitalar, evitar a monopolização e privatização do conhecimento popular).</p>
<p>Baixada Litorânea e dos Lagos</p>	<p>As regras dos financiamentos da agricultura familiar são voltadas ao agronegócio, obrigando o uso de insumos e o plantio em monocultivo. Isso impede o despertar das potencialidades e conhecimentos locais;</p> <p>Assistência técnica inadequada para a realidade dos agricultores familiares;</p> <p>A indústria pesqueira domina os meios de produção e exploram os pescadores;</p> <p>Alto custo de produção e baixos preços de venda;</p> <p>A inviabilidade do agronegócio na agricultura familiar vem obrigando os</p>	<p>Sistemas agroflorestais nos assentamentos dos municípios de Casimiro de Abreu e Silva Jardim;</p> <p>Estímulo ao trabalho em grupo para resolver o problema da falta de mão-de-obra;</p> <p>Grupo de mulheres trabalhando com artesanatos no município de Cabo Frio utilizando escamas de peixes;</p> <p>Jovens filhos de agricultores familiares sendo capacitados em agroecologia nos municípios de Casimiro de Abreu e Cabo Frio;</p>	<p>Não foi abordado.</p>

	agricultores a sair do sítio em busca de novas oportunidades.	Controle alternativo de pragas e doenças; Venda direta aos consumidores em feiras agroecológicas.	
<p>Sul</p> <p>(10 pessoas; 5 mulheres e 5 homens)</p> <p>“As pessoas que sofrem tendem a externar mais o lado negativo das coisas. Estamos aqui chorando dignamente.”</p>	<p>Nos municípios de Volta Redonda e Resende: Concentração de terras, grandes fazendas, avanço da pecuária de corte, hotéis-fazenda (turismo ecológico), indústrias poluentes (metais pesados), monocultura de eucalipto, descumprimento da legislação ambiental pelos grandes interesses (laboratório farmacológico?);</p> <p>Paraty: Forte pressão do turismo ecológico internacional, casas de veraneio, forte especulação imobiliária (casarões antigos), turismo com retratação da história da escravidão (hediondo);</p> <p>Rio Claro: Agroindústria de aves (fonte poluidora); extração de areia.</p>	<p>Trabalho de mulheres e homens com artesanato e plantas medicinais: fibras, sementes de árvores, cipós, taquaras;</p> <p>Luta pelo reconhecimento das terras quilombolas e indígenas;</p> <p>Resgate cultural das tradições;</p> <p>Pesca artesanal;</p> <p>Sistema agrossilvopastoril;</p> <p>Mel, fabricação de doces e polpa da Jussara;</p> <p>Remédios caseiros - o domínio por parte da população apesar do não reconhecimento pela medicina;</p> <p>Hortas medicinais.</p>	<p>Não participa das mobilizações de organizações populares, desconhecimento, descaso, não estimula e não dispõe de assistência técnica e extensão rural.</p>

Considerações finais na plenária:

- 1) Crítica aos números do IBGE. O RJ é um Estado predominantemente urbano? Um olhar pelo interior do Estado confirma que essa visão é mais um erro de metodologia do que realidade, conforme avaliou José Eli da Veiga em seu trabalho, o Brasil é menos urbano do que se calcula. O fato de 92% dos estabelecimentos em Teresópolis limitarem-se em 10 hectares significa poder concluir que não existe latifúndio em Teresópolis? Qual porcentagem da área do município esses estabelecimentos ocupam?
- 2) Os critérios que definem o público com acesso a crédito pelo PRONAF, ao impor os limites atuais para renda não agrícola desconsideram a realidade estadual na qual a renda obtida fora das unidades produtivas e que é retroinjetada na propriedade, possibilita a permanência das famílias produzindo nas respectivas propriedades.
- 3) Falta apoio do poder público. Se existem exemplos de municípios que apóiam mais a agricultura familiar, por que não se generaliza isso?
- 4) Várias falas giraram entorno da necessidade de mudança de mentalidade, que nos coloca como escravos de um sistema maior. Como fazer para mudar a mentalidade dos poderosos e dos órgãos que nos dominam?
- 5) O exemplo de Campos: a terra do assentamento produz, mas para obter renda tenho que me enquadrar no sistema de produção de cana ou de leite, como mudar isso?
- 6) Exemplo de marginalização de assentados no município de Macaé. No Assentamento Celso Daniel, por indefinição se a área pertence ao município de Macaé ou de Carapebus, o ônibus escolar foi retirado e não transporta mais as crianças do assentamento. São realidades particulares. Qual expectativa se pode ter sobre este evento?
- 7) Agradecimento aos produtores(as) que estão nesse Encontro. Todos teremos de trabalhar muito para mudar essa relação de consumo. Somos todos muito bem trabalhados pelo sistema para mante-lo sem muitos questionamentos. Os técnicos consomem alimentos com alguma consciência agro-ecológica? É certo que muito temos por avançar.

E ainda:

Atenção com os números e com a interpretação. Entender que tem mais gente no espaço rural do que a estatística oficial divulga é bom ou é ruim para o espaço rural?

A expressão do modelo capitalista é diferenciada por região, mas o sentido comum pode ser percebido com o domínio do capital!

A luta pelas mudanças nas políticas públicas é um objetivo comum posto que as políticas atuais não privilegiam aos pequenos e sim aos grandes e as empresas vendedoras de insumos. Como vai mudar? Na medida que a gente avança na organização, conhecendo as experiências e avança na articulação com os consumidores para mudar essa realidade. Esse é o desafio!!

Apresentação de experiências agroecológicas em grupos de discussão

Relato das experiências nos grupos

Grupos de discussão	Experiência 1	Experiência 2	Experiência 3
<p>Graviola (26 pessoas, tendo 9 homens e 17 mulheres)</p>	<p>Grupo de Agrofloresta da Bacia do rio São João – Começou em novembro de 2004 com apoio da PM de Casimiro de Abreu, Fundação Mico Leão-Dourado e APA Jardim. Iniciou-se com um ciclo de oficinas sobre agrofloresta e depois com um curso prático com Ernest Goetch. Após as oficinas foram implantadas algumas áreas com produtores interessados. Complementando a formação, foi realizada uma visita a Barra de Turvo para observar a experiência com produção, comercialização e organização. Viram a importância do trabalho em grupo – experiência com mutirão.</p> <p>Já a horta-floresta começa com hortas depois vem com milho e aipim e lá para agosto/setembro planta-se guandu, tomate, taioba, açaí ou Jussara. “A Horta-floresta é a lavoura do pobre”. Com agrofloresta após 45 dias já se tem coisa para comer ou vender. A horta-floresta traz muita diversidade, tem alimento rapidamente. Não tem só</p>	<p>Horta Comunitária de Mesquita/RJ – Iniciou-se em 1994 no posto de saúde comunitário que atendia a comunidade carente. Cursos em Volta Redonda junto com a pediatra que atendia no posto foram fundamentais para iniciar a fabricação de xaropes e pomadas. Antes colhia as ervas nas casas o que aumentava a possibilidade de contaminação por fezes de animais domésticos. Surgiu, então, a possibilidade de se utilizar o espaço da via Light para iniciar a horta comunitária. Mas não avançou por conta de disputa política regional.</p> <p>Foi quando surgiu oportunidade de utilização do espaço em que a empresa Sonoleve já desenvolvia projetos sociais. Neste espaço foi possível desenvolver a horta e fazer várias oficinas.</p> <p>O projeto atende 10 famílias do PSF, 80 famílias da Pastoral da Criança e mais outras que não pertencem à</p>	<p>Rede de produtores(as) de produtos agrícolas agroecológicos da região Norte do Estado do Rio de Janeiro – gestada desde 2001, busca saídas para as dificuldades enfrentadas para comercializar a produção de 3 assentamentos da região (Antônio de Farias, Zumbi e Che Guevara). Tem bastante produção mas não tem infra-estrutura de escoamento. Há mais de um ano funciona uma feira em um ponto nobre da cidade de Campos com apoio de professores (do 2º grau e universitários) que levam a discussão da luta pela terra e alimentação saudável para as escolas. No começo as perdas eram doadas para orfanatos ou asilos. Esta iniciativa fortaleceu a substituição das lavouras de cana-de-açúcar por hortas e abacaxi, alterando o</p>

	<p>banana ou aipim. Tem sempre alimento, mesmo que não venda, tem o que comer ou dar para o gado.</p> <p>Dificuldade maior é trabalhar em mutirão (“O povo do Rio é mais individualista que o capixaba”). A comercialização no início foi difícil, vendia em barraquinha mas não era legalizada. A fiscalização mandou tirar por falta de documentação. Agora vende tudo na região numa barraquinha legalizada.</p>	<p>Pastoral. Participam do grupo da Rede Fitovida que ensina através de oficinas.</p> <p>Dificuldades - O posto de saúde comunitário hoje está fechado, mas estamos tentando reabri-lo e pouca mão-de-obra local.</p> <p>Aspectos positivos – Conseguiram sensibilizar a SMSaúde para a importância do trabalho fitoterápico e inclusive querem disponibilizar nas estruturas municipais.</p> <p>Desafios – Há forças contrárias inclusive no fórum de saúde municipal. Ato médico quer impedir o uso dos fitoterápicos populares.</p> <p>Uso de fitoterápicos na comunidade da Maré, Vale do Pinheiro – iniciou-se em 1992 através de trabalhos da Pastoral da Criança. Fazem quase todas as garrafadas e cultivam quase todos os chás (menos Espinheira Santa). Quase todos os postos de saúde da localidade da Maré incluem em seus tratamentos os</p>	<p>desenho produtivo das terras agora distribuídas. Só pode participar da feira quem participa da escola de agroecologia que trabalha com Homeopatia animal e vegetal, além de produção e uso de caldas alternativas (professores da UFV). A escolinha funciona no espaço da UFF/Campos, com apoio da UENF.</p> <p>As dificuldades – falta de apoio por parte da Prefeitura local. O transporte dos produtos é feito através de caminhão alugado. Tentativa de retirada da feira do local de venda (um abaixo-assinado puxado por um condomínio de luxo para retirada da feira) mas foi mantida graças à mobilização popular dos outros moradores do entorno querendo a feira.</p> <p>Pontos positivos: recuperaram a auto-estima; melhoraram a relação com a sociedade (que via o MST local com desconfiança, agora reconhecem o seu</p>
--	---	--	---

		fitoterápicos por nós produzidos. Nos encaminhando várias pessoas para pegarem conosco os fitoterápicos.	valor); a criação da escolinha de agroecologia (fruto da parceria da CPT/UFV). Desafios – Criar neste ano mais duas feiras na localidade. Conseguir financiamento de um projeto de capacitação apresentado ao MDA este ano.
Hortelã	Agrofloresta em Paraty/RJ – José Ferreira contou que sua experiência iniciara após o colapso da monocultura da banana na região. Recebeu apoio e iniciou as visitas a projetos de agrofloresta. Atualmente o apoio já terminou e o desafio de seguir em frente continua.	Experiência do Assentamento Capelinha – Maria Baixinha relatou que a quebra da usina de cana-de-açúcar na região abriu espaço para a reforma agrária e criação do Assentamento. Como desafios ela cita a produção e a comercialização.	Experiência da Rede Fitovida / o inventário – A Rede Fitovida é formada por vários grupos com experiências espalhadas pelo RJ e que se reúnem regularmente na Rede Fitovida. O Inventário que a rede está realizando junto ao IPHAM visa reconhecer o valor cultural do uso tradicional das plantas medicinais.

Capim Limão	Grupo de Agricultura Ecológica – GAE/UFRRJ – O GAE atua na UFRRJ através de estudantes universitários que buscavam trazer a Agricultura Orgânica para dentro da Universidade. Houve	Pastoral da Criança (Mendanha/Rio de Janeiro/RJ) – A Pastoral da Criança trabalha em hortas comunitárias junto a famílias da região do Mendanha aliando alimentação alternativa com produção sem uso de agrotóxicos. Em	Assentamento Terra Livre (MST) – Assentamento que se iniciou na Fazenda da Ponte, em Itatiaia/RJ – área desapropriada por ser considerada improdutivo, além de existir casos de trabalho degradante. A maioria
----------------	--	--	---

	<p>muitos confrontos no meio universitário nessa busca por novos caminhos para agricultura. Desde o seu surgimento, o GAE promove palestras, cursos e estágios entre outros para apoiar as mudanças necessárias na promoção da agroecologia na universidade. Até hoje os antigos participantes do GAE atuam na agroecologia, mostrando assim a força da formação no profissional.</p>	<p>Pedra de Guaratiba (bairro do Rio de Janeiro), as pessoas praticam agricultura urbana plantando em vasos. Plantam em mutirão, assessorados pela AS-PTA.</p> <p>Dificuldades – faltam pessoas, o trabalho é praticamente realizado pelas mulheres. Necessidade de ajuda ao pequeno produtor para financiar o pagamento de mão-de-obra para a condução dos plantios. Muitas pragas: lagartas e caramujos.</p> <p>Dificuldades (Jd. Guaratiba) – solo fraco e caramujos. Mas não querem desistir porque o trabalho é importante. Fazem reuniões mensais com a AS-PTA.</p> <p>Utilizam as folhas do aipim, batata-doce para multi-mistura e plantas medicinais para xaropes.</p> <p>A Pastoral da Criança trabalha desde 1999, a horta comunitária no Mendanha iniciou-se em 2004.</p> <p>Trabalham com 11 paróquias da Zona Oeste.</p>	<p>dos assentados é da Baixada Fluminense e, em menor quantidade, do Sul do estado. É uma oportunidade de trazer as pessoas de volta para o campo.</p> <p>Conquistaram uma escola municipal com quatro meses de acampamento; consciência ecológica; produção de mudas em viveiro.</p> <p>Dificuldades – acesso à saúde e outros serviços. Venda da produção de porta em porta (os produtos têm que ser escoados com travessia de canoa pelo rio Paraíba do Sul).</p> <p>A opção por plantar sem veneno no início foi por necessidade de não poder comprar os agrotóxicos. Mais tarde foram se convencendo das vantagens do sistema orgânico. Praticam a economia solidária entre eles – relações de troca entre produtores e entre produtores e consumidores.</p>
--	---	--	---

Perguntas norteadoras aos grupos de discussão

- 1) O que estas experiências têm em comum?
- 2) Quais as possíveis interações entre as experiências e qual a importância de interagir para o fortalecimento das experiências?
- 3) Como avançar na prática nestas interações?

Grupos de discussão	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3
Ipê	<p>Trabalho em grupo com objetivos coletivos;</p> <p>Busca de autonomia dos/as agricultores/as do meio rural e urbano;</p> <p>Preocupação com a Segurança Alimentar;</p> <p>Produzir alimentos de qualidade preservando o meio ambiente;</p> <p>Resgatar o que se perdeu falta de conhecimento, corrigindo os erros do passado.</p>	<p>Trocar experiências entre os núcleos da ABIO e quilombolas como montar banco de sementes;</p> <p>Trocar sementes dos que estão na roça com os da cidade para aumentar a qualidade genética.</p>	<p>Não desarticular, continuando a se encontrar regionalmente ou por temas específicos;</p> <p>Criar a partir daqui uma articulação estadual de agroecologia, que tenha articulações em núcleos regionais;</p> <p>Trabalhar no enfoque antes-durante-depois para avançar sempre.</p>
Graviola	<p>Conseguiram sensibilizar a contribuição das prefeituras municipais;</p> <p>Buscaram soluções para superar os problemas;</p> <p>Capacitação, intercâmbios, mobilização, trabalho em mutirão, fortalecimento dos grupos;</p> <p>Interação e apoio de consumidores, entidades parceiras e técnicos;</p> <p>Conseguiram</p>	<p>O bem-estar nas comunidades é o ponto de interação, os trabalhos voltados para o mesmo objetivo contribui para aumentar a comunicação e a confiança entre os agricultores.</p> <p>Trabalhar mais voltado para as qualidades das pessoas que para os defeitos que elas</p>	<p>Realizar uma vivência das agricultoras(es) de Macaé (Assentamento Celso Daniel) em Silva Jardim (Assentamentos Cambucaes e Aldeia Velha) e Casimiro de Abreu (Assentamento Visconde e Serra);</p> <p>Realizar encontros regionais dos assentados e acampados: entidades representativas (Fetag, STR, MST) se unirem</p>

	<p>reconhecimento, elevaram a auto-estima, melhoraram a fertilidade do solo (recuperação do ambiente);</p> <p>Conquistaram a terra;</p> <p>Problemas de escoamento da produção e de comercialização;</p> <p>Têm responsabilidade com o que produzem e fazem: remédios caseiros, alimentos, preservação ambiental, preocupação com saúde;</p> <p>No Assentamento Celso Daniel (Macaé) há um mutirão de confraternização que envolve 200 famílias (do assentamento e mais duas fazendas) de 15 em 15 dias e conseguem trabalhar 8 sítios por dia.</p>	<p>possuam.</p> <p>Manter as parcerias institucionais é muito importante. O IBAMA tem acompanhado de perto o manejo agroflorestal de Casimiro e Silva Jardim, mapeando os plantios para que mais tarde os agricultores possam manejá-las dentro da lei.</p>	<p>em prol dos problemas rurais dos agricultores;</p> <p>Realizar encontros anuais para outras trocas de experiências: uso/fabricação de remédios, técnicas de compostagem, caldas caseiras;</p> <p>Fazer parcerias com entidades governamentais e ONG's envolvidas e de interesses comuns.</p>
Aipim	<p>As atividades são orientadas a partir da experiência local;</p> <p>Busca de alternativa ao sistema neoliberal;</p> <p>Priorizam a saúde: homeopatia, Rede Fitovida e agrofloresta;</p> <p>Priorizam a terra: cuidado com a terra, relação com a terra;</p> <p>Troca de saberes;</p> <p>Trilham um caminho semelhante;</p>	<p>Foi abordada junto com a pergunta 3.</p>	<p>Nos cobrar outros encontros com mais tempo para discussão;</p> <p>Cobrar das autoridades a incorporação da agroecologia no ensino público;</p> <p>Articular e ocupar todos os espaços públicos (igrejas, escolas, associação, etc);</p> <p>O Inventário (?) como instrumento que pode legitimar as experiências como</p>

	Conseguiram se fortalecer.		patrimônio público.
Hortelã	A resistência e a luta; A falta de apoio (exceto iniciativas individualizadas); Os valores que nos guiam. O valor do “Rural”.	Troca de contatos. A força das visitas; as mensagens de otimismo e de luta; Intensificar troca de experiências.	A persistência, criando e fortalecendo as demandas para forçar o surgimento das políticas públicas.
Capim Limão	Superar as dificuldades na busca por uma vida melhor; Carinho, troca de experiências (o amor está fazendo falta nas relações humanas). O amor é resgatado pelas experiências agroecológicas; Resgate do conhecimento popular (das origens); Melhoria da auto-estima, superando problemas do dia-a-dia.	Visitas entre si (trocas de experiências entre grupos).	Manutenção da comunicação entre os participantes; Lista de participantes que permitam fazer as trocas.
Pau Brasil	Troca de experiências; Relação com alimentação; Parcerias com instituições; Valorização da cultura popular; Mobilização, mexem com pessoas, mas a iniciativa de uma pessoa é fundamental; Promovem reflexão e mudanças de hábitos.	Incluir os consumidores nas trocas de experiências; Interagir para fortalecer.	Participação em visitas que estarão sendo organizadas para trocar conhecimentos; Criação de núcleos; Mapeamento dos produtores presentes ao evento

Comentários acerca das experiências no Rio de Janeiro - Paulo Petersen (AS-PTA)

A gente veio para este evento se energizar e se encorajar.

Nós não somos poucos e não estamos sozinhos. Este evento ainda tem muito a crescer. Aqui tem muita gente se questionando sobre o que é agroecologia. Nas conversas a agroecologia vai aparecendo através das diversas experiências vivenciadas pelas pessoas. Apesar de não saber ao certo sobre agroecologia, tem algo por trás, que diz que é possível mudar. São experiências de mudança, no seu tempo, no seu campo. As experiências apontam para onde mudar. As mudanças gerais não se efetivam em cima de idéias e sim, em cima de experiências. O conceito de agroecologia foi sendo construído na vivência cotidiana.

Aqui se falou muito em articulação, mas como fazer? O papel da liderança é importante desde que respeite a base. A força está na base!

Resgatando a história da ocupação da terra desde o tempo das colônias portuguesas vemos que o agronegócio nada mais é que um rótulo novo para uma garrafa velha. Os latifúndios estão aí e dominam o ambiente. Há um velho ditado: “Vamos fazer a revolução antes que o povo a faça” – isto significa que o povo não é passivo.

(Falou sobre a lei das terras na época do Segundo Império que praticamente obrigava “escravizar” a terra. Desta forma se fortaleceu o latifúndio, o monocultivo, a degradação ambiental e a escravidão).

Quando surgiu a Revolução Verde (trazendo a modernização) – o ensino superior mudou – incorporando veneno/maquinário pesado/ semente híbrida ao sistema produtivo. Todas escolas de agronomia tinham a mesma formação. Outra ferramenta utilizada para difusão da Revolução Verde foi o crédito farto e determinado para o pacote tecnológico. O pior mal que a Revolução Verde foi a “escravização da mentalidade”. Valores positivos que penetravam em nossas mentes: modernidade, produtividade, novas tecnologias. O agricultor passou a baixar a estima. O Jeca Tatu foi criado para mostrar como o camponês é atrasado. Isto penetrou nas mentes! Perdeu-se a identidade, o agricultor passou a ser visto como atrasado.

Esse encontro vale pelo resgate da auto-estima, ao pegar o microfone e vir falar aqui na frente significa vencer a timidez e se valorizar, é acreditar que se tem algo para contribuir. O problema está no desprezo do conhecimento popular e não na ciência e no seu papel de desenvolvimento. Há um mito que diz que a ciência é superior ao conhecimento popular. Este mito leva à passividade. Mas aqui não estamos sendo passivos. Estamos batalhando com expressões seja no trabalho, na luta, na poesia, na dança... A passividade nunca foi uma coisa nossa (relembrou várias guerras: Canudos, Cabanagem, Contestado). Mas foram lutas isoladas, a luta popular sempre foi assim isolada, aí vinha o exército e massacrava.

Hoje vivemos algo inédito, eventos como este em que pessoas se encontram para partilhar conhecimentos estão acontecendo pelo Brasil afora. O grande valor da partilha é acreditar que o conhecimento é livre. Isto leva a acreditar que nós temos que partilhar para que o conhecimento de qualquer pessoa venha ampliar o conhecimento cultivado pelo povo

(É a liberdade do conhecimento). O momento histórico pede que criemos projetos de futuro e serão mais bem elaborados se as pessoas trocarem experiências. A mudança geral só acontecerá se houver mobilização para elaborar projetos, reivindicar direitos e pressionar o poder público por políticas adequadas aos agricultores familiares.

Plenária Final.

Generosa e Márcio compuseram a mesa para a Plenária Final e encerramento do evento. Márcio mostrou os números relativos ao evento e falou sobre os principais sentimentos captados no encontro e as propostas comuns que surgiram (Estão na apresentação do computador).

Quando o Márcio abriu a palavra para a Plenária houve várias manifestações espontâneas como: cantoria; uma dinâmica do pão – onde quatro pães vão sendo divididos ao meio até que todos na plenária tivessem um pedacinho de pão (realizada pelo Diogo/MAE/UFF); o Seu José Ferreira declamou uma poesia de sua autoria; Dona Carli, falando sobre Cabuçu, relatou a morte de uma cachoeira na região. Terminou pedindo que defendêssemos a natureza, assim como defendemos o homem; Luiz, do Verdejar, recitou mais uma de suas poesias teatralizadas; Pe. Geraldo Lima citou duas palestras do Prof. Henrique Cortez sobre o valor da água e solicitou que entrássemos na luta contra a privatização da água.

Outras contribuições da Plenária:

Cobrança em relação a propostas concretas;

Como se insere a discussão do urbano na discussão sobre agroecologia?

Houve apelo para que a terra seja para quem nela trabalhe;

Representante do grupo Mulheres de pescadores parabenizou o evento dizendo que no início não sabia o que faria naquele encontro, mas que ao final sai com muita energia e disposição;

Mirian agradeceu pelo encontro fraterno e alegre e passou dois abaixo-assinados para circular pela plenária (A favor do milho crioulo e contra milho transgênico; outro em defesa das mulheres da Via Campesina acusadas de destruir os laboratórios da Aracruz Celulose);

Luiz, do Verdejar, sugeriu que nos próximos encontros elegêssemos algum elemento da natureza para servir de pano de fundo do encontro. Neste se falou muito de água e ele reparou que estávamos cercados de montanhas, que dão nascentes, olhos d'água...;

Lembrou-se do Grito da Terra que acontecerá na segunda-feira próxima (15/05/2006);

O mérito do evento foi colocar as pessoas que têm a mão na massa para trocar experiências. Os próximos passos são a digestão do que foi discutido aqui;

A agroecologia é uma família. Agradecimentos gerais;

Começar o trabalho de conscientização com os pré-adolescentes, adolescentes e jovens do Assentamento Celso Daniel. Cida firmou este compromisso com a plenária;

Estes eventos confortam a gente pois nós falamos, aprendemos e vemos que não estamos sozinhos.

O encerramento do Encontro foi dado com a apresentação da delegação que representará o RJ no II ENA no Recife/PE e com sorteio de palmitos e mudas de palmito para a plenária.

Outras falas:

- A importância da troca de saberes;
- Como concretizar as propostas? Na prática como é que vamos desenvolver as propostas comuns?
- Aprofundar o estudo da agroecologia
- Precisamos permanecer nos encontrando
- Já estou com saudades. Só tenho a agradecer. Precisamos dar continuidade a esse trabalho
- O grupo da pesca de Cabo Frio se solidariza com os agricultores e com os demais guerreiros
- A preocupação com a ecologia total: tudo isso é ligado com a agricultura. As pessoas aqui presentes nos encham de esperança com o ser humano
- Tem a impressão de que os movimentos sociais deixaram tudo nas mãos de Lula. Nos outros governos estavam sempre em Brasília, se mexendo. Precisamos retomar as ruas para brigar para defender os trabalhadores rurais. Agroecologia aqui está lindo; na prática não está assim não. Falta gente para tomar providências contra o Prefeito, no caso de Silva jardim.
- Parabenizar a organização do encontro. Vê resultados nas avaliações. Informe: segunda-feira saem as caravanas para Brasília para o Grito da Terra Brasil.
- O grande mérito deste encontro é reunir várias pessoas que estão com a mão na massa trabalhando nas diversas formas de fazer a agroecologia. As pessoas que se esforçaram para sair de suas casas e participar desses dois dias tiveram aqui – se sentiram aqui a vontade para expor suas idéias e isso é riqueza! Isso é desejado! A volta pra casa vai bulir nas nossas práticas. O encontro proporcionou essa mobilização. Temos o compromisso de ir para o ENA e retornar com idéias novas
- O encaminhamento que fica é que os técnicos procurem fazer esse encontro ao nível municipal. Conhecer as experiências que existem em nosso entorno; proporcionar a visita e a troca entre as comunidades.

POEMA

SERES DE MOEDA
O DINHEIRO É A RAIZ DE MUITOS MALES!

E DE MUITOS MALAS!

SERES DE MOEDA.

SERES DE MOEDA?

SERES DE MOEDA!

SERES, SERES!

MOEDA; MOEDA!

M

E

R

D

A

MERDA

SEREMOS SERES DE M

E

R

D

A

SE NOS TORNARMOS SERES DE MOEDA

Luiz Eu

Verdejar (serra da Misericórdia, Zona Norte – Rio – RJ).

Lista de Entidades que compareceram ao encontro

1. CPT
2. MST
3. FETAG
4. CEDRO

5. AS-PTA
6. PESAGRO-RIO
7. EMBRAPA AGROBIOLOGIA
8. GAE
9. EMATER-RIO
10. REDE FITOVIDA E TODOS OS GRUPOS COMUNITÁRIOS
11. UFF
12. UERJ
13. VERDEJAR
14. BANCO DE SEMENTES COMUNITÁRIO
15. KOINONIA
16. ABIO
17. SECRETARIA MUNICIPAL DE AGRICULTURA DE CASIMIRO DE ABREU
18. SECRETARIA MUNICIPAL DE AGRICULTURA DE NOVA IGUAÇU
19. REDE ECOLÓGICA
20. PASTORAL DA CRIANÇA
21. PASTORAL DA SAÚDE
22. DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

Perfil dos participantes (categorias/profissionais)

1. AGRICULTORES FAMILIARES
2. ASSENTADOS
3. ACAMPADOS
4. PESCADORES
5. QUILOMBOLAS
6. AMBIENTALISTAS
7. AGRICULTORES DA CIDADE
8. PESSOAL DAS PLANTAS MEDICINAIS E TERAPIAS ALTERNATIVAS
9. TÉCNICOS DE ONG'S, MOVIMENTOS SOCIAIS E ENTIDADES GOVERNAMENTAIS
10. AGENTES DE PASTORAL POPULAR
11. ESTUDANTES
12. PESQUISADORES
13. PROFESSORES
14. DIRIGENTES E LIDERANÇAS
15. CONSUMIDORES
16. FEIRANTES

Lista de contatos dos (as) agricultores (as)

Maria conceição da silva e Marilena Cavalcanti	Artesanato de escamas	(22)26440714
Elizabeth Cardoso	“	(22)26434977

Maria Conceição Lira	Ervas medicinais Fitovida	24123710
Maria Lucia Ribeiro	Plantas medicinais/Fitovida	24042980
Alice Pereira	“ ‘	27682519
Fia Rodrigues	Banco de sementes Grupo de saúde alternativa	24154085
Débora Figueira	Ervas medicinais	(21)91360043
Sonia Lima	Banco de Sementes	34268938
Elza Barros	Horta comunitária/plantas medicinais	27960812
Ana Lima Filomeno	Horta comunitária/plantas medicinais	27961517
Luiz Fernando de Jesus	Aipim, quiabo, milho, batata doce, folhosas, coco, laranja, limão.	37947960/97567920
Terezinha Campos	Banana, tilapia Ass. São Bernardino, Vila de Cava.	37642398
Maria	Alface, couve, bertalha, batata doce, aipim, outras variedades de legumes, frutas. Pastoral da criança/Praia da Brisa /Jardim Guaratiba	24174044
Aldeído Ataliba	Aipim, mamão, abacaxi, café, banana, laranja,, todos tipos de hortaliça, milho, feijão, arroz, manga, pêra, caqui Plantas medicinais Licor/doce	

	Artesanato Agrofloresta Silva Jardim	
--	--	--

Marlene a. de oliveira	<p>Coloral/agrofloresta plantada</p> <p>Inhame, cana, pupunha, guandu, feijão preto, milho, quiabo, abóbora, tangerina, limão, laranja, banana, jambo, acerola, graviola, cacau, manga, cajá, abacaxi, jaboticaba, amora, nêspera,</p> <p>Plantas ornamentais/orquídeas</p> <p>Dendê, Jussara, remédios.</p> <p>Assentamento Aldeia Velha.</p>	Ma Inês do Mico Leão Dourado Ibama
José Ferreira	<p>Mandioca, abacaxi, goiaba, cana, feijão, inhame, taioba, açafrão, batata doce, hortaliças (couve, taioba, pimentão, jiló) banana, cereja, palmitos, palmeira real, mamão, laranja, lima da pérsia, tangerina, limão,</p> <p>Plantas medicinais.</p> <p>Parati – Sitio São José</p>	(24)99059886 ferreiraecologia@hotmail.com

Mario	Banana, abóbora. Terra Livre	(21)94033327 Vania
Oswaldo Arante	Quiabo, alface, couve, cebola, inhame, jiló, pimentão, banana, repolho. Assentamento Terra Livre.	
Diogo e Luiz Carlos	Rúcula, alface, salsa, cebolinha, mostarda. Verdejar	24660460 97420450 94458810
Greice Ramos Fernandes	Banana, feijão e inhame.	(22)27781414/27783733
Rita de Cássia Abreu	Aipim, banana, coco. Sebastião Lan	26451256 (recado irmã)
Hermes Cipriano	Rapadura, melado, açúcar mascavo, mamão, laranja. Assentam. Antonio de farias - Campos	(21)82027145
Baldino	Laranja, tangerina, aipim, coco, acerola, leite, maracujá, quiabo banana. Associação Unidos Venceremos	(22) 26682500

Marcelo Barreto	Cana de açúcar, feijão, milho, aipim. Assentamento Santo Amaro Campos	(22)27220643
Genislon de Souza Pinto	Aipim, milho, feijão, quiabo, abóbora, banana,	

	galinha. Assent. Santo amaro - Campos	
Catarina chagas	Aipim, banana, cana, avicultura Assentamento che Guevara campos	27221788
Roberto Carlos Alvares	Gado, leite, cana, aipim, milho, feijão inhamé, coração de peru, galinha, coelho Capelinha	(22)81233632
Marise Ribeiro	Aipim, banana, manga, feijão de corda, coco, palmito Assent. Celso Daniel Macaé	(22)99657279
Milton Machado	Banana da terra (produz muita coisa, mas já está tudo destinado) Banana prata, ouro, banana, figo, banana maçã, banana d'água, aipim, cará, limão cidra, lima da pérsia, limão taiti, limão galego, limão branco, abacate, laranjas, tilápia, batata doce, fruta pão de carvão, taioba de dedo, taioba de folha Assentamento Visconde sitio 62 cep 28860000	27784122 br 101 km 202
Carli	Banana, urucum, inhame, arroz, doces em compota, (mamão, abóbora, coco),	Ma. Inês Mico Leão Dourado

	palmito pupunha em vidro.	
--	---------------------------	--

Adriana	Abóbora, milho, feijão, hortaliças, caqui, pêsego, banana, laranja, abacate, batata doce, ervilha, cenoura, beterraba, nabo, cebola, alho, aipim, ovos, chuchu, batata inglesa. Assentamento Fazenda Alpina	(21)27411517/99636570 98620079
Robledo Mendes	Eventos de culinária agroecológica	86333304/26563967
Rosa dos Santos	Alimentação alternativa (receitas, culinária) Pastoral da saúde.	26026255
Francisco	Feijão, milho, feijão de corda, quiabo, maxixe, abóbora, melancia, aipim, coco, gengibre.	96573146
Suzana Nogueira	Cebola, batata doce, ovos.	2225433080

09 e 10 de maio de 2006 – Centro de Formação de Líderes

R: Dom Adriano Hipólito, 08 – Moquetá - Nova Iguaçu

Programação

	Dia 09 (terça-feira)	Dia 10 (quarta-feira)
Manhã	10:00 – 11:30 - Acolhida dos participantes 11:30 – Almoço	8:00 – Apresentação das experiências em grupos com temas geradores 10:30 – Apresentação da síntese dos grupos 11:00 – Comentários - Paulo Petersen (AS-PTA)
Tarde	13:00 – Abertura (apresentação dos objetivos e informes sobre o ENA e apresentação do seminário estadual) Marcio e Generosa 14:00 – Paineis: Panorama da agricultura no RJ – contraposição de modelos – Paulo Alentejano (UERJ) 14:30 – Experiências Agroecológicas no RJ - Monica Cox (UFF) 15:30 – Grupos de discussão por região (N/NE, Lagos, Metropolitana, Sul e Serrana) 16:30 as 18:00 – Plenária com retorno dos trabalhos em grupo	14:00 – Plenária final e encaminhamentos 16:00 - encerramento
Noite	19:00 – Mostra de Saberes e Sabores e Espaço Cultural	

7.3 ANEXO 3

II ENCONTRO DE AGROECOLOGIA DO RIO DE JANEIRO

5 a 7 de agosto de 2010 - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Campus Seropédica

Dia 05 de agosto 2010

8:00 às 11:00 - Momento de Acolhida

Chegada dos/as participantes; Inscrições; Organização nos alojamentos; Montagem da Mostra Sementes, Sabores e Saberes.

Almoço – 11:30 as 14:00 h

14 as 18 h – Abertura: Mostra Sementes, Sabores e Saberes. Atividades de trocas de experiências.

Apresentação de campanhas: Limite da propriedade da terra, combate ao trabalho escravo, não aos agrotóxicos e transgênicos.

19 h - jantar

20 h Painel de Abertura; Apresentação das regiões; Noite cultural.

Dia 06 de agosto 2010

14 as 18 h – Abertura: Mostra Sementes, Sabores e Saberes. Atividades de trocas de experiências.

Apresentação de campanhas: Limite da propriedade da terra, combate ao trabalho escravo, não aos agrotóxicos e transgênicos.

19 h - jantar

20 h Painel de Abertura; Apresentação das regiões; Noite cultural.

Dia 07 de agosto 2010

8:00 às 11:30

Oficinas (Conferir lista de oficinas)

Almoço – até as 12:30h

13:00 h Plenária Final

16:00 Despedida

LISTA DE OFICINAS

1- Agricultura urbana agroecológica (Luiz Poeta - Verdejar);

- 2- Alimentação viva (Thiago Bello e Irma maria Ferreira);
- 3- Artesanato com sementes (Edilene);
- 4- Artesanato em fibra de bananeira (Alice Esperidião);
- 5- Assistência técnica e extensão rural (Generosa e Alê - CEDRO);
- 6- Associativismo e organização social (Joana e Paulo César);
- 7- Cadernos Ecológicos (Rubenilto);
- 8- Caldas caseiras e biofertilizantes (Anselmo e Elcemiro);
- 9- Compras coletivas (Míriam e Brigida - Rede Ecológica);
- 10- Economia solidária (Míriam Ancelme e Rita Alves);
- 11- Ervas medicinais (Marlene);
- 12- Estruturas em bambu (Rafael Medeiros - GAE);
- 13- Fabricação de sabão caseiro (Alice);
- 14- Introdução à apicultura (Calado - COOPAGÉ)
- 15- Integração animal-vegetal (Levi);
- 16- Irrigação (Léo Médici);
- 17- Juçarada (AMOQC e IPEMA);
- 18- Manejo da fertilidade do solo (Embrapa Agrobiologia);
- 19- Políticas Públicas de Plantas Medicinais (Sílvia Regina - Fiocruz);
- 20- Práticas Agroflorestais A (Claudemar, Zé Ferreira e Bigode);
- 21- Práticas agroflorestais B (Embrapa, Tiago Japa e Milton);
- 22- Saneamento ecológico (Evely);
- 23- Guardiões de sementes (Luizinho e Dona Júlia);
- 24- Turismo de base comunitária (Laura);

“MOSTRA DE SABERES, SABORES E SEMENTES”

-1. Espaço livre de trocas e intercâmbio entre os participantes do evento que acontecerá no primeiro dia do Encontro.

-2. Organizada em espaços temáticos* de acordo com identidades pré-identificadas e que permeiam os temas do Encontro: Reforma Agrária; Economia Solidária; Agricultura Urbana; Saúde e Plantas Medicinais; Ensino, Pesquisa e Extensão; Troca de Sementes.

*Os participantes serão orientados a se organizar nesses espaços de acordo com sua identidade e estarão convidados a participar de debates sobre os temas norteiam a Mostra.

-3. É desejável que as Regiões apresentem questões relativas aos temas, relacionando-nas à transição para a agroecologia; indicando pessoas para participação nos diferentes Grupos de Debate.

-4. Ao final dos debates (que podem se estender além do tempo da Mostra, nos “intervalos proveitosos”), deverá ser feito um relato das questões levantadas para ser repassado para a Comissão de Registro e Memória.

-5. Os temas e as questões que forem debatidas e registradas durante a Mostra serão contemplados na Carta Política – Semente do Encontro.

CARTA POLÍTICA DO ENCONTRO

Carta Semente com as reivindicações dos participantes do II Encontro de Agroecologia do Rio de Janeiro.

Nos dias 5, 6 e 7 de agosto de 2010 se reuniram em Seropédica na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro 348 participantes dentre trabalhadores e trabalhadoras da agricultura familiar camponesa, fórum de comunidades tradicionais, jovens, estudantes, técnicos, professores e pesquisadores envolvidos em experiências agroecológicas no estado do Rio de Janeiro.

O encontro cujo tema foi “Caminhos da transição Agroecológica pela Soberania Alimentar” refletiu o processo de sistematização e de articulação de diversas experiências que se desenvolvem nos campos da reforma agrária, da economia solidária, da agricultura urbana

e periurbana, da saúde pelas plantas medicinais, das sementes crioulas, da construção do conhecimento agroecológico, da educação do campo e do consumo e alimentação agroecológica popular. Repudiamos ao modelo atrasado do agronegócio que se sustenta nos recursos públicos e no trabalho escravo, que gera crises sociais e ambientais, ao qual resistimos e respondemos praticando a “agricultura do futuro” a qual chamamos agroecologia, caracterizada pelo respeito ao conhecimento e à autonomia dos agricultores e agricultoras, à biodiversidade, à produção de alimentos com qualidade, aos consumidores e ao trabalho da agricultura familiar.

Reivindicamos:

-A reforma agrária como o primeiro passo para a agroecologia.

-A não criminalização dos movimentos sociais, dos trabalhadores e trabalhadoras, de suas lutas e pautas.

-A erradicação do analfabetismo no campo, com base na Educação do Campo.

-A Educação do Campo que projete os seus sujeitos e que busque a auto-afirmação da identidade das raízes do campo, garantindo educação para toda a sociedade; Incluir a agroecologia em todas as fases da educação, desde o ensino fundamental até a universidade como forma de viabilizar a formação dos filhos dos camponeses e de todos os cidadãos.

-Massificar o acesso a políticas de produção de alimentos de venda para o mercado institucional e aos créditos rurais e que o estado cumpra sua obrigação de propiciar os mecanismos de acesso como a emissão de declarações e documentos necessários. As políticas conquistadas têm de ser implementadas.

-A garantia da existência das áreas rurais nos planos diretores dos municípios e que sejam construídas políticas públicas de fortalecimento da agricultura urbana.

-Que seja respeitado o uso, a conservação e a posse das sementes como expressão cultural e de autonomia dos agricultores e agricultoras e que sejam banidas as sementes transgênicas.

-Que se intensifique o diálogo entre agricultores e Estado na condução da política ambiental, reconhecendo as atividades agrícolas familiares como promotoras da biodiversidade.

-Que as políticas de crédito e de extensão rural atendam as demandas por uma agricultura com bases agroecológicas.

-O respeito à identidade de jovens agricultores enquanto pessoas capacitadas para coordenar e interagir na construção de uma sociedade agroecológica.

-Estas reivindicações afirmam a necessidade de outro futuro possível

-Nós temos muitas mãos e a consciência do Mundo!

II EARJ, AARJ, Seropédica, 07 de agosto de 2010.

7.4 ANEXO 4

Edital MCT/CNPq/MDA/SAF/MDS/SESAN - Nº 36/2007 - Seleção Pública de Propostas para Apoio a Projetos Extensão Tecnológica Inovadora para Agricultura Familiar

Título do Projeto:	Desenvolvimento participativo de metodologias e processos de construção do conhecimento agroecológico no Estado do Rio de Janeiro
Coordenador do Projeto:	Prof ^ª . Dra. Mônica Cox de Britto Pereira

Instituição Executora:	Departamento de Geografia, Universidade Federal Fluminense	
Instituição (ões) Colaboradora (s):	Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro/ FFP; Articulação Nacional de Agroecologia-ANA; Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa – AS-PTA; Cooperativa CEDRO – Cooperativa de Consultoria, Projetos e Serviços em Desenvolvimento Sustentável; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Rio de Janeiro Associação Mico-Leão Dourado; Secretaria Municipal de Agricultura e Pesca de Casemiro de Abreu.	
Edital:	Edital MCT/CNPq/MDA/SAF/MDS/SESAN- Nº 36/2007	
Linhas de apoio - assinalar uma ou mais linhas na (s) qual (is) a proposta está inserida:	01 ()	Uso de técnicas de manejo em sistemas de produção de base ecológica e/ou orgânica;
	02 ()	Tecnologias apropriadas para a convivência ambientalmente equilibrada, nos diferentes biomas brasileiros;
	03 ()	Uso de tecnologias de baixo custo para captação e tratamento de água;
	04 ()	Processamento de alimentos e ervas fitoterápicas da biodiversidade regional;

	05 ()	Emprego de plantas e outros produtos alternativos com fins terapêuticos;
--	--------	--

Linhas de apoio - assinalar uma ou mais linhas na (s) qual (is) a proposta está inserida:	06 ()	Uso de processos artesanais e agroindustriais de produção voltados para a agricultura familiar;
	07 ()	Tecnologias de energia renovável aplicadas à agricultura familiar;
	08 (X)	Uso de metodologias de comunicação social aplicados à assistência técnica e extensão rural;
	09 (X)	Dinâmicas sócio-ambientais e estratégia de desenvolvimento rural;
	10 ()	Processos e organização para agroindustrialização familiar;
	11 (X)	Estratégias de incentivo à disponibilização e apropriação de conhecimento de impacto comunitário;
	12 ()	Uso de tecnologias como incentivo para a migração da auto-suficiência na produção de alimentos para a geração de renda monetária;
	13 ()	Processos de geração de renda de origem não agrícola;
	14 ()	Implementação de sistemas participativos para a certificação e inspeção de produtos de origem animal e vegetal;
	15 ()	Implementação de formas organizativas de processos de produção e comercialização.

1) IDENTIFICAÇÃO:

1.1) Instituição: Universidade Federal Fluminense - UFF

1.2) Coordenador: Mônica Cox de Britto Pereira

1.3) Nome do bolsista: Thiago Michelini Barbosa

1.4) nº do Processo Institucional

1.5) nº do Processo Individual

1.6) Modalidade/Nível de bolsa

1.7) Período de Vigência da bolsa

1.8) Período de Referência do Relatório Técnico

2) RESUMO DO PROJETO

Este projeto teve como foco o desenvolvimento de ferramentas metodológicas participativas voltadas à identificação, mapeamento, sistematização e intercâmbio de experiências em agroecologia desenvolvidas por agricultores familiares. Buscando potencializar e articular os conhecimentos necessários à promoção de processos sustentáveis de desenvolvimento local e territorial, nos moldes estabelecidos pela Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – PNATER.

A proposta teve como base um conjunto de iniciativas de assistência técnica e extensão rural em andamento no espaço de atuação da **Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro - AARJ**, particularmente nas regiões Norte Fluminense, Baixada Litorânea e Metropolitana, com potencial de irradiação para as regiões Serrana, Médio Paraíba e Centro-Sul Fluminense.

O trabalho visou qualificar, inter-relacionar e ampliar as ações de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) e Assessoria Técnica Social e Ambiental à Reforma Agrária (ATES) em curso, potencializando o diálogo entre os saberes construídos pelos agricultores e extensionistas na implementação de estratégias de transição para a agroecologia, e um conjunto de conhecimentos e instrumentos metodológicos, gerados pela pesquisa acadêmica, nos campos da geografia agrária, da sociologia e da agroecologia.

A qualificação técnica e metodológica de extensionistas, agricultores familiares, assentados da reforma agrária e organizações governamentais e não-governamentais envolvidas, bem como a promoção de dinâmicas horizontais de assistência técnica e extensão rural figuraram como objetivos centrais do projeto.

O projeto teve como metas principais a identificação, sistematização e mapeamento de experiências em agroecologia; a consolidação de articulações regionais de agroecologia; a

construção de um sistema georeferenciado de informações sobre as experiências em agroecologia existentes no Rio de Janeiro; a geração de mapas e publicações com foco nas experiências em agroecologia do estado do Rio; a promoção de dinâmicas de capacitação e troca de experiências entre técnicos e agricultores familiares; assim como a promoção de Encontros Regionais e Estaduais de Agroecologia.

3) ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O desenvolvimento das atividades do bolsista em questão (articulador de campo) procurou além de atender as metas propostas pelo projeto, também suprir algumas demandas das articulações regionais de agroecologia e de seus grupos integrantes no que se refere às questões da construção do conhecimento agroecológico e do fortalecimento de uma rede estadual de intercâmbios. As atividades desenvolvidas pelo bolsista foram em muito dinamizadas pela ação em rede das organizações que compõem a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro, assim como as ações da rede foram otimizadas pelas atividades desenvolvidas pelo bolsista. Portanto, foram desenvolvidas atividades já previstas no âmbito do projeto, assim como atividades desencadeadas pela própria natureza dinâmica de uma rede, sendo ambas potencializadas por este processo intenso de articulação de experiências em agroecologia. A seguir listamos as atividades fundamentais do bolsista que fizeram parte tanto do projeto, quanto do processo de articulação estadual entre as experiências em agroecologia no Rio de Janeiro:

- Promoção de **dinâmicas horizontais** de assistência técnica e extensão rural intensificando as interações das experiências entre si e destas com seu entorno;
- Coordenação e execução do processo de **identificação, sistematização e mapeamento** de experiências em agroecologia em 06 regiões (Metropolitana, Serramar/Baixada Litorânea, Norte Fluminense, Serrana, Costa Verde/Litoral Sul e Vale do Paraíba) do estado do Rio de Janeiro;
- Estímulo à **consolidação de articulações** regionais de agroecologia em 06 regiões do estado do Rio de Janeiro;
- Organização e coordenação da **Oficina Estadual de Desenvolvimento Metodológico**;
- Organização e coordenação de **reuniões** de planejamento, monitoramento e avaliação do projeto;

- Captura de **informações georeferenciadas** no campo para abastecimento de banco de dados e mapeamentos;
- Levantamento de **dados secundários** para subsídio de sistematizações e mapeamentos;
- Apoio à organização e à realização de 05 **Encontros Regionais** de Agroecologia (regiões Costa Verde/Litoral Sul, Norte Fluminense, Metropolitana, Serramar/Baixada Litorânea e Serrana) no Estado do Rio de Janeiro e 01 **Encontro Estadual** de Agroecologia (Reunião Ampliada – Casimiro de Abreu - RJ);
- Apoio à organização e à realização de visitas de **intercâmbios** dentro e fora do estado do Rio de Janeiro;
- Elaboração de 02 boletins **informativos** sobre a Articulação do Rio de Janeiro de Agroecologia e de 01 **caderno** com descrições resumidas de 40 experiências em agroecologia do Estado do Rio de Janeiro distribuídos entre as articulações regionais de agroecologia;
- Organização e coordenação de uma **Oficina Estadual de Sistematização de Experiências em Agroecologia**;
- Apoio à organização e elaboração de **livro** contendo a sistematização de 24 experiências em Agroecologia do Estado do Rio de Janeiro;
- Acompanhamento ao desenvolvimento do software “**Agroecologia em Rede**” e cadastramento de experiências em agroecologia identificadas no Estado do Rio de Janeiro no banco de experiências on-line do software;
- **Articulação** com instituições governamentais e não governamentais objetivando o fortalecimento da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro;
- Participação em **reuniões e eventos** regionais e nacionais com foco na agroecologia.

4) METODOLOGIA

Promoção de dinâmicas horizontais de assistência técnica e extensão rural e estímulo à consolidação de articulações regionais de agroecologia em 06 regiões do estado do Rio de Janeiro

Esta atividade foi baseada em um processo contínuo de animação e facilitação de dinâmicas de interação por parte do articulador de campo (bolsista em questão) em consonância com a Secretaria Executiva da AARJ. Através de incursões a campo e de articulações com os atores locais de promoção da agroecologia, se procurou a facilitação do intercâmbio de experiências em agroecologia e a consolidação de redes regionais sobre o tema em 06 regiões do Rio de Janeiro – **Metropolitana, Baixadas Litorâneas (Serramar), Norte Fluminense, Costa Verde, Serrana e Vale do Paraíba.**

Nas regiões onde o processo de articulação já estava em andamento, o trabalho consistiu em facilitar os intercâmbios de experiências por meio de recursos oriundos do projeto CNPq, mais precisamente na área logística e metodológica, além de um efetivo apoio na mobilização dos atores envolvidos.

As regiões **Metropolitana, Serramar, Norte Fluminense e Costa Verde** adotaram uma metodologia de realização de **uma reunião por mês**, visando a consolidação de articulações regionais de agroecologia e a promoção de intercâmbios de experiências, fundamentando-se em abordagens participativas e no diálogo de saberes (dinâmica horizontal). Estas reuniões foram realizadas sempre em um local onde se desenvolvia uma experiência em agroecologia e tinha duração de um dia inteiro. Metade do dia era destinada à **visitação** e reconhecimento da experiência contemplada, onde ocorria a **troca de experiências** entre agricultores, técnicos, estudantes, dentre outros, criando espaços para a efetiva construção do conhecimento agroecológico. A outra metade do dia era destinada a uma reunião de trabalho, visando o fortalecimento da rede de experiências regionais e encaminhamentos peculiares a cada região. Por exemplo, são nestas reuniões que se organizaram os Encontros Regionais de Agroecologia, onde se debateram as estratégias de identificação, sistematização e mapeamento de experiências, onde os participantes socializavam a pauta da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro, entre outros assuntos de fundo político.

Nas demais regiões do estado, **Vale do Paraíba e região Serrana**, as dinâmicas horizontais de interação foram menos intensas devido ao grau mais elevado de desarticulação entre os atores experimentadores da agroecologia. Existiam poucos espaços de articulação política e técnica acerca da agroecologia, apesar de existirem iniciativas agroecológicas relevantes e exitosas nestas regiões. O projeto objetivou criar certos espaços de interação e

intercâmbio através da realização de algumas reuniões nas referidas regiões, onde se procurou promover o encontro de algumas das experiências em agroecologia já identificadas. Tais reuniões foram muito importantes e na região Serrana proporcionou uma boa interação entre os diversos atores envolvidos com o desenvolvimento rural, criando-se base para organização de um Encontro Regional de Agroecologia. Já na região do Vale do Paraíba estas reuniões preliminares serviram somente para identificar algumas experiências em agroecologia, as dinâmicas horizontais de extensão rural foram bastante tímidas e a rede de experiências não se consolidou.

Identificação, sistematização e mapeamento de experiências em agroecologia

Toda a metodologia empregada para a realização desta atividade foi baseada nas dinâmicas de cada região abrangida pelo projeto, buscando garantir o máximo de participação social no desencadeamento das mesmas. Considerou-se as diversas formas já utilizadas para identificar e sistematizar uma experiência, variando de acordo com cada articulação regional, sendo também utilizada para todas as regiões uma **ficha de identificação de experiências** da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro – AARJ (anexo 1). Esta ficha foi elaborada pela AARJ a fim de instrumentalizar e desencadear o processo de identificação de experiências no Rio de Janeiro.

Nas regiões onde o processo de articulação em agroecologia se encontrava mais dinâmico, as atividades de identificação e sistematização das experiências foram facilitadas pela própria rede local de articulação, onde se verificou a formação de equipes com o objetivo específico de cumprir esta demanda.

Nas regiões onde o processo de articulação ainda se encontrava incipiente, a metodologia empregada para desencadear as atividades de identificação, sistematização e mapeamento de experiências se baseou na promoção de dinâmicas horizontais de assistência técnica e extensão rural, intensificando as interações das experiências entre si e destas com seu entorno, tendo em vista a consolidação destas articulações regionais e a facilitação do trabalho de identificação, sistematização e mapeamento.

Todo o trabalho de sistematização objetivou alimentar um banco de dados de experiências em agroecologia e subsidiar debates acerca do tema, servindo também como importante veículo de expressão e comunicação destas experiências. A metodologia

empregada no âmbito estadual também se valeu do levantamento de informações já sistematizadas pelas instituições que trabalham diretamente junto às experiências.

Sempre que possível, marcou-se com um GPS os pontos dos locais “sedes” onde a experiência em agroecologia está sendo desenvolvida, a fim de se obter as coordenadas georreferenciadas das iniciativas, e plotá-las em um mapa virtual gerado pelo software “**Agroecologia em Rede**”.

Foram identificadas 78 experiências em agroecologia no estado (ver cadastro no site www.agroecologiaemrede.org.br) lembrando que para os fins do projeto e da AARJ, a identificação de experiências consistiu em se obter informações sobre as iniciativas que as descrevessem minimamente, informações estas coletadas a partir da **ficha de identificação de experiências da AARJ**. Já a sistematização de experiências preconizou processos mais elaborados e coletivos, frutos da dinâmica de articulação potencializada pelo projeto, onde os produtos se manifestaram na forma de alguns **vídeos** (encontrados no blog da AARJ: articulacaorj.blogspot.com) e de alguns **artigos**, que como veremos adiante fizeram parte de uma publicação produzida com apoio do projeto CNPq. O mapeamento foi gerado a partir da identificação das iniciativas e da coleta de algumas coordenadas geográficas.

Esta atividade foi fomentada em 06 regiões do estado do Rio de Janeiro, sob a coordenação do bolsista em questão (articulador de campo), com o apoio dos demais bolsistas do projeto CNPq e de estagiários de um programa de extensão universitária da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, além dos componentes das articulações regionais, valendo-se das seguintes metodologias:

Região Metropolitana

A articulação metropolitana de agroecologia, devido ao seu intenso trabalho em rede, possuía um grande número de experiências já identificadas, onde muitas delas foram sistematizadas na forma de boletins, cartilhas, vídeos e outras publicações. O projeto do CNPq apoiou estas iniciativas no que diz respeito à intensificação dos processos de identificação, sistematização e mapeamento, através da **confecção de textos, preenchimento de fichas de identificação da AARJ, registro fotográfico e apoio à produção de vídeos**.

Foram identificados diversos tipos de experiências, principalmente em agricultura urbana e peri-urbana de bases ecológicas, cultivo e manipulação de plantas medicinais, produção agroecológica em assentamentos de reforma agrária, e experiências com ensino, pesquisa e extensão com base na agroecologia.

Este trabalho foi realizado por meio de visitas a campo nas experiências, por equipes de sistematização, formadas por técnicos, agricultores familiares e estudantes integrantes da articulação regional e do projeto CNPq. As ações de sistematização também foram realizadas nos intercâmbios de experiências promovidos pela articulação metropolitana de agroecologia.

Região Serramar/Baixada Litorânea

O processo de identificação, sistematização e mapeamento de experiências nesta região se desencadeou efetivamente a partir da ação do projeto do CNPq, facilitado, é claro, pelo grau de articulação desta.

A metodologia empregada baseou-se em visitas aos locais das experiências, por uma série de equipes, formadas por técnicos, agricultores familiares e estudantes integrantes da articulação regional. Foi realizado um reconhecimento das experiências, através de **caminhadas transversais**, para posterior **elaboração de “mapas falados”** (mapas produzidos pelos próprios experimentadores acerca das suas experiências). Além da confecção destes mapas, foram realizadas **entrevistas semi-estruturadas** que subsidiaram o preenchimento das **fichas de identificação de experiências da AARJ**. A partir dos “mapas falados” e das fichas elaboraram-se **textos sistematizados** sobre a experiência. Trabalhou-se também a complementação deste método através do **registro fotográfico e do apoio à confecção de vídeos das experiências**.

Foram identificadas principalmente experiências com sistemas agroflorestais, produção agroecológica em assentamento de reforma agrária, produção e conservação de sementes crioulas, entre outras.

Região Norte Fluminense

Nesta região o processo de identificação, sistematização e mapeamento de experiências se deu de maneira um pouco diferente. Tal atividade foi conduzida principalmente pelos bolsistas do CNPq, com o apoio de agentes da Comissão Pastoral da

Terra – CPT e de técnicos da CEDRO (Cooperativa de Consultoria, Projetos e Serviços em Desenvolvimento Sustentável Ltda) que atuavam diretamente com algumas das experiências em agroecologia identificadas na região.

Grande parte das experiências identificadas nesta região trabalhava na perspectiva da transição agroecológica dentro dos assentamentos de reforma agrária, com grande participação dos movimentos sociais. Identificamos também valorosas experiências em agroecologia no campo do ensino, pesquisa e extensão.

A metodologia consistiu em visitas aos locais das experiências e na **aplicação das fichas de identificação de experiências da AARJ**. O levantamento de dados já sistematizados sobre estas experiências junto às instituições locais, também fez parte da metodologia de trabalho na região.

Região Costa Verde/Litoral Sul

Esta região intensificou o processo de consolidação de uma articulação em prol da agroecologia a partir da atividade de identificação de experiências. Os processos de identificação e mobilização de algumas iniciativas em agroecologia foram dinamizados pelo projeto CNPq. Os atores regionais diretamente envolvidos com as experiências, conjuntamente com a equipe do projeto CNPq, realizaram esta identificação através de reuniões e visitas em campo.

Foram identificadas principalmente experiências em sistemas agroflorestais e manejo florestal da Mata Atlântica, praticadas principalmente por povos tradicionais (quilombolas, caiçaras e indígenas) e agricultores familiares da região.

Deu-se início ao processo de sistematização com base em informações já levantadas pelas instituições de atuação local e pela aplicação da **ficha de identificação de experiências da AARJ**, além também do **registro fotográfico**.

Região Serrana

A articulação em torno da agroecologia na região serrana durante o projeto não chegou a se consolidar em uma dinâmica frequente como nas demais regiões. Porém, iniciativas importantes no campo da agroecologia, mesmo que desarticuladas se desenvolviam na região,

sendo estas o ponto de partida para a realização do trabalho. Foram aplicadas as **fichas de identificação de experiências da AARJ** e realizadas algumas reuniões de intercâmbio, assim como visitas às experiências. Aproveitou-se também os materiais já produzidos pelas organizações que já atuam na região com a promoção da agroecologia para fins de sistematização.

Foram identificadas principalmente experiências inovadoras na área de olericultura, comercialização e acesso a mercados de produtos agroecológicos.

Região do Vale do Paraíba

O trabalho de identificação, sistematização e mapeamento de experiências nesta região foi dificultado devido à falta de articulação entre as experiências em agroecologia. Porém, foram identificadas algumas experiências inovadoras principalmente na área da fitoterapia e da reforma agrária, com grande participação de movimentos sociais neste processo de identificação e articulação.

O principal método utilizado foi por meio da aplicação das **fichas de identificação de experiências da AARJ** e por meio de materiais já produzidos pelos atores de promoção da agroecologia da região.

Organização e coordenação da Oficina Estadual de Desenvolvimento Metodológico

Esta oficina funcionou como um marco inicial do projeto do CNPq no âmbito da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro. A atividade ocorreu em maio de 2008 e teve duração de 02 dias, contando com a participação de cerca de 50 pessoas das 06 regiões do estado contempladas pelo projeto, sendo a maioria agricultores familiares.

A metodologia utilizada consistiu em se realizar uma análise coletiva das atividades relacionadas à agroecologia e à sistematização de experiências nas regiões representadas na oficina. As regiões estavam devidamente representadas pelos atores que promovem a agroecologia a nível local, sendo estes agricultores familiares, técnicos e assessores. Cada região apresentou seu contexto regional e de articulação em torno da agroecologia, enfocando se haviam ou não iniciativas de sistematização e mapeamentos de experiências ocorrendo na região, se houvessem deveriam apresentar como este processo estava se dando. Este momento

proporcionou uma vasta e rica troca de experiências sobre as diversas maneiras de se sistematizar uma iniciativa agroecológica.

A oficina seguiu com apresentações de experiências de outros locais do Brasil, tendo o mapeamento participativo e a importância da sistematização como tema central. Tais palestras tinham o objetivo de apresentar diferentes metodologias para mapear e sistematizar experiências.

O terceiro momento da oficina consistiu em encaminhar algumas ações coletivas de âmbito estadual no que se refere à identificação, sistematização e mapeamento de experiências, definindo-se que a AARJ teria como principal ferramenta a utilização da **ficha de identificação de experiências em agroecologia** para dar início a este trabalho, e que as regiões deveriam centrar forças na consolidação de redes mais locais de trocas, construção do conhecimento agroecológico e articulação, afim de deflagrar processos mais elaborados de sistematização.

Organização e coordenação de reuniões de planejamento, monitoramento e avaliação do projeto

Estas reuniões ocorreram em média a cada quatro meses, tendo como metodologia não só o planejamento, monitoramento e avaliação do projeto, mas a promoção do debate acerca de como o projeto estava se situando no âmbito da AARJ. As reuniões trataram das questões técnicas, operacionais e metodológicas do projeto, mas também funcionava como um fórum de articulação política da rede estadual de agroecologia. Portanto, nestas reuniões estavam representadas as articulações regionais de agroecologia, movimentos sociais e organizações de âmbito estadual, que fazem parte da AARJ. Geralmente as reuniões tinham a duração de um dia, mas em algumas ocasiões eram mais ampliadas e tinham duração de dois dias. As reuniões ocorreram com mais frequência na região Metropolitana, por ser uma região mais central, viabilizando-se com mais facilidade a logística e estrutura para o desenvolvimento das mesmas.

Captura de informações georeferenciadas a campo para abastecimento de banco de dados e levantamento de dados secundários para subsídio de sistematizações e mapeamentos

Esta atividade se desenvolveu a partir das incursões a campo nas experiências em agroecologia identificadas. Utilizou-se um GPS de navegação para marcar as coordenadas geográficas de algumas experiências do estado do Rio de Janeiro. Esta marcação se orientou pela “sede” em que aquela experiência era desenvolvida, por exemplo: se a iniciativa agroecológica era protagonizada por uma família de agricultores, marcava-se um ponto próximo a casa da família, se a iniciativa era protagonizada por um grupo de agricultores ou estudantes, marcava-se a sede do grupo. Ao todo foram marcados 40 pontos. Estes pontos serviriam de base para mapeamentos mais detalhados e abastecimento de banco de dados da AARJ, inclusive do software on line “**Agroecologia em Rede**”.

Os dados secundários foram levantados junto às organizações que trabalham diretamente com as experiências em agroecologia do estado, e consistiram de informações úteis para compor o arcabouço das sistematizações e descrições das iniciativas, tais como: mapas, fotos, vídeos, relatórios, entre outros.

Apoio à organização e à realização de 05 Encontros Regionais de Agroecologia e 01 Encontro Estadual de Agroecologia

Foram realizados durante a vigência da bolsa do articulador de campo 05 Encontros Regionais de Agroecologia e 01 Encontro Estadual de Agroecologia. Os **Encontros Regionais** tinham como objetivo reunir o maior número possível de experiências em agroecologia da região, e debater a partir das práticas destas iniciativas questões relativas ao fortalecimento da agricultura familiar, transição agroecológica, influência sobre políticas públicas, questões de gênero e geração, entre outros temas. Tais encontros objetivaram também promover intercâmbios entre experiências e dinâmicas horizontais de construção do conhecimento agroecológico.

Todos os encontros tiveram como princípio a participação majoritária de agricultores familiares, o máximo de alimentação agroecológica possível e a promoção do diálogo entre os diversos saberes. Os encontros se apresentaram como o ponto culminante de intensas atividades de articulação entre os diversos atores que promoviam a agroecologia regionalmente e o projeto em questão, e ocorreram respectivamente nas regiões Norte Fluminense, Costa Verde, Metropolitana, Baixadas Litorâneas (Serramar) e Serrana.

Região Norte Fluminense – outubro de 2008

Este foi um encontro fruto de um processo rico e intenso de articulação dos diversos atores regionais em consonância com a equipe técnica do projeto CNPq. O encontro foi concebido nas reuniões e dinâmicas regionais e organizado para debater o tema da transição agroecológica. Foi realizado no assentamento de reforma agrária Celso Daniel em Macaé, com duração de 02 dias tendo a participação de cerca de 100 pessoas, sendo a grande maioria agricultores familiares dos municípios de Campos dos Goytacazes, Macaé, Carapebus, Conceição de Macabu, São Fidélis, São Francisco do Iatabapoana, dentre outros. A metodologia de interação adotada priorizou as vivências práticas, realizando-se visitas às experiências em agroecologia nas proximidades do local do evento, além das plenárias maiores. Os temas dos sistemas agroflorestais e da reforma agrária foram destaque no encontro, assim como a participação dos jovens e das mulheres. Ocorreu também durante o encontro uma feira de troca de sementes, mudas e saberes.

Região Costa Verde – outubro de 2008

Este encontro teve proporções mais modestas, devido em muito ao grau de desarticulação que a região se encontrava. Porém, o encontro foi a culminância de um processo de articulação que estava se consolidando na região, tornando sua realização um marco importante no movimento pela agroecologia na Costa Verde. O encontro ocorreu na comunidade quilombola do Campinho da Independência, em Parati, com duração de 02 dias, tendo a participação de cerca de 50 pessoas, dentre elas quilombolas, indígenas, caiçaras, agricultores familiares e assessores técnicos dos municípios de Parati, Angra dos Reis e Ubatuba/SP. O tema principal do encontro foi a diversidade dos atores que promovem a agroecologia na região e os principais gargalos ao fortalecimento de um movimento agroecológico regional. A metodologia utilizada para o debate consistiu na confecção de um grande mapa situacional da região a partir dos depoimentos dos participantes, além da visita às experiências agroecológicas de alguns agricultores da comunidade do Campinho.

Região Metropolitana – novembro de 2008

Este foi o maior encontro regional de agroecologia do estado, onde tivemos cerca de 300 participantes. A preparação e mobilização para o encontro foi bastante eficiente, sendo as reuniões regionais o fórum onde os diversos grupos da articulação regional debateram as questões relativas à organização do evento. O encontro foi realizado na Universidade Federal

Rural do Rio de Janeiro, em Seropédica, houve grande participação de jovens e mulheres, e agricultores de diversos municípios da região: Nova Iguaçu, Seropédica, Belford Roxo, Rio de Janeiro, Mesquita, Nilópolis, São João do Meriti, Niterói, São Gonçalo, Magé, Duque de Caxias, entre outros. O encontro durou 03 dias e debateu através de seminários paralelos questões relativas à agricultura urbana e periurbana, plantas medicinais, reforma agrária, organização social, acesso a mercados e segurança alimentar. O encontro viabilizou uma feira de troca de semente, mudas e saberes, a fim de instrumentalizar uma dinâmica de intercâmbio de experiências.

Região Serramar / Baixadas Litorâneas – abril de 2009

Encontro organizado e realizado a partir da articulação regional em torno da agroecologia com apoio do projeto CNPq. O encontro foi concebido com o objetivo de promover uma reflexão coletiva acerca do processo do desenvolvimento agroecológico da região, e encaminhar propostas relativas à difusão da agroecologia com ênfase na comercialização e na organização comunitária. O encontro teve duração de 02 dias e contou com a participação de cerca de 80 pessoas, sendo 70% deste público agricultores familiares, e os outros 30% técnicos, assessores, estudantes e consumidores. O evento ocorreu na sede da Reserva Poço das Antas em Silva Jardim, abrangendo agricultores deste município e agricultores de Casimiro de Abreu, Nova Friburgo, Iguaba e Araruama.

A metodologia empregada consistiu de plenárias com palestras e depoimentos dos agricultores, de apresentações de vídeos, dinâmica de troca de sementes, de visitas a experiências agroecológicas regionais, e de formação de grupos de trabalho para encaminhamento de propostas para a região.

Região Serrana – setembro de 2009

Este encontro nasceu a partir da articulação de alguns dos atores que promovem a agroecologia na região, objetivando travar debates acerca do acesso a mercados orgânicos e acesso a sementes agroecológicas, além de intercambiar experiências. O encontro contou com a participação de cerca de 90 pessoas, sendo 50% destas agricultores familiares e 50% de técnicos, assessores, estudantes e consumidores, dos municípios de Teresópolis, Petrópolis, São José do Vale do Rio Preto, Nova Friburgo, Bom Jardim, Sumidouro, Duas Barras, entre outros. O evento teve duração de 02 dias e ocorreu na sede do Parque Nacional da Serra dos

Órgãos em Teresópolis. A metodologia utilizada durante o encontro se valeu das plenárias de debates, apresentações de agricultores, dinâmicas de troca de sementes, e de organização de grupos de trabalhos para encaminhar propostas de articulação em torno da agroecologia na região.

Encontro Estadual (Reunião Ampliada – AARJ) – dezembro de 2008

Este encontro foi realizado com o objetivo de se fazer um balanço das ações em rede da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro no ano de 2008, e traçar um planejamento estratégico para 2009. O encontro também tinha o objetivo de socializar as ações do projeto CNPq para os membros da AARJ, e propor uma avaliação das atividades desenvolvidas. O encontro contou com a presença de cerca de 60 participantes, representando as regiões Metropolitana, Norte Fluminense, Serramar/Baixadas Litorâneas, Costa Verde, Serrana e Vale do Paraíba. Sendo estes representantes articuladores regionais que atuam diretamente na promoção da agroecologia em suas regiões. O encontro teve duração de 02 dias e ocorreu em um colégio estadual na zona rural de Casimiro de Abreu. A metodologia utilizada durante o encontro preconizou metodologias participativas, valendo-se de depoimentos e algumas explicações sobre temas de relevância para o movimento agroecológico do Rio de Janeiro: Análise de conjuntura; Transgênicos e sementes; Identificação, sistematização e mapeamento de experiências em agroecologia; Assistência Técnica e Extensão Rural; entre outros. A partir do debate destes temas e da avaliação do processo de articulação em 2008, é que se elaborou um planejamento estratégico para 2009, tendo como foco a intensificação dos intercâmbios.

Apoio à organização e à realização de visitas de intercâmbios dentro e fora do estado do Rio de Janeiro

Esta atividade teve como objetivo central viabilizar o intercâmbio entre experiências em agroecologia dentro do estado do Rio de Janeiro e fora do estado também. A própria dinâmica da rede já proporcionava que alguns intercâmbios acontecessem, mas esta atividade focou o intercâmbio propriamente dito. Estes intercâmbios contaram com um intenso trabalho de mobilização e articulação junto aos agricultores experimentadores, tendo em vista a importância destes espaços de troca para a construção do conhecimento agroecológico. Ao todo foram promovidas 05 atividades de intercâmbio, 04 dentro do estado do Rio de Janeiro e 01 fora do Estado.

- **Intercâmbio com a Articulação Capixaba e Articulação Mineira de Agroecologia:** Esta atividade ocorreu em dezembro de 2008, e contou com a participação de 08 membros da AARJ, representantes das articulações regionais de agroecologia do Rio. O objetivo da atividade era participar de um **Encontro de Agroecologia no Espírito Santo**, em São Mateus e conhecer algumas **Escolas Famílias Agrícolas de Minas Gerais** que trabalham com o enfoque agroecológico. A atividade teve duração de 03 dias.
- **Intercâmbio entre experiências em agroecologia da região Costa Verde:** Esta atividade consistiu em uma grande troca de experiências dentro da região Costa Verde, ocorrendo em setembro de 2008, com duração de 01 dia. Agricultores familiares, quilombolas e caiçaras dos municípios de Angra dos Reis, Parati e Ubatuba - SP participaram da atividade, que teve como objetivo central conhecer o trabalho com o **aproveitamento do fruto e o manejo da palmeira Juçara**, espécie nativa da Mata Atlântica, ameaçada de extinção e ainda presente na região Costa Verde, realizado pelos quilombolas da comunidade do Camburi, em Ubatuba –SP. Participaram da atividade cerca de 30 pessoas, em sua maioria agricultores, quilombolas e caiçaras.
- **Intercâmbio entre experiências em agroecologia da região Norte Fluminense:** Esta atividade surgiu como demanda de um grupo de agricultores de parte da região Norte do Rio, mais precisamente do assentamento Celso Daniel em Macaé, e de agricultores de assentamentos vizinhos ligados à COOPMAC – Cooperativa de Agricultores Familiares de Macaé. O objetivo da atividade foi de conhecer a experiência da **Escolinha de Agroecologia** em Campos dos Goytacazes, promovida pela Comissão Pastoral da Terra da região, e elaborar um planejamento para a replicação da experiência no município de Macaé. A atividade aconteceu em agosto de 2009, teve a duração de 01 dia, e contou com a participação de 07 agricultores familiares de Macaé e de alguns técnicos ligados à AARJ.
- **Intercâmbio estadual entre experiências com sementes crioulas:** Esta atividade contemplou várias regiões do Rio de Janeiro, principalmente as regiões Serramar/Baixadas Litorâneas, Norte Fluminense e Costa Verde. O intercâmbio ocorreu em uma comunidade remanescente quilombola de Araruama, chamada Tapinoã, e teve como foco a questão das **sementes na agroecologia**, travando-se debates a partir da experiência de conservação de sementes de milho crioulo da

comunidade de Tapinoã. Fez parte também da metodologia da atividade uma grande troca de sementes entre os agricultores presentes. A atividade aconteceu em novembro de 2009 e participaram desta cerca de 30 pessoas, sendo 80% deste público agricultores familiares e quilombolas, distribuídos pelas regiões acima citadas. O intercâmbio teve a duração de 01 dia.

- **Intercâmbio estadual entre experiências em plantas medicinais:** Esta atividade teve como objetivo viabilizar a participação de agricultores e agricultoras das regiões Costa Verde e Norte Fluminense, ligados a AARJ, em um encontro de intercâmbios de experiências em fitoterapia e plantas medicinais promovido pela RedeFitovida, ocorrido em Belford Roxo – região Metropolitana do Rio, em dezembro de 2009. O “Encontro da Partilha” – como é denominado este evento da RedeFitovida – teve a duração de 01 dia e contou com a participação de cerca de 90 pessoas, sendo a maioria da região Metropolitana. O projeto CNPq viabilizou a participação de aproximadamente 20 agricultores das regiões Costa Verde e Norte Fluminense.

Elaboração de 02 boletins informativos sobre a Articulação do Rio de Janeiro de Agroecologia e de 01 caderno com descrições resumidas de 40 experiências em agroecologia do Estado do Rio de Janeiro distribuídos entre as articulações regionais de agroecologia

Esta atividade foi conduzida a partir da sinergia entre a AARJ e a coordenação do projeto CNPq, tendo como objetivos centrais divulgar as expressões da agroecologia no Rio de Janeiro e potencializar a comunicação entre as experiências, fomentando a movimentação política em torno da agroecologia e a consolidação de uma rede de construção do conhecimento agroecológico.

Os boletins informativos (anexo 2) consistiram basicamente de informes e matérias sobre o campo agroecológico, assim como de descrições resumidas de algumas das experiências em agroecologia do estado. Foram produzidos 02 boletins, um em 2008 e outro em 2009. Com o apoio da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro foram produzidas cerca de 4.000 cópias destes boletins, sendo os mesmos distribuídos amplamente pelo estado, nos encontros e eventos em que a AARJ participou.

O caderno de experiências (anexo 3) consistiu de uma compilação de descrições resumidas de 40 experiências em agroecologia do estado, cada uma com uma foto. Este caderno teve uma tiragem mais baixa (cerca de 20 exemplares) e foram distribuídos às articulações regionais de agroecologia e aos movimentos e organizações que as promovem.

Organização e coordenação de uma Oficina Estadual de Sistematização de Experiências em Agroecologia

Esta oficina foi o ponto central de mobilização para deflagração de um processo estadual de **sistematização** de experiências em agroecologia. Consistiu em um espaço de formação e capacitação acerca dos princípios, fundamentos e algumas metodologias para sistematização de experiências. Formou-se um grupo, composto por membros da equipe do projeto CNPq (inclusive o bolsista em questão) e outros membros da AARJ, responsável por coordenar este processo estadual de sistematização (Grupo de Trabalho de Construção do Conhecimento Agroecológico – GT CCA/AARJ). O processo foi dividido em algumas etapas:

- 1- Mobilização e inscrições de experiências:** consistiu na divulgação da oficina para os articuladores e experimentadores da AARJ ligados diretamente com o desenvolvimento de alguma iniciativa agroecológica, convidando estes a inscreverem suas experiências para participar da oficina. Os instrumentos utilizados foram uma ficha de inscrição exigindo um resumo da experiência em questão e os dados das organizações ou grupos referências para iniciativa, e um termo de referência (anexo 4) orientador de todo o processo estadual de sistematização.
- 2- Seleção de experiências:** a seleção das experiências para a participação na oficina se orientou pelo termo de referência e pela ordem de inscrição, já que se tinha a disponibilidade de somente 30 vagas (01 por experiência). O grupo coordenador do processo procedeu a seleção com base nos resumos enviados e com base nas informações obtidas pelos articuladores de campo ligados a AARJ. Após o processo de seleção efetuou-se os convites à participação dos representantes das experiências na oficina.
- 3- Realização da Oficina de Sistematização:** A oficina ocorreu na sede da Reserva Biológica Poço das Antas – Silva Jardim, em outubro de 2009. Contou com a participação de cerca de 40 pessoas, dentre elas os representantes de 25 experiências em agroecologia. A oficina teve a duração de 02 dias e focou sua metodologia na

construção coletiva dos princípios e fundamentos que uma boa sistematização precisa ter para funcionar como um bom instrumento de análise e construção do conhecimento agroecológico. Debateram-se quais seriam os principais pontos de atenção que as sistematizações teriam que se ater de acordo com as experiências enfocadas. Foi apresentada também uma metodologia para sistematização de experiências, na qual os participantes poderiam lançar mão no momento de elaborarem suas sistematizações (*Aprender com a prática: uma metodologia para sistematização de experiências / Jorge Chávez-Tafur: AS-PTA, 2007*). Ao final da oficina encaminharam-se os prazos para que cada experiência ali representada elaborasse suas sistematizações em forma de artigos, que viriam a compor um livro da AARJ de experiências em agroecologia no Rio de Janeiro.

Apoio à organização e elaboração de livro contendo a sistematização de 24 experiências em Agroecologia do Estado do Rio de Janeiro

Esta atividade foi conduzida a partir das sistematizações produzidas pelas experiências que participaram da Oficina Estadual de Sistematização. Conforme as etapas subsequentes a oficina, as experiências envolvidas enviaram seus artigos ao GT CCA da AARJ, responsável pela condução do processo, que organizou os trabalhos de edição dos materiais enviados. Foram recebidas 24 sistematizações em forma de artigos. A Universidade Federal Fluminense está viabilizando todo o processo de confecção do livro, desde a revisão ortográfica e gramatical, a diagramação, a confecção de capa, a impressão e as cópias. O livro conterà cerca de 180 páginas e a edição será de 1.000 cópias.

Acompanhamento ao desenvolvimento do software “Agroecologia em Rede” e cadastramento de experiências em agroecologia identificadas no Estado do Rio de Janeiro no banco de experiências on-line do software

Um dos objetivos do projeto CNPq foi criar um banco de dados que armazenasse informações de experiências em agroecologia identificadas no estado do Rio e gerasse alguns mapeamentos. Para isso a equipe técnica do projeto partiu de um sistema criado pela Articulação Nacional de Agroecologia – ANA e pela Associação Brasileira de Agroecologia – ABA, denominado “**Agroecologia em Rede**”. Em parceria com estas organizações a AARJ, subsidiada pelo projeto CNPq, promoveu um melhoramento do sistema “Agroecologia em Rede”, viabilizando uma consultoria para o desenvolvimento deste software.

O sistema “Agroecologia em Rede” antes deste “upgrade” consistia de um banco de dados sobre experiências em agroecologia latino americanas, disponível na internet, que armazenava informações básicas das experiências que eram cadastradas on-line no sistema. Com o apoio do projeto CNPq, viabilizou-se o aprimoramento do software on-line através da introdução de um **sistema “farejador”** – sistema de busca por experiências por meio da entrada de informações como, por exemplo, local da experiência, temas e tipos das mesmas, participação de mulheres, entre outros, podendo-se também entrar mediante a combinação de diversas informações ao mesmo tempo. O sistema funciona como um filtro, selecionando a busca das experiências conforme a entrada das informações que se pretende pesquisar. Para que este sistema “farejador” funcionasse bem, o cadastramento de experiências também foi aprimorado, exigindo-se uma gama maior de informações sobre as experiências a serem cadastradas, aumentando-se o potencial de busca do “farejador”.

Outra função adicionada ao “Agroecologia em Rede” foi a geração de mapas. O usuário “cadastrador” de experiências tem a opção de cadastrar as coordenadas georreferenciadas do local onde ocorre a experiência, se não possuir esta informação, cadastra-se o município da mesma. Sendo assim o usuário que pretende realizar uma busca o uma ou mais experiências tem a possibilidade de visualizá-las em mapas, o que confere a busca uma noção de territorialidade em que as experiências estão inseridas. Os mapas gerados utilizam-se das plataformas do Google Maps e do Google Earth, onde também foram incluídas informações relativas aos biomas brasileiros.

Hoje o sistema encontra-se on-line e aberto a qualquer usuário. Para se cadastrar uma experiência é preciso possuir uma senha de acesso ao sistema, concordar com a Carta Política elaborada pelo movimento agroecológico nacional no II Encontro Nacional de Agroecologia em 2006 e preencher os campos relativos às informações sobre a experiência. O “Agroecologia em Rede” é administrado e gerenciado pela Articulação Nacional de Agroecologia – ANA, pela Associação Brasileira de Agroecologia – ABA e pela Sociedade Latino Americana de Agroecologia – SOCLA, de forma que todas as experiências cadastradas passam pelo crivo destas organizações e de suas expressões regionais e estaduais.

Além de acompanhar todo o desenvolvimento deste software, a equipe técnica do projeto CNPq, principalmente o bolsista em questão, utilizou o “Agroecologia em Rede” como o principal banco de dados do projeto, efetuando o **cadastramento de 78 experiências**

em agroecologia do estado do Rio de Janeiro, com base nas informações levantadas em campo e em dinâmicas da rede, conforme as atividades anteriormente descritas. A AARJ também adotou o “Agroecologia em Rede” como referência na construção da rede, administrando o cadastramento das experiências identificadas no estado, e utilizando o sistema como meio de divulgação da rede e das experiências. O endereço eletrônico para o acesso ao site “Agroecologia em Rede” é: www.agroecologiaemrede.org.br.

5) RESULTADOS

Como resultados deste trabalho, podemos ressaltar **a ampliação do número de experiências em agroecologia ligadas a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro** e vinculadas às dinâmicas coletivas de construção do conhecimento agroecológico. Este resultado, mediante a promoção de metodologias participativas, refletiu diretamente na consolidação da AARJ e de articulações regionais de agroecologia.

Com base na metodologia que considera a **organização social e articulação** em torno das diversas experiências agroecológicas, verificamos como importante resultado do processo a seguinte regionalização no Rio de Janeiro: 1- **Serramar** (compreendendo os municípios de Silva Jardim, Casimiro de Abreu, Rio das Ostras, Araruama, Iguaba Grande, Cabo Frio, Nova Friburgo); 2- **Metropolitana** (municípios de Mangaratiba, Itaguaí, Rio de Janeiro, Seropédica, Paracambi, Queimados, Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti, Belford Roxo, Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Niterói, São Gonçalo, Itaboraí); 3- **Costa Verde** (Paraty, Angra dos Reis e Ubatuba - exceção, trata-se de um município do estado de São Paulo, que participa ativamente das atividades envolvidas pela articulação); 4- **Vale do Paraíba** (municípios de Rio Claro, Pirai, Barra do Pirai, Volta Redonda, Resende, Valença, Vassouras, Paty do Alferes, Miguel Pereira, Barra Mansa); 5- **Serrana** (Petrópolis, Teresópolis, São Jose do Vale do Rio Preto, Sumidouro, Nova Friburgo, Bom Jardim); e 6- **Norte Fluminense** (Macaé, Carapebus, Conceição de Macabu, Campos de Goytacazes, São Fidelis, São João da Barra, Cardoso Moreira, São Francisco do Itabapoana, Bom Jesus do Itabapoana). Nessas regiões vem se dando o fortalecimento de experiências de agricultore/as frente às políticas públicas, que em sua maioria, desconhecem a realidade e a proposta agroecológica. Verificamos uma amplitude de experiências em torno de: educação, comercialização, organização, alimentação, conservação e recuperação ambiental através de agroflorestas.

Como resultados expressivos das ações de articulação, sistematização, e de intercâmbios de experiências, verificou-se a **potencialização das ações de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER)** das organizações ligadas a AARJ e um acúmulo relativo à **construção do conhecimento agroecológico** por parte dos integrantes da rede, assim como uma atuação mais efetiva desta como movimento agroecológico, participando articuladamente de diversos espaços políticos relacionados ao desenvolvimento rural no estado do Rio de Janeiro.

A **construção de mapeamentos** também se apresenta como resultado fundamental do trabalho. Foram gerados diversos mapas com base nas dinâmicas supracitadas e nas atividades desenvolvidas durante o projeto, mapas estes que representam as regiões do estado do Rio de Janeiro que tiveram experiências em agroecologia identificadas. Com base também nas atividades de coleta de dados e de sistematização de experiências alimentou-se o sistema **“Agroecologia em Rede”**, software este que gera mapeamentos utilizando-se as bases cartográficas do Google Maps e Google Earth, localizando e identificando as iniciativas em agroecologia em várias escalas de território (desde a localização da experiência em seu município, até sua localização em relação à América Latina), sendo os mesmos disponíveis na internet. A metodologia de mapeamentos participativos tem gerado bons resultados, os mapas têm sido utilizados como instrumentos que podem revelar as construções sociais no território e, justamente por esse potencial, apontar conflitos e harmonias territoriais. Existem alguns estudos que abordaram a construção social de territórios, utilizando-se de mapas como instrumentos políticos e pedagógicos no processo de apropriação territorial pelas populações locais.

Pode-se também indicar como grande resultado deste trabalho a divulgação e a **maior visibilidade do campo agroecológico** no Rio de Janeiro, onde o trabalho de articulação e principalmente de sistematização das experiências em agroecologia, possibilitaram a elaboração de algumas publicações importantes, tais como dois boletins e um livro. Tivemos também a confecção de diversos vídeos, hoje disponibilizados na internet via o blog da AARJ (articulacaoorj.blogspot.com). Todo este processo serviu também para horizontalizar mais o conhecimento acerca da agroecologia no Rio de Janeiro, contribuindo por demais na construção de conhecimento relativo a este tema no estado.

6) DISCUSSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos destacar como considerações importantes relativas ao projeto, os processos metodológicos participativos desenvolvidos. Esta metodologia proporcionou a dinamização da rede de agroecologia e potencializou os resultados do projeto, visto que a partir da construção coletiva do conhecimento agroecológico, catalisada pelas interações horizontais, mapeamentos participativos, diálogo de saberes e intercâmbios de experiências, consolidou-se a atuação articulada em rede do movimento agroecológico do Rio de Janeiro.

É importante ressaltar que a AARJ passou efetivamente a funcionar como uma rede, à medida que esta se tornava visível através dos mapeamentos e dos conteúdos que as experiências agroecológicas trabalhavam. A partir das experiências mapeadas e sistematizadas, a AARJ passou a orientar e qualificar seu debate técnico e político, conferindo um maior significado político às iniciativas dos agricultores familiares e das organizações promotoras da agroecologia no estado. O projeto catalisou momentos de formação política dos atores da rede, através da construção coletiva do conhecimento agroecológico, refletiu-se os tanto os aspectos técnicos das experiências em agroecologia, como os aspectos sócio-econômicos e políticos das mesmas. A sistematização dos temas centrais das experiências em agroecologia criou bases para consolidação de grupos de trabalhos dentro da rede de aprofundamento de questões fundamentais como: agrobiodiversidade e sementes, acesso a mercados, assistência técnica e extensão rural, educação no campo, entre outros.

Outro ponto que merece uma reflexão destacada é o fato que os resultados do projeto não foram os principais benefícios do mesmo. Os processos que as atividades do projeto dinamizaram é que foram o ponto forte do mesmo. Estes processos consolidaram a rede de agroecologia do estado – AARJ, proporcionando uma grande troca de saberes e experiências, ou seja, uma rede de conhecimentos agroecológicos. Muitos dos atores que participaram destes processos refletiram suas práticas, qualificaram sua atuação, e protagonizaram as ações propostas, contribuindo fundamentalmente para os resultados finais deste trabalho, e criando fortes perspectivas de continuidade dos processos mesmo com poucos recursos.

7) CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS:

7.1) Aplicabilidade

Em todo e qualquer trabalho de extensão rural e de pesquisa participativa.

7.2) Incorporação de novas técnicas

Aprimoramento de abordagens e metodologias participativas, facilitação de processos, princípios de georreferenciamento, diversas técnicas agroecológicas de produção desenvolvidas por agricultores familiares, metodologias de sistematização de experiências, entre outras.

7.3) Geração de produtos e processos

Geração de boletins, livro, cadernos, vídeos e trabalho científico. Geração de processos de atuação em rede, construção coletiva e participativa.

7.4) Contribuição da participação no projeto para sua formação

Fundamental para a formação profissional. Um dos projetos que mais me agregou conhecimentos e satisfação profissional.

7.5. ANEXO 5



MCT/CNPq/CT-Agronegócio MDA

Edital nº23/2008 Programa Intervivência Universitária

Projeto *Campo e Campus – Jovens rurais protagonizando o fortalecimento da agricultura familiar e a construção do conhecimento agroecológico no Estado do Rio de Janeiro*

RELATÓRIO de Prestação de Contas de Bolsa EXP 3 Iranilde de Oliveira Silva

Processo nº 370337/2009-3 CNPq

Relativo ao Período de Janeiro de 2009 – Janeiro de 2011

1- Construção do conhecimento Agroecológico com a juventude do Campo e da Cidade: A experiência do Campo campus

A construção do conhecimento pode ser realizada em espaços e momentos distintos, seja na família, na escola, na comunidade e na participação nos movimentos sociais. Neste relato iremos abordar um espaço de formação pensada para contribuir na construção do

conhecimento agroecológico com jovens das organizações sociais do campo e da cidade que fazem parte da Articulação de Agroecologia do Estado do Rio de Janeiro (AARJ) em parceria com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), sendo esta parceria celebrada no projeto Campo Campus: jovens rurais/quilombolas protagonizando o fortalecimento da agricultura familiar e a construção do conhecimento agroecológico no estado do Rio de Janeiro.

O projeto aconteceu do período de 2009 a 2011, com o objetivo de atender as demandas das organizações da AARJ, que em seus fóruns regionais percebeu a fragilidade e uma nova caracterização do campo, o dito envelhecimento do campo, não colocando este termo como uma desqualificação aos idosos que permanecem no meio rural. Está preocupação se tornou aparente pelo grande ausência de jovens junto às famílias, desenvolvendo a agricultura ou outras atividades no meio rural, estão saindo em busca de novas perspectivas de vida e ocupação profissional e educacional na cidade mais próxima, ou indo para os grandes centros urbanos com perspectiva de trabalhar.

Há também a preocupação de agricultores que não estão no campo, mas dentro ou nas periferias dos centros urbanos e atuam diretamente com agricultura Urbana e Periurbana. No entanto a preocupação tem outro lado, são os atrativos peculiares da cidade: violência, drogas. Como são provenientes de uma vida no campo, acreditam que estas origens não podem ser perdidas pelos seus jovens.

Os jovens que participaram do projeto encontra-se num espaço Agrário e Urbano que passou ao longo das últimas décadas por uma expropriação induzida pelo capital agrário e capital imobiliário. Alentejano (2003) diz que o capital industrial provocou a metropolização e o capital imobiliário que subordina o capital agrário do interior, ocasionou grande esvaziamento do campo e por consequência, o inchaço dos grandes centros. Sendo este contexto que nos norteia a ação das organizações sociais.

Embora haja preocupação com os jovens, muitos são caracterizados pela sua idade, ou por estereótipos ligados a este grupo, Souza *et al* (2008) diz que esta caracterização geralmente é influenciada pelo local social que ocupam influi nas maneiras como elas são pensadas. Essa conotação geralmente não permite que os jovens em alguns casos ocupem espaços em suas comunidades ou em sua organização, enquanto existem espaços antes ocupados por eles e foram ao longo nos anos deixados de lado, isso por que ao longo do tempo a juventude vem sendo tratada dentro de um mesmo patamar dado a este grupo e não deixando que os interpretem de forma diferenciada.

Estes jovens tidos como o futuro das organizações na permanência da luta no campo e na cidade ainda são minoria, e desejam que tenham mais interesse ou que busque de outras formas contribuir na consolidação e ampliar a luta do movimentos sociais. No caso da Articulação de Agroecologia, a junção acontece norteada pela luta Agroecológica que é uma bandeira de luta política, indo para além do debate da condição de produção de alimentos

saudáveis, mas permeia a soberania popular, a luta pela reforma agrária popular, pelo resgate e valorização à cultura, por uma educação de qualidade para os sujeitos do campo e da cidade.

A metodologia usada que contribui na abordagem para a formação com os jovens, foi a Pedagogia da Alternância, que consegue aglutinar as vertentes de formação articuladas com a realidade de cada jovem para as ações teóricas e práticas de seu cotidiano.

Para acompanhar o diálogo com as organizações, um grupo foi constituído: a coordenação executiva composta por professores e estudantes da UFRRJ, que também fazem parte da AARJ, assim como organizações sociais das regiões, sendo Região Norte Fluminense, Região Serra Mar, Região Metropolitana, Região Costa Verde (Sul), e Região Vale do Médio Paraíba era representada pelo MST, por não ter uma organização da AARJ.

Este grupo buscou se apropriar das temáticas norteadoras para a formação dos jovens e de sua própria realidade, para poder assim organizar a abordagem. Desta forma foram realizados seminários de debates sobre a “Educação do Campo e a Pedagogia da alternância e suas experiências no Rio de Janeiro” que envolviam a temática da questão Agrária para melhor compreensão do espaço e lutas das organizações. Estudos e reuniões para a definição da abordagem local com os jovens, como identificar sua realidade a partir da leitura realizadas por eles.

Em todos os espaços foi importante a AARJ está presente, por estar mais próximo da realidade e ou dar condições de que o grupo executivo pudesse ter mais acesso a ela. Tendo assim de cada região pessoas das organizações, que foram chamadas de Acompanhantes Pedagógicos, que contribuía na universidade e na região, devido à proximidade com os jovens. Estes foram indicados pelos movimentos sociais.

A mobilização dos jovens levou em consideração instruções do Edital nº 23 CNPq, onde o público teria uma faixa etária de 14 a 18 anos de idade, e estar matriculado no ensino fundamental e/ou médio. Com estas especificações, muitas organizações apresentaram que nem todos os seus jovens em potencial estariam ou na faixa de idade, ou em atividade escolar, visto que alguns já haviam terminado ou não freqüentavam mais a escola devido a dificuldades ou necessidades familiares o fez parar para trabalhar, e também tinham os que não haviam freqüentado a escola (analfabetos funcionais).

Está é uma realidade aparente que não pode ser deixada quando dados do Censo Demográfico de 2000, apontam que 29,8% da população do campo com 15 anos ou mais é analfabeta, enquanto que na área urbana o indicador é de 10,3%. A questão seria então a metodologia de abordagem teórica teria que atender a esta demanda, sendo assim aceita este desafio, também pelos jovens.

O desafio próximo seria a linguagem de abordagem aos jovens, com idades e identidades distintas. Assim a fase dita como mobilização teve que ser elaborada com uma metodologia que pudéssemos captar a expectativa dos jovens indicados pelas organizações, e conjugá-las para pensar na abordagem durante a vivência presencial na Universidade Rural.

Em reuniões regionais com os jovens, a proposta foi apresentada e eles tiveram que escrever uma carta onde se apresentavam levando em consideração três perguntas: *Como eu sou na família? Como eu sou na comunidade? E como eu sou na comunidade?*

Com este material se pode pensar no conteúdo programático na formação, pois destas ficou claro suas expectativas, sua compreensão sobre agroecologia e outras temáticas, e principalmente dos desejos futuros, que em alguns casos passam longe da proposta da formação, mas que estão indo por respeito a expectativa da família.

Essa abordagem foi importante, por ter dado condições de apresentarem à leitura da sua realidade e perspectivas, nos deixando ainda mais claro a diferença entre os jovens e estes nas organizações, grau de inserção enquanto jovem na comunidade, a relação com núcleo familiar que tem uma grande influência na formação e educação.

A relação com a família é descrita por Lima *et al* (2006), jovens próximos da família de origem, assim como próximas a outras que pode manter relação de convivência esta proximidade é destacada pelo autor como um ponto positivo da sua permanência dos jovens nas organizações, a medida que está em circulo de apoio para as questões concretas da vida. E ainda diz que os jovens engajados na organicidade, a importância da família é ainda mais visível, quando faz parte de um grupo organizador, torna-se um núcleo de apoio e projeção fundamental na formação de um militante.

Assim como a relação co-existente com as organizações sociais visto como espaços coletivos de formação, Lima *et al* (2006) também diz que embora muitas organizações preocupam-se com os jovens, mas não positivamente em espaços de coordenação. O que tem mudado com as intervenções que demonstram as sua potencialidade de criação e a busca por compreender o papel de ser jovem dentro de sua organização e sua forma de contribuir. Lima *et al* (2006) também descreve em seus trabalhos que:

[...] ser jovem nos movimentos é, também, ter condições políticas de coordenar o processo da luta e da organicidade e, mais do que isso, é assumir-se como sujeito de seu processo de aprendizagem, cultivando valores e princípios de quem se educa em coletivo.

O contexto da AARJ com seus jovens é de que estes consigam ampliar o debate da agroecologia, seja pela família, comunidade até atingir outras esferas. E que a partir da juventude se atingi outros jovens, usando a linguagem e formas de abordagem.

As organizações buscaram ao máximo que os jovens estivessem inseridos em atividades locais. Em muitas a dificuldade foi aparente, vindo jovens que seus pais são as referencias e não os jovens, e muitos destes embora contribuam na atividade produtiva não tem o desejo

futuro de ser agricultor. Outros não desejam sair da vida atual e buscam desenvolver melhor a agricultura da família, dar sustentabilidade ao meio onde vive.

Desta forma a primeira turma foi composta de 38 jovens das regiões, com idade de 12 a 18 anos, e a segunda turma foi composta de 28 jovens com faixa de idade de 14 a 16 anos. Destas houve desistências que somando das duas turmas atingimos cerca de 12 jovens no total de 2 anos do projeto.

Bem após as mobilizações nas regiões pudemos perceber de onde estavam vindo, e podemos apresentá-los da seguinte forma: jovens rurais e urbanos. Sendo Jovens que vivem no campo: filhos de assentados da Reforma Agrária (ligado ou não ao MST ou CPT), filhos de agricultores familiares, caiçaras, indígenas e quilombolas:

Assentados da Reforma Agrária aqui têm que fazer duas caracterizações jovens com identidade ao MST e jovens que não se identificam como parte da organização: os jovens do MST possuem uma vida de envolvimento nas atividades que acontece no assentamento (reuniões, assembléias, atos organizados pela organização) e fazem parte ativamente (alguns apenas contribuem) das atividades produtivas na unidade de produção da família, e no caso das meninas ainda ajudam nos afazeres domésticos. Além de terem muitas dificuldades para chegar até a escola, geralmente precisam andar até ela, ou andar para chegar até o transporte que os levará, que em muitos casos são realizados de forma precária.

Essa é uma realidade de todos os Assentamentos da Reforma Agrária do Estado do Rio de Janeiro, seja ele próximo ou não aos centros urbanos, como temos alguns jovens que moram muito próximo às cidades, mas a infra-estrutura ainda é mínima.

Para a diversão, geralmente buscam nas comunidades vizinhas, o que geralmente fica bem mais a cargo dos meninos que das meninas devido às distâncias. Futebol também é uma atração para os finais de semana.

Quilombolas: os jovens que participaram do projeto atuam em outras ações em suas comunidades seja ela de resgate cultural ou para preservação ambiental, resgatando culturas degradadas pelo homem nas suas modificações ambientais. Alguns jovens atuam na agricultura com sua família, com atividades de SAF e outras produções. Os jovens que se encontram nesta realidade também passam por dificuldades estruturais de acesso, são áreas isoladas ou são áreas que têm muitas ações voltadas a cultura e tem acessos a tecnologia do que a transporte. Fazem parte de um aspecto da luta pela permanência na terra de direito por herança de descendente.

A falta de perspectivas e as dificuldades de acesso muitos param de estudar, e buscam trabalhos em condomínios ou nas cidades turísticas próximas as suas comunidades, ou nas áreas de reservas que são criadas nas áreas remanescentes de quilombo.

Alguns jovens embora viessem de áreas remanescentes de quilombos não se identificava como tal, são áreas onde a cultura ao longo dos anos foi sendo deixadas de lado, e atualmente algumas organizações buscam contribuir com o resgate junto aos “griós” (mais antigos).

Indígenas: os jovens vivem em áreas isoladas, com uma dinâmica diferenciada de todas as outras comunidades. A agricultura é de subsistência e os jovens ainda vivem de acordo com os ritos dos mais antigos, embora com muitos traços diferentes de sua cultura.

Caiçaras: Os jovens estão envolvidos na dinâmica da família, que em muitos dos casos vivem da pesca e da atividade turística, com os campings em seus quintais, ou buscam atividades na cidade. As famílias dos jovens que participaram do projeto vivem do turismo, e agricultura era desenvolvida apenas pelos “antigos” como dizem. São comunidades que lutam pela sua cultura e por seu território.

Agricultor familiar: os filhos de agricultores familiares participam da dinâmica das famílias na produção agrícola, geralmente não vivem em comunidades, são produtores isolados e mantêm a comunicação com outros através de ações que acontecem nas suas regiões. Geralmente as atividades culturais, diversões são buscadas nas cidades mais próximas ou não.

Jovens que vivem no meio urbano: filhos de agricultores urbanos (quintais, lajes, plantio em vasos, hortas comunitárias, faixa de dutos entre outros), mas que seus filhos têm uma rotina na maioria dos casos de ir para escola, fazer tarefas domésticas, televisão, futebol entre outras atividades diárias. Suas atividades culturais são em alguns casos bailes de “Funck”, shopping entre outras.

Com todas estas características foram a base para pensar o Tempo Escola, e neste período foram importantes para contribuir na organização dos seus trabalhos que seriam desenvolvidos no Tempo comunidade. Os trabalhos levaram em consideração a inserção dos jovens nas organizações e na Articulação regional de agroecologia e estes tinham o objetivo de ampliar a relação deles e que fossem espaços de mobilização e formação para outros jovens.

Foi nas atividades do tempo comunidade que os entraves foram se mostrando, como a falta de espaços casados com as dificuldades dos jovens se colocarem na construção. Muitos trabalhos tiveram que ser reformulados, por diversas condições econômicas, técnicas, e estruturais. Aqueles que apontaram ações mais locais e que tiveram mais apoio da sua organização e família conseguiram avançar em suas propostas.

A dificuldade regional da Articulação tornou-se aparente, neste contexto. As expectativas organizativas e de acompanhamento regional também ficaram aparentes. Os jovens por sua vez apontaram também a dificuldade de diálogo com os adultos, que ainda apresentavam algum descrédito com sua atuação de trabalho. O que fez com que a coordenação executiva buscasse junto a AARJ uma construção metodológica para este acompanhamento e para contribuir no desenvolvimento das atividades propostas pelos jovens.

A criação de um grupo de trabalho (GT) de jovens na AARJ, onde mais organizações foram se propondo a ajudar na construção tanto regional quanto estadual. Principalmente na busca de ajudar nas questões estruturais de tanto dificultavam os trabalhos nas regiões, pois o projeto não tinha condições de financiar por não ter sido proposto. Com isso alguns projetos foram se colocando a disposição como o projeto PDA na região Sul e um projeto foi financiado pela FASE na região metropolitana para avançar na organização dos jovens articuladores.

E com o perfil de jovens articuladores que alguns da primeira turma foram indicados para a coordenação e acompanhamento dos jovens da segunda turma, o que nos fez acreditar de fato que quando os jovens assumem tarefas e são acreditados para tal, eles a desenvolvem dentro das suas possibilidades e potencialidades, isso ficou muito claro quando estes contribuíram para o desenvolvimento da segunda turma desde a mobilização, pensar grade de programação de acordo com as suas avaliação e de sua turma e na coordenação político pedagógica durante o Tempo Escola.

Em todo o processo de formação, buscou-se atingir não somente o objetivo de que os jovens pudessem interpretar Agroecologia como suas organizações, ou com conceitos mais técnicos, mas pudessem desenvolver a sua identidade de jovem, atuante ou não, mas tenham condições de interpretar a luta classe onde estão inseridos e ainda não se sentem totalmente parte, e acreditamos termos atingido esta meta.

E com esta juventude que hoje a AA regional tem avançados nos debates sobre a produção agroecológica, sustentabilidade, avanços nos resgates culturais e principalmente que a bandeira da Agroecologia está sendo defendida pelos seus jovens.

2- Finalidade da Bolsa

Buscar atender de forma criativa, crítica e participativa as atividades acadêmicas e político-pedagógicas do projeto, respeitando os princípios orientadores que estreitam a experiência de extensão-pesquisa universitária às experiências políticas e coletivas dos movimentos sociais envolvidos com a juventude rural/quilombola; segundo os objetivos da Bolsa EXPO 3 e a Justificativa apresentada, a seguir encaminho a proposta de Plano de Trabalho:

- Articulação do trabalho de bolsista junto à coordenação do Projeto e às Entidades parceiras e colaboradoras;
- Estruturar e organizar recursos da informática para a Secretaria do Projeto, juntamente com a bolsista de ITI e a Coordenação do projeto;
- Visitar as comunidades de onde os jovens serão selecionados, para estruturação de um tipo de diagnóstico rural participativo, com o objetivo de iniciar um levantamento de dados do perfil sócio-gráfico dos jovens e os seus familiares;
- Acompanhar a Entrevistância, desde o processo de seleção dos jovens junta às comunidades e, sobretudo, contribuindo na concepção e estruturação dos espaços formativos;

Colaborar organizando os recursos didático-pedagógicos, os módulos juntamente com os pesquisadores-colaboradores e a coordenação;

- Participar da elaboração de material didático sobre a Pedagogia da Alternância e Agroecologia;

- Participar de processos de planejamento e aplicação dos módulos na Intervivência no período no Centro de Formação na Fazendinha Agroecológica na UFRRJ/EMBRAPA, Tempo Comunidade / Tempo Escola;

- Acompanhar as atividades da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro com objetivo de internalizar o debate do projeto;

- Colaborar com a coordenação do projeto e a equipe com propostas que possibilitem o desenvolvimento de pesquisa sobre estado da arte Educação do Campo e a Formação de Professores;

- Publicação de Trabalhos e participação em eventos da área do projeto.

3. Detalhamento das Atividades do Projeto

3.1-Janeiro /Fevereiro 2009

Período de Apresentação do Projeto pela UFRRJ, com intuito de aglutinar e aumentar as parcerias na universidade e com as organizações sociais do Campo e da Cidade da AARJ.

Momento Organização da Coordenação Executiva do Projeto

- Foram realizadas reuniões com objetivo de discutir o projeto, as metas a serem implementadas e selecionar bolsista da Graduação para Bolsa ITA- A.

- Reuniões para formação e consolidação da Coordenação Executiva e Pedagógica. Sendo esta composta pela AARJ (GETERRA, GAE, MST, Germinal CPT Nova Iguaçu e Norte Fluminense, Cooperativa Floreal, quilombo Campinho – Paraty), UFRRJ, e parcerias.

- Reuniões com a Coordenação Política da Articulação de Agroecologia, com objetivo de ampliar o debate para todas as regiões da AARJ. Espaço importante para deflagrar a seleção dos jovens nas regiões e organizações sociais da AARJ, assim como definição dos Acompanhantes Pedagógicos Regional.

3.2 – Março a Maio

Período destinado à Coordenação Executiva e Pedagógica apropriar-se e ampliar os conhecimentos sobre as temáticas para a formação dos jovens na Intervivência Universitária e realizar a Mobilização nas regiões.

Momento de Estudo da Coordenação Executiva

- Seminário de Educação do Campo, Reforma Agrária e Agroecologia que buscou ampliar e ao mesmo tempo estreitar conceitos, e buscar compreender os diversos atores sociais que estarão envolvidos no Projeto Campo e Campus.

Estes seminários também objetivaram estreitar as linhas de desenvolvimento do projeto e sua intervenção na prática cotidiana e conceitual dos jovens da AARJ. Em todos os seminários estiveram presentes as organizações sociais, instituições parceiras do projeto e algumas foram convidadas como o Instituto Ibelga de Nova Friburgo/RJ, Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

Os seminários trouxeram então subsídio para organizar o Projeto Político Pedagógico e elaboração da programação do Tempo Escola com seus conteúdos especializados.

- Seminário Campo e Campus, com objetivo de sensibilização dos participantes e parceiros do projeto para pensar Estudos e Metodologias aplicadas à Formação dos Jovens rurais e quilombolas; Discussão sobre o instrumento para o mapeamento e seleção dos jovens.

Momento de organização para Mobilização dos jovens nas regiões junto às organizações da AARJ.

- Reuniões para definir a metodologia de abordagem para a seleção dos jovens com as organizações sociais, buscando atingir as exigências do CNPq e da necessidade dos Movimentos Sociais na indicação de seus jovens.

Definiu-se então que os jovens apresentados pelas organizações da AA, iriam fazer em formato de uma carta de intenção, apresentando-se da seguinte forma: *Eu na família, Eu na Escola e Eu na comunidade*. E também buscar que estes apresentassem suas expectativas para participar do projeto com ênfase na formação em Agroecologia.

- Reuniões de organização e planejamento das Regiões para definir os acompanhantes pedagógicos regional, e a Coordenação Local. Reafirmação de compromissos com os parceiros e as instituições;

- Ida às regiões com intuito de localizar e conversar com os jovens que atuavam em projetos sobre assuntos em comum ao da Agroecologia e Agricultura Familiar; mapear jovens interessados na faixa de idade proposta pelo projeto.

Reunião dos jovens e Coordenações Locais para aplicação de instrumentos como Carta de intenção; Recolhimento das cartas de intenção para futura seleção. Identificação dos níveis de escolarização dos jovens.

- Visitas junto às comunidades dos jovens para reconhecimento das propriedades, produção agrícola, tipo de atividade familiar, formas de sociabilidade, etc. visando a estruturação do Tempo Comunidade juntamente com a coordenação local; A ida aos locais deu condições para conhecermos um pouco do cotidiano dos jovens que viram o nosso projeto como uma forma

de interagir com o mundo acadêmico e assim ampliarem os conhecimentos sobre a agroecologia se relacionando com outras realidades.

- Tabulação e Categorização das informações constantes nas cartas de intenção.

- Reconhecimento dos espaços de formação do 1º Tempo Escola (UFRRJ, Fazendinha Agroecológica, Sítio do João Pimenta em Seropédica, Escolinha de Agroecologia em Nova Iguaçu, CAIC Paulo Dacorso Filho etc.)

3.3 – Junho/Julho/Agosto

Período para organização Pedagógico do 1º Tempo Escola na UFRRJ, e iniciar o 1º Tempo Comunidade dos jovens.

Momento para organizar o Tempo Escola

- Reuniões para programação do Tempo Escola (conteúdo, metodologia, atividades, experiências e estrutura física e material), junto à coordenação do projeto e as entidades que formam a coordenação política e pedagógica do projeto.

- 1º Tempo Escola aconteceu de **20 de julho a 02 de agosto de 2009**. Acompanhando a Coordenação Política Pedagógica, composta por Bolsistas de Graduação da UFRRJ, os Acompanhantes Pedagógicos Regional, Estudantes da UFRRJ, Movimentos da AARJ e Professores da UFRRJ.

As atividades foram envoltas ao acontecimento das atividades programadas, seja teórica ou prática, e acompanhar a boa organização da estrutura para acontecer o Tempo Escola.

3.4- Agosto/Setembro/Outubro

Período para desenvolver as atividades do Tempo Comunidade nas regiões com os Jovens

Momento Tempo Comunidade

- 1º Tempo Comunidade inicia após o término do T.E, este dura até a próxima etapa já agendada para Janeiro de 2010.

É um período de acompanhar todas as regiões junto as Acompanhantes Regionais e a comissão que fora instituída na CPP durante o T.E, que iriam contribuir no desenvolvimento das Atividades dos Jovens nas suas comunidades.

Promovendo encontros entre os jovens das regiões e a refazendo planos para a construção de atividades de campo cuja finalidade é aprender a fazer no espaço onde os fenômenos naturais, culturais e sociais ocorrem.

Participar das Reuniões Regionais da AA, Região Metropolitana; Serra Mar; Norte e Sul Fluminense além da Região Vale do Médio Paraíba, onde se apresentava um desafio no acompanhamento, pois a AARJ não tem organicidade presente.

- Seminário Tempo Comunidade voltado à discussão e avaliação do tempo escola em relação tempo comunidade e as condições pedagógicas de acompanhamento; Este seminário contou com a presença de jovens das Regiões.

Também fora importante para aprofundar temas e conhecimentos conceituais da Educação do Campo, Reforma agrária, da Pedagogia da Alternância, sobretudo as questões da agroecologia e meio ambiente. Relatos sobre as experiências em andamento, de modo que possamos delinear caminhos para manter o Trabalho no Tempo Comunidade;

- Sistematização de material produzido durante o Tempo Escola.

- Preparar material de divulgação do Projeto para Boletins das Organizações Sociais do Campo e da Cidade, via internet, jornal impresso etc.

3.5 - Novembro/Dezembro

Momento de remobilizar os jovens e regiões para o 2º Tempo Escola

- Preparação da segunda etapa do Tempo Escola, a partir dos elementos sistematizados da primeira etapa do tempo escola em julho de 2009 e nas orientações provenientes dos seminários e visitas técnicas do tempo comunidade.
- Visita as comunidades para mobilização e preparação dos jovens para segunda etapa do tempo escola. Confronto entre questões de estudo e da experiência de vida em comunidade e na família.

3.6 – Janeiro / Fevereiro 2010

Momento do 2º Tempo Escola na Universidade Rural

- Acompanhamento do Tempo Escola. (24 de janeiro a 07 de fevereiro 2010)
- Apresentação dos Trabalhos finais e preparação para o 2º Tempo Comunidade dos jovens, tendo este com objetivo também de mobilização de outros jovens para a 2ª turma de Intervivência Universitária.
- Elaboração de um Vídeo sobre Juventude e Agroecologia produzido pelos jovens do projeto durante as oficinas de Mídia.
- Sistematização das atividades desenvolvidas durante o Tempo Escola.

3.7 – Março a Junho de 2010

Preparação para 2ª Turma de Intervivência e o 2º Tempo Comunidade dos Jovens

Momento preparação 2ª turma

- Seminários regionais com os jovens da AARJ. Estes seminários foram organizados pelos jovens com objetivo de convidar e partilhar com os outros jovens as experiências do Intervivência e efetivar o convite para participar da 2ª turma.
- Reunir com o Grupo Executivo da AA, para apresentar resultados da primeira turma e mobilização da segunda Turma de Intervivência Universitária
- Sistematização das avaliações dos jovens para preparar atividades pedagógicas para a 2ª Turma

Momento 2º TC.

- Reuniões com responsáveis e acompanhantes pedagógicos, para apresentar a proposta da Intervivência Universitária.
- Mobilizar os jovens para Encontro Estadual de Agroecologia, que se realizará na UFRRJ em Agosto de 2010.
- Mobilizar os jovens para Encontro de Jovens que será realizado antes do Encontro Estadual de Agroecologia.

3.8 – Julho / Agosto de 2010

Momento 1º Tempo Escola da 2ª Turma e Encontro de Jovens

- O 1º TE da 2ª Turma, foi realizado de 25 de julho a 03 de agosto. Acompanhando a Coordenação Político Pedagógica, composta por Bolsistas de Graduação da UFRRJ, os Acompanhantes Pedagógicos Regional, Estudantes da UFRRJ, Movimentos da AARJ e Professores da UFRRJ.

As atividades foram envoltas ao acontecimento das atividades programadas, seja teórica ou prática, e acompanhar a boa organização da estrutura para acontecer o Tempo Escola.

- No dia 04 de agosto aconteceu o Encontro de Jovens que uniu a primeira e segunda turma. Os jovens puderam fazer avaliação da Intervivência, socializar idéias, discutir os entraves e dificuldades encontradas nas atividades de formação.

Durante o Encontro os jovens puderam discutir o seu papel na organização a qual se sente parte ou faz parte. Outro espaço importante da atividade foi à inserção dos jovens da segunda turma nos projetos em andamento nas comunidades.

- Colaboração no Encontro Estadual de Agroecologia realizado na UFRRJ, nos dias 05 a 07 de Agosto, com representação dos jovens, de agricultor@s e experiência em agroecologia do campo e da cidade.

2.9 – Setembro/ Outubro

Momento do Tempo Comunidade da 2ª Turma

- O Tempo Comunidade inicia após o término do T.E, este dura até a próxima etapa já agendada para Janeiro de 2011.

É um período de acompanhar todas as regiões junto as Acompanhantes Regionais Participar de encontros dos jovens nas regiões, buscando contribuir no desenvolvimento das atividades.

- Acompanhar junto a região metropolitana atividades de projeto aprovado pelos jovens para fortalecer as ações em suas organizações, e comunidades.

- Sistematização das atividades pedagógicas do Tempo Escola.

- Organizar documentação de autorização de imagem dos jovens que serão usadas em publicações de divulgação do projeto Campo – Campus

- elaboração de artigos e materiais de divulgação escrita e boletins *on line*.

2.10 – Novembro / Dezembro

Momento de preparação para o 2º Tempo Escola

- Participação no III Seminário de Agroecologia do Mato Grosso do Sul, realizado nos dias 18 e 19 de novembro 2010 - Corumbá-MS.

- Mobilização dos jovens nas regiões para o 2º Tempo Escola. Assim como a preparação da Etapa, com preparação da programação e convite a assessorias e verificação de locais para atividades praticas de campo.

- Elaboração de artigos e material de divulgação do projeto.

- Preparação de artigos para o livro de Experiência do projeto.

2.11 – Janeiro / Fevereiro 2011

Momento do 2º Tempo Escola.

- Acompanhamento do Tempo Escola realizado em 17 a 27 de janeiro de 2011 na Coordenação Político Pedagógica, composta por Bolsistas de Graduação da UFRRJ, os Acompanhantes Pedagógicos Regional, Estudantes da UFRRJ, Movimentos da AARJ e Professores da UFRRJ.

- Sistematização das atividades pedagógicas do tempo escola.

- Elaboração de artigos para publicação. E organização de textos para o Livro Experiência do Projeto Campo Campus.

- Organização do Relatório para o Órgão financiador – CNPq.

3- Trabalhos que foram publicados a partir da Experiência do Campo – Campus

- 1- *Sistematização Campo e Campus – jovens rurais/quilombolas protagonizando o fortalecimento da agricultura familiar e a construção do conhecimento agroecológico no Estado do Rio de Janeiro.* Para o livro de Sistematização de Experiências em Agroecologia da Articulação de Agroecologia – Caminhos do Rio. Em fase de publicação pela editora da Universidade Federal Fluminense (UFF)
- 2- *“Jovens rurais /urbanos/quilombolas protagonizando o fortalecimento da agricultura familiar e a construção do conhecimento agroecológico no Estado do Rio de Janeiro”* anais do no III Seminário de Agroecologia do Mato Grosso do Sul, realizado nos dias 18 e 19 de novembro 2010 - Corumbá-MS
- 3- *“Educação do Campo e os Movimentos Sociais: experiências entre o institucional e o instituinte mediadas pela agroecologia, docentes da UFRRJ e Grupos de Agroecologia e Reforma Agrária”* no III Seminário de Agroecologia do Mato Grosso do Sul, realizado nos dias 18 e 19 de novembro 2010 - Corumbá-MS.
- 4- *Juventude protagonizando a transição agroecológica no Estado do Rio de Janeiro.* Submetido a Revista Agriculturas da ASPT-A.
- 5- *Jovens Rurais /Urbanos/Quilombola na construção do conhecimento agroecológico no Estado do Rio de Janeiro.* Submetido ao III Congresso Latinoamericano de Agroecologia, que será realizado nos dias 17 à 19 de agosto 2011 – Oaxptec/México.

4 – Resultados alcançados

O projeto desenvolvido em parceria com a Universidade Rural do Rio de Janeiro e as diversas organizações sociais contribuiu para apropriação de conhecimentos especializados aos jovens da articulação de agroecologia, e em concomitância as suas famílias e organizações.

A relação instituição instituinte avançou a partir desta parceria, e contribui muito na Articulação regional de Agroecologia, visto que seus jovens ajudam a construir o debate da Agroecologia com as suas realidades e saberes.

Atingiu-se todas as metas propostas pelo projeto, indo além das expectativas. E com a criação do Curso de Licenciatura em Educação do Campo do PRONERA em Parceria com a UFRRJ, muitos dos jovens estão como estudantes desta IFES e atuantes na construção desde dialogo de saber.

Assim como projeto o curso usa a pedagogia da alternância que embora prime por uma trajetória individual de formação, o que se estuda está relacionado com a comunidade e o desenvolvimento sustentável da mesma. E neste contexto político-cultural é que se poderá fortalecer o protagonismo dessa juventude e dos agricultores.

O projeto atingiu 38 jovens no primeiro ano e 28 no segundo, e no total dos dois anos tendo 12 jovens chegaram a desistir. Devido a fatores como desarticulação na região com a comunidade, e até mesmo por ter identificado que não tinha perfil para estar naquele espaço de formação.

A percepção de Agroecologia, embora tenha ficado mais ligada as questões praticas de produção, outras esferas políticas foram assimiladas como a educação do campo, protagonismo juvenil, ou seja, conseguiram configurar a sua identidade de juventude do

campo e juventude da cidade, e ser jovem dentro de sua comunidade, de sua organização e de principalmente dentro de sua família.

Apresentou-se a grande necessidade de ações deste porte continuasse, fortalecendo as organizações que atualmente estão conseguindo a cada momento inserir e transpor os estereótipos e fazendo uma leitura sobre as diversas juventudes existentes no seu meio.

Bibliografia

ALENTEJANO. Paulo Roberto Raposo,; **Reforma Agrária, território e desenvolvimento no Rio de Janeiro**. 2003. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - CPDA/UFRRJ, Rio de Janeiro, RJ.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2000). Censo demográfico. In: Coleção Cadernos Pedagógicos do ProJovem Campo: Saberes da Terra. Ministério da Educação. Brasília-DF. 2008.

LIMA. Carla Martins Henrique de,; ZUCHETTI. Dinora Tereza,;DARTORA. Eber Cristian,; POTTER. Mariana de,; HAMMEL. Marilene,; CHRIS. Sandra Regina,; ALMEIDA. Sandro Roque de,; **Jovens em movimento(s)**. In Como se formam os sujeitos do campo? Idosos, Adultos, Jovens, crianças e educadores organizado por CALDART. Roseli Saete,; PALUDO. Conceição,; DOLL. Johannes. PRONERA: NEAD, 2006.

SOUZA. Maria Eunice Barbosa,; ANDREATA. Marcelo de Faria Corrêa,; RAMBO. Sirlei Terezinha Frisão,; **Um contexto, uma época: a escola e os sujeitos jovens do campo**. In Teoria e pratica da Educação do Campo: análises de experiências. MDA. Brasília. 2008.